

As Suas vestes
ou as minhas

FRANK B. PHILLIPS

Se desejar informações sobre como adquirir mais exemplares deste livro, contacte **Justified Walk Ministries** na morada abaixo, no telefone: (269) 471-9224, ou por e-mail: justifiedwalk@justifiedwalk.com.

Mais informações sobre este livro, sobre séries de sermões ou outros recursos da autoria de, ou recomendados por, Frank B. Phillips, podem ser consultadas no final deste livro, e na Internet, em **www.justifiedwalk.com**.

Os textos bíblicos, a menos que se indique de outra forma, são tirados da Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida, publicada pela Sociedade Bíblica Portuguesa em 1994. Todas as outras citações, a menos que se indique de outra forma, são tiradas dos livros de Ellen White.

Copyright 2003

Todos os direitos reservados.

Capa: Jessica Schultz

Impressão: Review and Herald Graphics Division

Publicado por Justified Walk Ministries
PO Box 233, Berrien Springs, MI 49103-0233
Estados Unidos da América

Este livro não é para venda. Foi pago na cruz! Tendo em conta o avançado da hora e a urgência da mensagem nele contida, estamos a tentar distribuir este livro o mais ampla e rapidamente possível. Se se sentiu abençoado pelo que leu, oremos para que partilhe o livro com outros e, com prazer, lhe faremos chegar mais exemplares. Os donativos para ajudar a suportar este esforço são aceites com gratidão, caso o Senhor o/a inspire a fazê-lo.

“De graça recebestes, de graça dai.”

“É dando que recebemos.”

ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução – As vestes nupciais	7
1. Confidencial! Informação “Ultra Secreta”!	12
2. Perfeitamente Legal	21
3. Quão Bom é Perfeito?	31
4. Religião Fúnebre	37
5. Os Cristãos Nascem, Não São Feitos	45
6. Da Justificação Para o Quê?	53
7. Escadas Servem Para Subir	62
8. Fundamento Sólido – “Acrescentai à Vossa Fé”	72
9. Alarguemos o Alicerce – “A Virtude”	78
10. Fonte Ilimitada de Poder – “Conhecimento”	82
11. Cada coisa no seu lugar – “Temperança”	86
12. Paciência – O Trabalho Perfeito de Deus	91
13. Sem Paragem	95
14. O Quê? Acabou-se a Competição?	100
15. Amor Ilimitado	104
16. Foi Jesus Tentado Como Nós Somos?	107
17. Segue-Me	116
18. Estai em Mim	122
APÊNDICE A A Natureza de Cristo	129
APÊNDICE B Vontade Humana	154
APÊNDICE C Santificação – Plano de Deus	162
APÊNDICE D O Nosso Ministério...	164

Prefácio

Este livro foi escrito pelo falecido Pastor Frank B. Phillips, durante um período de dez anos da sua reforma, quando, com a sua esposa Dorothy, apresentaram a maravilhosa mensagem de “Cristo, Nossa Justiça” em reuniões de reavivamento. Deus abençoou grandemente os seus esforços. Os seus sermões eram avidamente ouvidos e apreciados, partilhados com outros, e os seus ouvintes experimentavam um reavivamento renovador na sua vida. Em 1978, durante uma semana de oração realizada na Universidade Andrews, o Pastor Phillips foi encorajado a preparar o manuscrito para publicação. Ele preparou o aludido manuscrito que, infelizmente, ficou por publicar – quase esquecido – durante mais de vinte anos.

Recentemente, contudo, através de meios simples, mas maravilhosamente providenciais, as mensagens do Pastor Phillips foram, outra vez, trazidas à atenção dos filhos de Deus – através da partilha dos seus sermões de reavivamento em cassetes, CDs, na Internet e agora através deste manuscrito – e estamos felizes por poder dizer que Deus está a usar estas mensagens, de novo, da mesma forma maravilhosa! Acreditamos que Deus as fez reviver para suprir a urgente necessidade do Seu povo que, em muitos casos, nunca ouviu ou aplicou pessoalmente as transformadoras verdades de Cristo Nossa Justiça e, como resultado, só tem experimentado uma ínfima parcela da vida mais abundante antecipada na Palavra de Deus.

Estamos, por consequência, felizes por apresentar as suas mensagens nesta forma escrita, e oramos para que a assimilação

destas verdades proporcione essa vida abundante, e permita que cada leitor se torne uma fortaleza de Deus neste mundo rebelde, que cada coração se torne uma forte torre da verdade e do amor, e que cada vida se torne um farol numa colina levando outros ao conhecimento da verdade.

As vestes nupciais

INTRODUÇÃO

A parábola das vestes nupciais é de particular interesse para o povo de Deus de hoje. Esta parábola, juntamente com a parábola das Dez Virgens, é uma história incompleta. Em ambos os casos, a conclusão da parábola não ocorre até que Cristo receba a Sua noiva. Na primeira parábola, o Noivo espera pela noiva. Na segunda, é a noiva que espera pelo Noivo.

O casamento, em si mesmo, representa a união da humanidade com a divindade. As vestes nupciais, que devem ser usadas, representam o carácter de Cristo, que é essencial para cada convidado que assiste ao casamento e que deseja ser aceite pelo Pai como sendo a noiva.

Mateus 22 ilustra três ocasiões diferentes em que o Rei, o Pai do Noivo, envia os seus servos para irem buscar a noiva para o casamento. Ela tinha sido escolhida, informada e sabia que ia casar com o Noivo. O relato diz: “Ele veio para o que era seu, mas os seus não O receberam.” João 1:11. A Igreja, a Sua noiva escolhida, estava demasiado ocupada e não quis consumir o casamento nas condições requeridas pelo Noivo.

O problema era a roupa para o casamento. A noiva tinha insistido no uso de um vestido da sua própria escolha – não aquelas simples e antiquadas vestes que o Pai do Noivo tinha planeado que ela vestisse.

A noiva, por fim, ficou tão furiosa com todo o plano, que decidiu que a única solução era ver-se livre do Noivo. Mas, para fazer isso, era necessário que ela tomasse total responsabilidade legal sobre esse acto. Houve um julgamento

e, apesar de o juiz e a multidão saberem que o Noivo estava inocente, ouviu-se um forte clamor vindo da parte da noiva, “...Tira, tira, crucifica-O!” João 19:15. E o terrível acto foi consumado. Contudo, a sensação de alívio da noiva foi efémera, porque as palavras do Noivo, pronunciadas alguns dias antes, começaram a atormentá-la: “...Derribai este templo, e em três dias o levantarei” João 2:19. A noiva recordou-se de quantos milagres Ele tinha realizado em vida, e o seu medo não conheceu limites.

Fiel à Sua palavra, o Noivo voltou ao terceiro dia – vivo e de boa saúde. Informou um dos convidados da noiva de que deveria fazer uma breve viagem para ver o Seu Pai, para Se certificar de que tudo estava bem em relação aos Seus esforços pessoais para concretizar os planos do Seu Pai. João 20:17.

A viagem foi realizada e, no mesmo dia, voltou para visitar alguns membros da família da noiva. Esta visita levou muitos dos convidados da boda a pensar muito seriamente. Poderia esta ser a mesma pessoa que tinha sido crucificada três dias antes? Finalmente, todos se convenceram de que, na verdade, era a mesma pessoa. A alegria do Noivo foi grande ao ser reconhecido, e mandou todo o grupo à procura dos restantes convidados para os trazer outra vez para junto de Si. A noiva, no entanto, tinha outros planos e recusou voltar. O problema continuava a ser a roupa.

A raiz do problema era que cada um dos convidados para a boda (a Igreja), que já tinha afirmado acreditar e aceitar o Noivo, tinha recebido a roupa de cerimónia. A questão não era onde adquirir essa roupa, ou como fazê-la, porque quando aceitaram o convite para fazerem parte dos convidados da noiva tinham recebido a roupa como uma oferta. O problema estava em usá-la!

Não muito depois, o Noivo apercebeu-se de que não iria casar com a noiva que escolhera, uma vez que ela se recusava a usar as roupas. Por isso, disse aos Seus amigos que parassem de tentar convencer a Sua noiva escolhida a vir e a aceitá-l’O. Disse-lhes para irem por todo o lado à procura de uma outra

noiva para Ele, que estivesse disposta a usar as roupas.

Eles viajaram por todo o lado. Na verdade, percorreram “toda a face da terra” levando o evangelho (as boas novas), estendendo o convite (Colossenses 1:23), mas não houve muitos interessados.

Nos (aproximadamente) mil e oitocentos anos seguintes, muitos servos foram enviados para representar o Noivo e para convidar todos para se juntarem ao grupo de convidados. Mas parecia que a velha questão continuava a levantar-se – as vestes nupciais. Alguns diziam que não era necessário ser tão rígido. Outros achavam que as suas roupas eram suficientemente boas. Os argumentos multiplicavam-se.

Chegou uma altura em que os próprios servos ficaram confusos. Começaram a fazer os convites sem mencionar sequer a necessidade do uso das vestes. Alguns chegaram a dizer: “Se deres dinheiro suficiente, não precisas de te preocupar com o assunto da roupa.” Houve muitos que disseram: “De qualquer modo, não temos a certeza do que é isso da vestimenta, por isso esqueçam-na; basta acreditar e serão bem recebidos pelo Noivo”.

Os anos foram passando e a noiva continuava a não estar pronta. O Noivo estava ansioso por vir receber a Sua esposa, por isso, enviou instruções especiais através de um dos convidados da noiva. Ele tinha, por diversas vezes, enviado instruções especiais à Sua noiva através de mensageiros especiais e, de novo, esperava esclarecer, através do uso desse dom especial, alguns dos problemas que tinham causado tanta confusão. Nessas mensagens, Ele teve o cuidado de dar instruções mais detalhadas sobre como vestir e usar a roupa que parecia ser um problema tão grande. As instruções especiais foram bem recebidas por uns e rejeitadas por outros. Os que aceitaram a ajuda adicional parecia que começavam a lidar melhor com as vestes em questão. Sentiam-nas como uma bênção real que resolvia todos os seus problemas. Aqueles que rejeitavam a ajuda, parecia que continuavam com as mesmas velhas dificuldades.

Chegou o momento em que o Rei sabia que não podia adiar o casamento por muito mais tempo. Assim, em Novembro de 1888, levou os Pastores Jones e Waggoner a encontrar-se com alguns dos convidados da noiva, que estavam reunidos para estudar a melhor forma de preparar a noiva para o casamento. Estes dois homens defendiam que a mensagem que pregavam era a forma correcta de se prepararem para o casamento.

As roupas de casamento voltavam a ser o problema. Alguns estavam dispostos a usar parte do traje desde que o pudessem misturar com a sua própria roupa. Outros disseram que não queriam ter nada que ver com isso. Uns poucos viram as roupas como uma oferta, usando-as alegremente daí para a frente.

Mas o problema não estava resolvido no que dizia respeito à noiva. Durante alguns anos, o problema pareceu eliminado. O Noivo fez mais um esforço, na tentativa de acordar a noiva da sua sonolência mortal. Isso aconteceu na primeira parte do século passado. Foram escritos e distribuídos livros com instruções claras sobre como preparar-se para o casamento. A noiva, no entanto, ainda não tinha a certeza quanto a este assunto das vestes, apesar do Noivo ter continuado a suplicar-lhe, “Desperta, desperta, reveste-te de fortaleza, ó Sião; veste-te dos teus vestidos formosos...” Isaías 52:1.

Pacientemente, o Noivo aguardou, até que dificilmente podia esperar mais. Os problemas no mundo aumentavam rapidamente. Política, social, ambiental, espiritual e fisicamente, o mundo estava à beira do desastre. Mais uma vez o Noivo estava decidido a ajudar a Sua noiva a preparar-se para o Seu regresso, insistindo para que usasse as vestes.

Não há no mundo roupa igual ao vestido nupcial. Ele traz paz, alegria, satisfação e amor ao coração humano. Mas é invisível para quem o usa, assim como para outros membros do grupo de convidados (a igreja). No entanto, torna-se uma força magnética que leva outros a aceitarem o convite do Evangelho.

Foi por essa razão que, quando o Rei entrou para ver os convidados, aquele que estava sem as vestes emudeceu, ao ser-lhe perguntado o porquê. Mateus 22:12. Sentia-se em casa,

na festa, até à chegada do Rei. Só então compreendeu que a sua falsa aparência tinha sido descoberta, e não tinha desculpa. Lembrem-se: ele tinha recebido as vestes quando aceitou o convite. Que poderia ele dizer? Ali, no seu regaço, estava a roupa, perfeitamente dobrada. Acreditava nos princípios que ela representava, mas aquela roupa era muito desconfortável para usar, era muito restritiva. Ele tinha intenção de a vestir e usar, mas não já. Não admira que tenha ficado sem palavras.

Este livro tem como objectivo revelar, de forma clara, como receber e usar as vestes nupciais, que todos devem ter e usar, se querem encontrar o Senhor em paz e não emudecer quando Ele vier. Ao lerem o próximo capítulo, descobrirão quem está por detrás de toda esta confusão e como libertar-se do seu poder. Então, e só então, poderemos ver claramente o “como” e o “porquê” do grande plano de redenção elaborado por Deus.

1.

CONFIDENCIAL! “Ultra Informação Secreta!”

A mente humana é o campo de batalha para o conflito mais mortífero jamais travado neste planeta. Cristo procura controlar a nossa mente, para podermos alcançar a plenitude das capacidades que Ele próprio colocou nesse órgão maravilhoso. Satanás, por outro lado, tenta manter o controlo da nossa mente, e isso é “inimizade contra Deus” Romanos 8:7.

A mente humana tem sido comparada a um computador, em que a memória está a ser continuamente programada por uma destas duas fontes: Cristo ou Satanás. Como um computador, o seu funcionamento depende da informação recebida. Depois de analisada a informação, a mente formula as suas decisões e o subsequente desenrolar da acção.

“Cristo é a fonte de todo o bom impulso”.¹ Ao contrário, “Satanás procura continuamente impressionar e controlar a mente, e ninguém estará a salvo a não ser que tenha uma constante ligação com Deus”.² “Há unicamente dois poderes que dominam a mente dos homens – o poder de Deus e o de Satanás”.³ “Satanás assume o domínio de qualquer mente que não esteja decididamente sob o domínio do Espírito Santo”.⁴

À clara e penetrante luz das afirmações anteriores, tentemos analisar como trabalham os dois grandes poderes, o Bem e o Mal. “Vinde pois, e arrazoemos ...” (Isaías 1:18) é a base do plano de trabalho de Deus com a família humana. “Em primeiro lugar, Deus pede o coração, os afectos.”⁵

(As palavras mente e coração são sinónimas, tanto nas Escrituras como nos escritos de Ellen White.)

“Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos.” Provérbios 23:26

“O plano de começar pelo exterior e procurar operar interiormente tem sempre falhado e falhará sempre. O plano de Deus para vós é começar na própria sede de todas as dificuldades – o coração – e então do coração hão-de jorrar os princípios da justiça; a reforma será tanto externa como interna.”⁶

Diz-se frequentemente sobre alguém que está a aprender a tornar-se cristão, “Só lhe falta abandonar este ou aquele mau hábito”. Posses, atitudes ou hábitos de vida não são o problema; são apenas sintomas do verdadeiro problema. Deus diz “...o homem olha para o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração” I Samuel 16:7. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, pois dele procedem as saídas da vida” Provérbios 4:23.

“Como o fermento, misturado à farinha, opera do interior para o exterior, assim é pela renovação do coração, que a graça de Deus actua para transformar a vida. Não basta a mudança exterior para nos pôr em harmonia com Deus. Muitos há que procuram mudar, corrigindo este ou aquele mau hábito, e esperam desse modo tornar-se cristãos, mas estão a começar no lugar errado. O nosso primeiro trabalho é no coração.”⁷

Podemos ver facilmente que o método usado por Deus para alcançar o Seu objectivo para o homem é começar pela mente ou coração. Mas mesmo isto deverá acontecer mediante a nossa permissão voluntária. “Eis que estou à porta e bato...” Apocalipse 3:20. “Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra” Isaías 1:19.

“... Deus apenas aceitará serviço feito de livre vontade.”⁸

Portanto, Ele não pode aceitar a obediência que resulte da

obrigação, da força, ou mesmo da vontade de satisfazer uma consciência culpada.

“O homem que tenta observar os mandamentos de Deus apenas por sentir que é uma obrigação – porque é requerido que assim faça – jamais sentirá o prazer da obediência. Não obedece. Quando, por contrariarem a inclinação humana, os reclamos de Deus são considerados um fardo, podemos saber que a vida não é uma vida cristã. A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior. Origina-se no amor à justiça, no amor à lei de Deus”⁹

O método de trabalho de Satanás começou no Céu, onde foi bem sucedido nos seus esforços para difundir a rebelião que se iniciou na sua própria mente. “A sua tática consistia em perturbar com argumentos subtis referentes aos propósitos de Deus. Tudo o que era simples ele envolvia em mistério e, através de uma ardilosa perversão, lançava a dúvida sobre as mais claras declarações de Jeová.”¹⁰

O seu plano foi tão eficaz que ele o tem vindo a aplicar, aqui na Terra, há seis mil anos.

“O inimigo é obreiro mestre, e se o povo de Deus não for constantemente guiado pelo Espírito de Deus, será enredado e preso.

Há já milhares de anos que Satanás está a fazer experiências sobre as propriedades da mente humana, e tem aprendido a conhecê-la bem. Mediante a sua obra subtil nestes últimos dias, está a ligar a mente humana com a sua própria, imbuindo-a dos seus próprios pensamentos; e ele está a fazer esta obra de maneira tão enganadora, que os que aceitam a sua direcção não sabem que estão a ser conduzidos por ele segundo lhe apraz. O grande enganador espera confundir a mente de homens e mulheres de tal maneira que nenhuma outra voz, a não ser a sua, seja ouvida.”¹¹

O trabalho de Satanás começou no Céu, sugerindo dúvidas, questões e pensamentos de uma forma tão subtil, que os

anjos não caídos não se aperceberam de que estavam a ser manipulados por ele. Expressavam pensamentos que tinham a sua origem nele, pensando que eram deles próprios¹². Um plano que funcionou tão bem no céu, funcionaria, sem dúvida, bem na terra. Nós somos testemunhas do seu sucesso.

Agora analisemos juntos esses planos. Os dois poderes procuram um controlo completo da mente, com exclusão do outro. Deus, através da submissão voluntária do homem a Ele; Satanás, pela insistência do homem na independência – uma dádiva do próprio diabo.

“O inimigo prepara-se para a sua última investida contra a igreja. Tem-se dissimulado de tal forma que muitos dificilmente acreditam que ele existe, muito menos se convencem da sua extraordinária actividade e poder. Esqueceram em grande parte o registo do seu passado. E quando ele der um passo em frente não o reconhecerão como seu inimigo, a velha serpente, mas como um amigo, alguém que está a efectuar um bom trabalho. Gabando-se da sua independência, obedecerão, sob a sua influência enganosa e maligna, aos piores impulsos do coração humano e, contudo, acreditam que é Deus que os está a guiar. Se os seus olhos fossem abertos para distinguir quem é o seu líder, veriam que não estão a servir Deus, mas ao inimigo de toda a justiça. Poderiam ver que a sua proclamada independência é um dos mais pesados grilhões que Satanás pode colocar nas mentes desequilibradas.”¹³

Deus diz, através de Jesus Cristo, “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” João 8: 36. Satanás diz: “Não sejas parvo, não precisas de ser escravo de ninguém...”

Deus, através do confronto directo, usa a razão. Satanás, ocultando-se, leva o homem a pensar que está a fazer a sua própria vontade e a concretizar as suas próprias decisões, quando, na verdade se passa o oposto.

Nesta grande luta há uma coisa que Satanás conserva escondida com extremo cuidado – a sua própria fragilidade. O seu plano era assegurar-se da queda do homem, e depois esperar que ele e o homem culpado fossem perdoados e novamente aceites na graça de Deus. Mas Deus tinha planeado doutra forma. Uma vez que Satanás e os seus anjos caíram através de uma rebelião declarada, e o homem tinha caído através de tentação, a sua culpa não era igual. Por isso, Deus indicou que apenas ao homem seria dada uma oportunidade para aceitar o poder redentor do dom de Deus, através do Seu Filho, no plano da salvação. Rapidamente, Satanás percebeu que o seu plano tinha feito com que fosse necessário que Jesus, o Filho de Deus, se tornasse um ser humano e pagasse a pena do pecado no lugar do homem. O diabo rejubilou com este facto. Mas tinha um problema. Como poderia ele agora manter o homem sob o seu poder? Este é o segredo mais bem guardado de Satanás!

Deus colocou, no mais alto nível da mente do homem, a Sua mais preciosa dádiva – a vontade. “O motor da personalidade humana é a faculdade de decidir, de escolher. Tudo depende da vontade.”¹⁴ “A vossa vontade é a fonte de todas as vossas acções.”¹⁵ Com semelhante poder à sua disposição, quão fácil seria para Satanás conduzir o homem à destruição, enquanto o enganava, levando-o a pensar que tinha muito tempo para mudar quando quisesse.

Mas... e o tal segredo bem guardado? “Esta vontade, que constitui um factor tão importante no carácter do homem, foi, pela queda, entregue ao domínio de Satanás; e desde então, ele tem estado a operar no homem o querer e o fazer segundo a sua vontade, mas para inteira ruína e miséria humanas.”¹⁶

Mas porque é que este segredo é tão importante? Porque é aqui que está o método de Satanás controlar sem que o seu envolvimento seja reconhecido. Foi exactamente este mesmo método que ele utilizou no Céu. Satanás sabe que Deus não lhe retirará a possibilidade de controlar, porque Deus nunca força a nossa vontade. O Senhor tem apenas um plano – resgatar-nos

de volta para Si mesmo. Por ter dado Jesus à humanidade, Deus pode dizer: "Submete-te a Mim; dá-Me a tua vontade; tira-a do domínio de Satanás, e apoderar-Me-ei dela; então posso operar em ti o querer e o fazer segundo a Minha boa vontade."¹⁷

O homem deve retirar a Satanás o controlo da sua vontade antes de a poder entregar a Cristo. Satanás bem sabe que não poderá reter ou forçar a vontade do homem, caso ele decida retirá-la do seu controlo. "O tentador não tem poder para governar a vontade ou forçar a alma a pecar."¹⁸ Enquanto Cristo estiver no comando, Satanás perde o poder. "Satanás sabe que não pode vencer o homem a menos que controle a sua vontade."¹⁹

"O tentador jamais poderá forçar-nos a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam ao seu controlo. A vontade tem que consentir, a fé tem que largar a sua segurança em Cristo, antes que Satanás possa exercer domínio sobre nós."²⁰ Esta é a sua fraqueza. "Satanás está bem ciente de que a mais débil alma, que permaneça em Cristo, é mais do que suficiente para competir com as hostes das trevas, e que, caso ele se revelasse abertamente, seria enfrentado e vencido."²¹

É preciso compreendermos que, apesar de podermos retirar a nossa vontade do domínio de Satanás, não temos poder para a guardar por nós mesmos. Deverá ser entregue completamente a Jesus. Só Deus a pode manter livre dos enganos de Satanás. A menos que a nossa vontade esteja decididamente em Cristo, Satanás voltará a tomar o controlo. "Ninguém, senão Cristo, pode remodelar o carácter arruinado pelo pecado. Veio para expulsar os demónios que tinham dominado a vontade."²²

Existe um outro facto que devemos entender claramente no que diz respeito à forma como Satanás e os seus demónios controlam a vontade. "Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás, devem guardar bem as vias de acesso à alma; devem evitar ler, ver ou ouvir tudo quanto sugira pensamentos impuros."²³ "Todos devem vigiar os sentidos,

caso contrário Satanás alcançará vitória sobre eles; pois essas são as avenidas da alma.”²⁴

Os cinco sentidos são o campo de acção de Satanás – o gosto, o tacto, a visão, a audição, e o olfacto – todos têm um denominador comum – todos devem ser reduzidos a sentimentos antes de poderem ser usados por Satanás para os adaptar aos seus planos. Ele usa os nossos sentimentos em vez da razão para orientar a vontade. Talvez devêssemos perguntar a nós próprios quantas decisões tomamos cada dia baseadas nos sentimentos, em vez de no uso da razão.

Quando libertamos a nossa vontade das garras de Satanás e a entregamos a Cristo, Ele purifica-a e devolve-a a nós, ligada com a Sua própria vontade. Desta forma, Ele habita em nós e nós n’Ele. O resultado é que, quando fazemos a Sua vontade, estamos a fazer a nossa própria vontade.

Esta rendição não deve ser vista como uma experiência insignificante – algo que pode ser feito com pouco esforço ou de ânimo leve. “É mediante a vontade que o pecado retém o seu domínio sobre nós. A entrega da vontade é representada como o acto de arrancar o olho ou de cortar a mão.”²⁵

Vamos imaginar que um filho de Deus é perseguido por um hábito pecaminoso que lhe é agradável. Ele sabe que deveria abandoná-lo e, de tempos a tempos, até ora para que Deus o liberte dele. Pode até ser persuadido a entregar esse mau hábito a Deus. O que ele precisa de saber é que esta situação é um sintoma de uma vontade não rendida. Ele continua a ter o desejo de controlar a sua própria vida, e não percebe que, mesmo quando Deus controla a vontade, ainda somos nós que fazemos a escolha, mas que, neste caso, o nosso grande desejo é fazer a Sua vontade e não a nossa. Precisamos de entender que o nosso desejo natural de “fazer as coisas à nossa maneira” é mudado para um desejo natural de fazer a Sua vontade através de um processo de entrega. Não perdemos nada, a não ser o desejo de agradar ao eu. Ganhamos por viver num novo plano, onde o pecado perdeu o seu poder e a paz reina na alma.

Quando a vontade é controlada por Deus, os cinco sentidos

são dominados pela razão e pela consciência, mais do que pelos sentimentos. Vivemos, então, pela fé em vez de pelos sentimentos. Viver pela fé não elimina os sentimentos, mas coloca-os no lugar que lhes é próprio. Eles devem acompanhar o exercício da razão, em vez de constituírem a motivação para a acção da vontade.

Agora já sabe qual é o segredo mais importante do inimigo! Se nunca pensou em libertar a sua vontade do controlo de Satanás, porque não fazê-lo agora? Diga audivelmente a Satanás: "Vou libertar a minha vontade do teu controlo e entregá-la a Jesus." Depois, diga a Cristo: "Por favor, toma a minha vontade, porque não consigo guardá-la."

Jesus promete tomar, purificar, limpar, e devolver-nos a nossa vontade ligada com a Sua. "Quando abandonarem a vossa própria vontade, a vossa própria sabedoria, e aprenderem aos pés de Cristo, acharão entrada no reino de Deus."²⁶

Não há nenhum poder no céu ou na terra que nos possa forçar a dar este passo tão simples. Lembremo-nos de que são as coisas simples no plano divino da salvação que Satanás tenta evitar que creiamos e ponhamos em prática. O seu poder sobre nós pode ser vencido com o simples passo de conservarmos a nossa vontade rendida a Deus cada dia. Ele sabe que temos a chave nas nossas mãos. Estarão dispostos a dar esse passo e a usar essa chave? Ela dar-vos-á acesso ao poder celestial, porque estarão ligados a Deus.

Referências:

1. O Caminho a Cristo, pág. 26.
2. Testimonies, vol. 4, pág. 542.
3. Temperança, pág. 276.
4. Testemunhos para Ministros, pág. 79.
5. Testimonies, vol. 2, pág. 169.
6. Conselhos sobre o Regime Alimentar, pág. 35.
7. Parábolas de Jesus, pág. 97.
8. SDA Bible Commentary, vol.7, pág. 977.

9. Parábolas de Jesus, pág. 97.
10. Patriarcas e Profetas, pág. 41.
11. Mensagens Escolhidas, vol. 2, pág. 352-353.
12. Patriarcas e Profetas, pág. 35-40.
13. Testimonies, vol. 5, pág. 294.
14. O Caminho a Cristo, pág. 47.
15. Mensagens aos Jovens, pág. 135.
16. *Idem*, pág. 154.
17. *Ibidem*.
18. O Grande Conflito, pág. 510.
19. Temperança, pág. 16.
20. O Desejado de Todas as Nações, pág. 125.
21. O Grande Conflito, pág. 530.
22. O Desejado de Todas as Nações, pág. 38.
23. Actos dos Apóstolos, pág. 518.
24. O Lar Adventista, pág. 401.
25. O Maior Discurso de Cristo, pág. 61.
26. Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 110.

2.

Perfeitamente **LEGAL**

“Sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos Céus.” Mateus 5:48. Esta afirmação, feita por Cristo no Sermão da Montanha, diz-nos que o plano de Deus para o homem não foi mudado. Ele criou o homem perfeito.

Quando Adão caiu desse estado de perfeição, a família humana herdou a sua culpa. Apesar disso, a condição caída do homem em nada diminuiu a exigência de perfeição que Jesus claramente afirma em Mateus 5:48.

No entanto, Deus tem um plano através do qual o homem pode atingir os Seus requisitos. Esse plano é suficientemente simples para ser compreendido pelo homem, mas é tão abrangente que só Deus pode apreender toda a sua profundidade. João 3:16.

Satanás, ao dar ao homem uma imagem errada do carácter de Deus, fez com que esse plano fosse mal compreendido. Como resultado, o ser humano inventou muitos métodos para alcançar a perfeição. Lamentamos quando vemos um Hindu a rebolar-se sobre uma cama de picos. Mas nós tentamos atingir o mesmo objectivo, fazendo coisas boas que acreditamos que um bom cristão deve fazer, se quer ir para o Céu.

Não importa quão próxima do genuíno seja uma falsificação. Uma falsificação é sempre uma falsificação. Quanto mais parecida é com o original, mais capaz de enganar se torna. É por isso que “o mais poderoso baluarte do vício no nosso mundo, não é a vida iníqua do abandonado pecador ou do degradado; é a vida que, ao contrário, parece virtuosa, respeitável e nobre,

mas na qual é nutrido um pecado; a vida em que há complacência com um vício.”¹

O pecado pode ser pequeno. Mas o tamanho do pecado não é tão importante como a recusa em aceitarmos a natureza maligna do pecado e em sujeitarmos a nossa rebelião a Jesus. É a resistência à Sua acção na nossa vida que magoa o Seu coração, porque não há nada que Ele possa fazer até nos quisermos entregar como o barro na mão do oleiro.

O plano de Deus é sucintamente descrito no livro “O Caminho a Cristo”.

“Era possível a Adão, antes da queda, formar um carácter justo pela obediência à lei de Deus. Mas deixou de o fazer e, devido ao seu pecado, a nossa natureza acha-se decaída, e não podemos tornar-nos justos. Uma vez que somos pecaminosos, profanos, não podemos obedecer perfeitamente a uma lei santa. Não possuímos justiça em nós mesmos com a qual possamos satisfazer as exigências da lei de Deus. Mas Cristo proveu-nos um meio de escape. Viveu na Terra, no meio de provas e tentações como as que nos sobrevêm a nós. Viveu uma vida sem pecado. Morreu por nós, e agora oferece-Se para nos tirar os pecados e dar-nos a Sua justiça. Se nos entregarmos a Ele e O aceitarmos como nosso Salvador, seremos então, por mais pecaminosa que tenha sido a nossa vida, considerados justos por Sua causa. O carácter de Cristo substituirá o nosso carácter, e seremos aceites diante de Deus exactamente como se não tivéssemos pecado.”²

Encontramos nesta passagem o maravilhoso plano de Deus. Contudo, este plano é mais abrangente do que parece à primeira vista. Paulo diz-nos: “Descobrimo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o seu beneplácito, que se propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus, como as que estão na terra.”

Efésios 1:9, 10.

Pense nisto! Todo o Universo unido em perfeita harmonia, pela força magnética do amor de Deus, através de Jesus Cristo nosso Senhor.

Mas não é tudo! Somos feitos herdeiros, "...havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele [Deus] que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade [de Deus]." Efésios 1:11. Pode imaginar o que está envolvido quando nos tornamos herdeiros? Isso significa que já somos membros da Sua família. Somos mais do que adoptados; somos enxertados na videira original. Voltaremos a falar deste assunto num próximo capítulo.

Agora, uma vez que, no plano de Deus, Jesus é o poder aglutinador em volta do qual todo o universo gira e que cada ser está ligado a Ele com cordas de amor, podemos ver que o carácter de amor de Cristo (as Suas vestes de justiça) que me é dado – a mim, um pecador –, seria o único meio através do qual anjos, habitantes de outros mundos, homens e mulheres de todos os países da Terra poderiam concordar, sem qualquer dúvida, que estamos salvos para a eternidade. Apenas quando nos tornarmos como Ele, em carácter, podemos demonstrar uma estabilidade que não pode ser abalada.

Estou certo de que, neste momento, já descobrimos que o único caminho para a perfeição é através da justificação – como se eu nunca tivesse pecado. Espero que seja igualmente claro que a justificação é o crédito do perfeito carácter de Cristo em favor de um imperfeito e desesperado pecador.

“O que é a justificação pela fé? É a acção de Deus que lança a glória do homem no pó, e que faz pelo homem aquilo que ele não tem poder para fazer por si mesmo. Quando o homem vê a sua insignificância, está preparado para ser coberto com a justiça de Cristo.”³

Consideremos agora o *processo* da justificação. A Bíblia resume-o numa frase. “Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.” Rom. 5:1. Por outras palavras, a morte de Cristo torna-O apto para justificar

todo aquele que queira ser justificado. “Na cruz do Calvário, Ele pagou o preço da redenção da raça humana. E assim, obteve o direito de resgatar os cativos das garras do grande enganador.”⁴ Podemos ver claramente que a fé é apenas o *meio e não a base* da justificação. Não nos mantemos de pé com base na fé, mas a fé permite que me mantenha de pé, confiando na Palavra de Deus. A fé é mais real do que qualquer um ou do que todos os nossos cinco sentidos. (Ver o SDA Bible Commentary, vol. 6, pág. 1073).

Mas há uma outra perspectiva que devemos considerar em matéria de fé. Paulo declara “Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.” Gálatas 2:16.

Examinemos uma declaração da Review & Herald de 24 Abril de 1888:

“Devemos estudar a vida do nosso Redentor, uma vez que Ele constitui o único exemplo perfeito para o homem. Devemos contemplar o infinito sacrifício do Calvário, e considerar a imensa malignidade do pecado e a justiça da lei. Ao estudar atentamente o tema da redenção, sairemos fortalecidos e enobrecidos. A nossa compreensão do carácter de Deus será mais profunda; e com o plano da salvação claramente definido nas nossas mentes, estaremos mais aptos para cumprir a missão que Deus nos confiou. Com uma profunda convicção, podemos testemunhar à humanidade do carácter imutável da lei que foi manifestado pela morte de Cristo na cruz, da maligna natureza do pecado, e da justiça de Deus ao justificar o crente em Jesus, sob a condição da sua obediência futura aos estatutos do governo de Deus, no Céu e na Terra”⁵

Por favor, leia novamente a última frase do parágrafo anterior e repare sob que condição Deus justifica o homem.

Não temos capacidade de compreender esta fé. Esta é a

maravilhosa fé de Deus no Seu próprio plano da salvação, na sua aplicação a mim – um pecador. Tudo o que podemos dizer é: “Senhor, eu creio, ajuda a minha incredulidade.”

Estou muito grato ao Senhor por Ele ter dado a cada homem a medida da fé. E que quantidade de fé é essa? A suficiente para estender a mão, como fez o pai da criança possessa pelo demónio. A nossa fé simplesmente abre a porta para Cristo nos ajudar, de acordo com a nossa necessidade e a Sua glória. Jesus é não só o autor, mas o consumidor da nossa fé. Hebreus 12:2

O processo de justificação é, portanto, uma questão legal. Quando temos um assunto legal para tratar procuramos encontrar alguém qualificado para o fazer. Jesus é o Único ser qualificado para realizar esse trabalho. “Na cruz do Calvário Ele pagou o preço da redenção da raça humana. E, dessa forma, obteve o direito de resgatar os cativos das garras do grande enganador.”⁶

Enquanto os soldados cravavam os pregos nas mãos do Salvador, “Jesus estava a adquirir o direito de Se tornar o nosso advogado na presença do Pai.”⁷ A justificação, sendo um acto legal, só pode lidar com a nossa condição legal (o nosso registo) e não connosco pessoalmente. Quando um criminoso é perdoado pelo processo legal da lei, o seu estatuto perante a lei é mudado, mas o seu carácter permanece inalterado.

Por esta mesma razão, a justificação é creditada como justiça. Não é, de modo nenhum, uma justiça inferior ou incompleta. Não há nada que o tempo, a experiência, o talento ou os esforços possam acrescentar a este maravilhoso dom. Jesus viveu neste mundo trinta e três anos e meio e desenvolveu um carácter perfeito. Este é o indescritível dom de Deus para nós.

Mesmo que deixem a vossa imaginação voar até aos seus limites extremos, continua a ser impossível conceber algo que se possa acrescentar a esse dom extraordinário da Sua perfeição que nos é creditada.

É aqui que a natureza humana é tentada a crer que não poderemos ter a perfeição, realmente, sem que façamos alguma coisa para a desenvolver. Há um trabalho, naturalmente, um bem doloroso e cuidadoso trabalho para fazermos, o qual veremos claramente em breve. No entanto, devemos ter em mente que só Deus pode fazer o Seu trabalho e que só o homem pode fazer o seu.

É tão impossível a Deus fazer o trabalho do homem, e ser coerente com as Suas próprias leis, como é, para o homem, fazer o trabalho de Deus, o qual ele, de qualquer modo, não tem poder algum para fazer.

Santificação – a justiça de Deus concedida ao homem – é o processo que claramente define e diferencia a nossa acção da d’Ele. Falaremos da santificação noutro capítulo.

É através da justificação que somos considerados como obedecendo aos mandamentos de Deus. (Ver Cristo, Nossa Justiça, pág. 99, The Review & Herald, 22 de Agosto, 1893).

“Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” Romanos 5:1. Jesus não só me justifica, como também faz a paz entre mim, o pecador, e Deus, o meu Criador contra o qual tenho sido rebelde. “O crente não é chamado para fazer paz com Deus; ele nunca o fez nem o pode fazer. Deve aceitar a Cristo como a sua paz, pois com Cristo está Deus e a paz”⁸

“A inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.” Romanos 8:7-8. ‘Carnal’ é uma expressão que deveria levar cada membro da igreja à acção. Contrariamente ao pensamento comum, ‘carnal’ não se refere ao homem do mundo que não conhece Deus, mas sim ao homem da igreja que conhece Deus, mas que não O segue para O vir a conhecer melhor.

Paulo faz alusão a três níveis da vida dos seres humanos: o homem natural, o homem carnal e o homem espiritual. I Coríntios 2:14, 15; 3:1. Todos nós vivemos num destes três níveis. O homem natural é a natureza que herdamos pelo nascimento. O homem

espiritual é a natureza dada por Deus, quando nascemos de novo e quando continuamos a crescer em Cristo. O homem carnal está entre as duas. É a nova natureza dada ao homem quando nasce do Espírito e não da carne, mas que não cresceu “...até à medida da estatura da plenitude de Cristo.” Efésios 4:13.

Esta é a condição do homem descrita por João em Apocalipse 3:14-22 “...porque nem és frio nem quente..., assim, porque és morno, e não és frio nem quente... vomitar-te-ei da minha boca.”

“A imagem de vomitar da Sua boca significa que Ele não pode oferecer a Deus as vossas orações ou as vossas expressões de amor. Ele não pode, de forma alguma, endossar o vosso ensino da Sua palavra ou o vosso trabalho espiritual. Ele não pode apresentar os vossos exercícios religiosos com o pedido de que a graça vos seja dada.”⁹

Estamos cientes de que, se as nossas orações não forem ungidas com o Espírito do Senhor Jesus, Deus não nos ouve. “...Ninguém vem ao Pai senão por mim”, disse Jesus em João 14:6. Isto deixa-nos numa posição em que devemos tomar uma decisão. Por isso disse Jesus: “Oxalá foras frio ou quente!” Apocalipse 3:15. Apocalipse 3:18 acrescenta, cuidadosamente: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo ...” Devemos conservar na nossa mente que o homem efectua esta compra sem dinheiro e sem preço Isaías 55:1.

Alguém disse que “a vitória nasce da crise”. A nossa crise é vermos a rematada loucura da condição de mornidão e sentirmos a nossa real necessidade do ouro que Deus nos aconselha a obter. Aqui necessitamos de uma sabedoria especial, porque muitos têm chegado a este ponto, mas seguiram o plano de Satanás. Pensam que estão a distanciar-se dos seus problemas, quando ele apenas está a levá-los para problemas mais profundos.

“Virar a página”, “decidir fazer melhor”, “ser mais fiel”, são boas ideias, mas não têm poder para mudar a vida.

“Como o fermento, misturado à farinha, opera do

interior para o exterior, assim é pela renovação do coração, que a graça de Deus actua para transformar a vida. Não basta a mudança exterior para nos pôr em harmonia com Deus. Muitas pessoas procuram fazer reformas, corrigindo este ou aquele mau hábito, e esperam desse modo tornar-se cristãos, mas estão a começar pelo lugar errado. A nossa primeira tarefa é com o coração.”¹⁰ (Ver também Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 353)

A decisão que devemos tomar é a de permitir que a mente de Cristo se torne nossa. “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus.” Filipenses 2:5

“Deus tomou as providências para que nos possamos tornar semelhantes a Ele, e cumpri-las-á para todos quantos não interpuserem uma vontade perversa, frustrando assim a Sua graça.

Deus tem-nos amado com amor indizível, e o nosso amor desperta para com Ele ao compreendermos algo da extensão, largura, profundidade e altura desse amor que sobrepua todo o entendimento. Pela revelação da atractiva beleza de Cristo, pelo conhecimento do Seu amor, expresso em nosso favor enquanto éramos ainda pecadores, o coração obstinado abrandar-se e é subjugado, e o pecador transforma-se e torna-se um filho do Céu. Deus não emprega medidas compulsórias; o amor é o meio que Ele usa para expelir o pecado do coração. Por meio dele, muda o orgulho em humildade, a inimizade e incredulidade em amor e fé.”¹¹

Tendo a fé como veículo e o amor como motor, cada um deles iniciado e vindo de Cristo, facilmente vemos que o processo deve ser Seu também. Glória a Deus! É Seu por direito próprio, pela compra que Ele mesmo fez através da Sua morte voluntária sobre a cruz. “Na cruz do Calvário, Ele pagou o preço da redenção da raça humana. E, dessa forma, ganhou o direito de resgatar os cativos das garras do grande enganador”¹²

Isto torna claro que Cristo cuidou de todas as possíveis

considerações legais que a santa lei de Deus exigia, antes de tentar resgatar o homem do abismo de pecado em que ele tinha caído. Porque Cristo é "...o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo." Apocalipse 13:8.

Reconhecemos, naturalmente, que o plano de Deus silencia as afirmações de Satanás de que, dado que o homem pecou, passou a pertencer-lhe. Oh, a bem-aventurança do mais precioso dom que Deus concede ao homem, ao restituir-lhe a vontade que Adão entregou quando caiu! Esse dom duma vontade recuperada, torna-nos capazes de escolher amar, servir e obedecer a outro senhor, mesmo que saibamos que não temos força para realizar aquilo que escolhemos fazer.

Essa escolha dá liberdade a Deus para levar a cabo o Seu plano de legalmente me justificar e de pôr-me a mim, um pecador, o carácter perfeito que Jesus desenvolveu aqui nesta terra, enquanto era atacado pelas mais duras tentações de Satanás. É por isso que o nosso registo diz "como se nunca tivesse pecado", e Satanás nada pode fazer contra isto. Esta é a razão por que quando "o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres."

Deixem-me repetir: O veículo é a fé, o motor é o amor, o processo é o plano da redenção e, louvado seja o Seu santo nome!, é legal em qualquer parte do mundo. Não só é legal, como também constitui a única fonte de verdadeira alegria e felicidade para o mundo todo.

Referências:

1. O Maior Discurso de Cristo, pág. 94.
2. O Caminho a Cristo, pág. 62.
3. Review & Herald, 16 Setembro, 1902; Cristo, Nossa Justiça, pág. 104.
4. R&HPA, Questions on Doctrine, 1957, pág. 672.
5. Cristo, Nossa Justiça, pág. 35.
6. R&HPA, Questions on Doctrine, 1957, pág. 672.
7. O Desejado de Todas as Nações, pág. 745.
8. Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 395.

9. Testimonies, vol. 6, pág. 408.
10. Parábolas de Jesus, pág. 97.
11. O Maior Discurso de Cristo, págs. 76, 77.
12. R&HPA, Questions on Doctrine, 1957, pág. 672.

3.

QUÃO BOM É

Perfeito?

“Que intentais vós contra o Senhor? Ele mesmo vos consumirá de todo; e não se levantará por duas vezes a angústia.” Naúm 1:9. Estas palavras das Escrituras constituem uma das mais espantosas promessas de toda a Bíblia.

A Palavra do Senhor também declara: “Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” João 8:36. Esta sublime promessa de que o homem não voltará a cair cumprir-se-á através desta liberdade que Ele nos dá. Aqui, é-nos descrito um tempo, num futuro próximo, em que, nem sequer em pensamento, o pecado voltará a levantar a sua repulsiva cabeça.

A nossa primeira resposta a este pensamento é capaz de ser que, com todo o mal eliminado, não haverá inclinação para o pecado e, assim, a obediência será natural. Contudo, esta era a condição no Céu quando o pecado se iniciou. E deixem-me ainda lembrar-vos que, em tempos de abundância e prosperidade, o homem afasta-se o mais possível do Senhor. Não é este um dos maiores problemas da igreja hoje? “Rica e enriquecida”, mas destituída de amor.

Como é que Deus pode fazer uma promessa de tão vasto alcance? Em Malaquias 4:1 Deus diz que o fogo que purifica a Terra, ao fazê-lo, removerá também o pecado – quer a raiz quer os ramos. Em João 15:5 Jesus diz: “Eu sou a videira, e vós as varas...” Aqui Jesus estava a falar aos Seus discípulos depois de um deles se ter separado dos doze. Não será correcto dizer que Satanás é também a raiz, a partir da qual as varas do mundo têm crescido? Tudo isto será consumido pelo fogo purificador.

Mas temos de olhar mais fundo para ver o que é que está envolvido na promessa de Deus em Naum 1:9, que declara que o inimigo não se levantará segunda vez. O primeiro inimigo surgiu por olhar para si mesmo!

Sempre tem havido a possibilidade, dentro da liberdade existente na criação de Deus, de a raiz do pecado florescer. Como pode Deus prometer que nenhum dos Seus remidos, ou alguém dum mundo não caído, ou até mesmo um anjo do Céu, nunca mais, mesmo em pensamento, se revoltará contra Ele? Maravilha das maravilhas, este será o impacto do plano da salvação em toda a criação de Deus! Deus, que conhece o futuro, assegura-nos que isso será assim.

A acção de Deus está já consumada para aqueles que habitam nos Céus. Os mundos habitados e os anjos podem alegrar-se, porque estão livres da presença dos anjos maus e de Satanás. Apocalipse 12:12. No entanto, este mundo que está de quarentena, e os seus habitantes, estão plenamente conscientes da presença de Satanás e dos seus servos.

Mesmo assim, para alguns de nós, o pecado ainda não é considerado tão mau como isso. A sua natureza mortal ainda não é vista como maligna (mortal). De algum modo, pensamos que poderemos libertar-nos da sua influência enfeitiçante sobre nós pouco antes de nos ser permitido entrar no Céu.

“A perfeição angélica falhou no Céu. A perfeição humana falhou no Éden ... A nossa única esperança é a confiança total no sangue d’Aquele que pode salvar perfeitamente todos os que vão a Deus por Seu intermédio.”¹ *Perfeitamente* significa salvo *do* eu, não salvo *no* eu. A natureza maligna do pecado revela-se quando confiamos no eu em vez de na Palavra de Deus!

Será esta a razão pela qual existe, no mundo actual, um apelo sem precedentes, em todas as classes sociais, a uma auto-afirmação? As nações querem a independência. Cidades, vilas e aldeias afirmam a sua autoridade. Famílias são desfeitas pouco tempo depois de terem sido constituídas. As crianças vivem entregues a si mesmas, como resultado directo da aceitação do individualismo que permeia o mundo.

Satanás está a fazer bem o seu trabalho. Por isso, a arrogância e a confiança própria são consideradas como a solução, tanto para problemas públicos como pessoais. Pensem no que este espírito provocou no Céu há tanto tempo atrás. “Não nos é possível reter o eu e, não obstante, entrar no reino de Deus. Se um dia atingirmos a santidade, será mediante a renúncia do próprio eu e a recepção da mente de Cristo.”²

Pensamentos egoístas não só nos tornam inaptos para o Céu, como “quando o próprio eu é envolvido nas nossas actividades, a verdade que levamos a outros não santifica, não refina, nem enobrece o nosso coração; não testifica de que somos vasos apropriados para uso do Mestre.”³

Como podemos ficar livres do eu? Hebreus 12:6 diz-nos: “Porque o Senhor corrige ... a qualquer que recebe por filho.” Isto é para remover qualquer raiz de amargura (o eu) que pode surgir para nos perturbar.

“Vede que não rejeiteis ao que fala.” Hebreus 12:25. Quão fácil é esconder o eu por detrás de um véu de não compreensão quando Ele fala. Deus não promete que compreenderemos todas as coisas, antes de respondermos ao Seu apelo. Hebreus 11 apresenta-nos um elevado número de fiéis que não compreenderam os propósitos de Deus, mas todos obedeceram. Abel, Enoque, Noé e Abraão são apenas alguns. Alguns podem chamar a isto uma fé cega. Mas deixem-me recordar que os filhos de Deus “...andam por fé, e não por vista.” II Coríntios 5:7

Quão bom é perfeito? A perfeição não é um estado de bondade a ser alcançado, mas sim um estado de confiança implícita em Deus sem duvidar ou questionar. Foi esta característica que marcou a fé de Job, e permitiu a Deus dizer que Job era “...um homem sincero e recto.” Job 1:8

Este louvor de Deus surge apesar de Job dizer no capítulo 42:6 “...por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza.” Noé foi considerado “...justo... e perfeito...” Génesis 6:9. No entanto, como Lot, Moisés, Abraão, David e Salomão, o registo bíblico da sua vida revela imperfeições pessoais.

Afinal, quão bom é perfeito? Isso depende.

“Como o fermento, misturado com a farinha, actua do interior para o exterior, assim é pela renovação do coração que a graça de Deus actua para transformar a vida. Não basta a mudança exterior para nos pôr em harmonia com Deus. Há muitos que procuram reformar-se, corrigindo este ou aquele mau hábito, e esperam, desse modo, tornar-se cristãos, mas estão a começar pelo lado errado. A nossa primeira tarefa é com o coração.”⁴

“O homem que tenta observar os mandamentos de Deus apenas por sentir que é uma obrigação – porque é requerido que assim faça – jamais sentirá o prazer da obediência. Não obedece. Quando, por contrariarem a inclinação humana, as exigências de Deus são consideradas um fardo, podemos saber que a vida não é uma vida cristã. A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior. Origina-se no amor à justiça, o amor à lei de Deus. A essência de toda a justiça é lealdade para com o nosso Redentor. Isto levar-nos-á a fazer o que é recto, porque é recto, porque a rectidão é agradável a Deus.”⁵

Deus tem um plano através do qual podemos ser achados perfeitos – não por esforços humanos, “para que ninguém se glorie.” A perfeição é um maravilhoso dom de Jesus Cristo que é dado a todos os que crêem.

“A lei requer justiça – vida justa, carácter perfeito; e isso o homem não tem para dar. Não pode satisfazer as reivindicações da santa lei divina. Mas Cristo, vindo à Terra como homem, viveu uma vida santa, e desenvolveu um carácter perfeito. Ele oferece-os como dom gratuito a todos quantos os queiram receber.”⁶

Quão bom é perfeito? A perfeição é um acto divino revelado na vida de Jesus, nosso Senhor, durante a Sua vida terrestre neste planeta. A Sua vida revela perfeita confiança, total dependência do Seu Pai para a vida diária e cumprimento da vontade de Deus.

Agora, Ele terminou a Sua obra – completando tudo em nosso favor – sabendo que nós nunca poderíamos, na nossa força, fazer o que a lei de Deus requer. Qual é a nossa parte? Exercer a vontade! Escolher confiar n’Ele! Mesmo que saibamos que não conseguimos fazer o que escolhemos fazer, ao escolher abrimos a porta para Cristo fazer em nós o que somos incapazes de fazer por nós mesmos. Assim, na verdade, o filho de Deus escolhe confiar em todas as coisas. Então o seu trabalho é deixar, com confiança, Cristo agir através dele e recusar permitir que circunstâncias ou situações dêem lugar a dúvidas no método que Cristo está a usar para fazer o Seu trabalho.

Se recusarmos duvidar dos *Seus métodos de trabalho* em nós e simplesmente crermos que Ele sabe o que está a fazer, então aprenderemos o segredo da vitória de Cristo – mesmo face a uma aparente derrota.

Terminarei este capítulo com a citação do meu parágrafo preferido e muito útil, da pena de alguém que viveu o que escreveu:

“A presença do Pai envolveu Cristo, e nada Lhe sobreveio, a não ser o que o amor infinito permitiu para bênção do mundo. Aí estava a Sua fonte de conforto, e ela existe para nós. Aquele que estiver impregnado do Espírito de Cristo habita em Cristo. O golpe que lhe é dirigido recai sobre o Salvador, que o envolve com a Sua presença. Tudo o que lhe aconteça vem de Cristo. Não precisa de resistir ao mal, porque Cristo é a sua defesa. Nada lhe pode tocar a não ser que Deus o permita, e ‘todas as coisas’ que Ele permite ‘contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.’ Romanos 8:28”⁷

Quão bom é perfeito? Toda a bondade que alguma vez teremos é simplesmente a perfeita confiança em Cristo. “É através dos méritos de Cristo, através da Sua Justiça, que nos é imputada pela fé, que alcançaremos a perfeição do carácter cristão.”⁸

Referências:

1. SDA Bible Commentary, vol. 5, pág. 1132. Sinais dos Tempos, 30 de Dez. 1889.
2. O Maior Discurso de Cristo, pág. 139
3. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 405
4. Parábolas de Jesus, pág. 97
5. *Idem*, pág. 97, 98
6. O Desejado de Todas as Nações, pág. 650
7. O Maior Discurso de Cristo, pág. 71
8. Testimonies, vol. 5, pág. 744

4.

RELIGIÃO *Fúnebre*

“Ou não sabeis que todos quantos fomos baptizados em Cristo Jesus fomos baptizados na sua morte?” Romanos 6:3

A maioria dos cristãos baptizados por imersão sabe perfeitamente que foram baptizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas poucos estão conscientes do facto de que foram baptizados na morte de Cristo.

Paulo diz: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo baptismo na morte, para que, como Cristo ressurgiu dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.” Romanos 6:4

O baptismo simboliza uma experiência de morte, que já deveria ter acontecido na vida do crente. A morte aqui referida é a morte da natureza com que nascemos. Essa incorrigível velha natureza só presta para morrer. O resultado natural da morte é um sepultamento, do qual não haveria ressurreição. De facto, Paulo diz: “...o velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, e não sirvamos mais ao pecado.” Romanos 6:6.

“Indubitavelmente, a grande dificuldade para a maioria dos crentes é que estão a tentar viver a vida de Cristo sem primeiro terem morrido a morte de Cristo. Parece que têm a noção de que Cristo morreu assim como nós precisamos de morrer, e assim, pela fé em Cristo esperam viver sem morrer. Paulo disse ‘os que estão na carne não podem agradar a Deus’ Romanos 8:8, e ‘os que são de Cristo

Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Gálatas 5:24”¹

É absolutamente necessária uma clara compreensão da importância deste facto, se queremos ter sucesso em andar com o Senhor.

“O novo nascimento é uma experiência rara nos dias de hoje. É por isso que há tantas perplexidades nas igrejas. Muitos, muitos mesmo, dos que se dizem cristãos não estão consagrados nem santificados. Foram baptizados, mas foram enterrados vivos. O eu não morreu e, por isso, não ressuscitaram para a novidade de vida em Cristo.”²

O parágrafo anterior foi escrito em 1897. Mas, sem dúvida, continua a ser verdade hoje. Paulo acrescenta: “Portanto, quem está em Cristo, nova criatura (criação) é; as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo.” 2 Coríntios 5:17.

Porque é necessário que a velha natureza morra? Jesus responde: “Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” Mateus 16:25. Aparentemente, não há nada que possa ser feito para curar a velha natureza pecaminosa do homem. Simplesmente tem de morrer. Se vai haver uma nova vida, a velha deve morrer.

Meade MacGuire, no seu livro “His cross and Mine” (A Sua Cruz e a Minha), dá-nos uma perspectiva muito útil:

“Existe uma grande diferença entre pecados e pecado. Muitos passam por sérias dificuldades na sua vida cristã, porque não compreendem esta distinção. Por detrás de todos os nossos actos de transgressão está o princípio de pecado que os originou. Embora os nossos maus actos tenham sido perdoados, ainda continuamos a pecar. Algo mais tem de ser feito por nós, do que, simplesmente, perdoar os nossos pecados.”³

MacGuire acrescenta:

“Aqui é necessário ter em conta a diferença entre

pecado e pecados. Pecados, actos de desobediência, transgressões à lei divina, Deus está sempre pronto a perdoar através dos méritos de Cristo, em resposta a uma oração de arrependimento e fé. Mas o pecado, Deus não pode perdoar.

O pecado é a natureza que nos leva a desobedecer à lei de Deus. A natureza com a qual viemos ao mundo jamais mudará, conforme lemos na palavra de Deus: ‘Aquele que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do espírito é espírito’. A única maneira de nos libertarmos de uma má natureza é pela morte. E a única maneira de recebermos uma boa natureza é nascendo de novo.”⁴

A morte é a única forma de lidar com a velha natureza.

Eis como esta morte se processa no crente. As paixões baixas têm a sua sede no corpo e actuam através dele. As palavras *carne*, ou *carnal*, ou *desejo carnal* referem-se à natureza pecaminosa. É-nos ordenado que crucifiquemos a carne, com as suas inclinações e desejos. Mas como? Infligindo sofrimento ao corpo? Não. O que eu quero fazer é levar à morte a tentação para pecar. Matar os pensamentos corruptos. Quero cada pensamento controlado por Jesus Cristo.⁵

Em Romanos 6, Paulo afirma que a morte da velha natureza é algo real. No versículo 11 é-nos dito para considerar isso como um facto! E é aqui que muitos cristãos falham. É muito fácil acreditar que esta experiência é uma expressão teológica e não algo real ou prático.

Satanás é o responsável por este raciocínio. Quando Deus afirma um facto, Satanás opõe-se, modifica, ou tenta alterar esse facto em seu favor. Ele sabe que se o cristão acredita, verdadeiramente, que a sua velha natureza está realmente morta, o seu poder é quebrado.

Para reforçar a sua afirmação de que a experiência da morte não é real, Satanás tenta levar o crente a viver cada vez mais segundo os seus sentimentos e não pela sua fé.

E assim, leva o crente a cair no pecado. Então volta-se con-

tra ele e acusa-o por ter caído no pecado. E usa esta experiência da queda como prova de que a velha natureza não está morta. Ele, simplesmente, usa a mais perfeita lógica racional para dizer: “Se a velha natureza estivesse morta, não terias sido tentado.”

Neste ponto, é necessário que o cristão pare de tentar raciocinar no meio da confusão de sentimentos que o perturbam. A despeito dos sentimentos, deve crer na Palavra de Deus.

Se se entregou a Cristo sabe que “...os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” Gálatas 5:24. Devemos, sempre, voltar à Palavra de Deus, e parar de argumentar com as sugestões de Satanás, se queremos permanecer como cristãos. Deus diz que a vossa velha natureza está morta, mesmo que tenham sucumbido ao pecado através da tentação. Satanás diz que ela não está morta. Agora, a questão a que devemos responder é não *em que*, mas sim *em quem* devemos acreditar?

Como posso lidar com estes sentimentos? Leiam o capítulo um novamente, e reparem no facto de que Satanás é o senhor dos nossos sentimentos. As afirmações que se seguem salientam esse facto:

“Devemos todos os dias dedicar-nos a Deus e crer que Ele aceita o nosso sacrifício, sem examinar se possuímos a quantidade de sentimento correspondente à nossa fé. Sentimento e fé são tão diversos como o oriente do ocidente. A fé não depende do sentir. Temos de, com fé, clamar fervorosamente a Deus, sentindo ou não sentindo, e então viver de acordo com as orações. A nossa certeza e prova é a Palavra de Deus e, depois de termos pedido, devemos crer, sem duvidar.”⁶

Para nos ajudar a ver como é subtil esta questão da fé versus os sentimentos, raciocinemos com clareza, enquanto lemos esta próxima citação:

“...Deus deve ser servido por princípio e não por sentimento... Não façamos confusão entre fé e sentimento.

São coisas distintas. A fé é algo que devemos exercitar. Crer, crer. Deixem a vossa fé apoderar-se das bênçãos, e elas serão vossas. Os vossos sentimentos não têm nada a ver com essa fé. Quando a fé traz as bênçãos ao vosso coração, e se alegram com elas, já não é fé, mas sentimento.”⁷

A última frase deste parágrafo não é fácil de entender. Por favor, leiam-na novamente. Agora vamos olhá-la de perto. Obviamente, a distância que vai da fé ao sentimento é muito curta. Ou será que podemos dizer que viver pela fé requer vigilância constante, para que não caiamos no erro de viver baseados nos sentimentos?

Um exemplo claro da Bíblia pode ajudar-nos a entender este assunto. Em Lucas 10:17, a Bíblia diz: “Voltaram os setenta, com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demónios se nos sujeitam”. Reparem no entusiasmo que deve ter sido demonstrado por estes missionários ao regressarem. Nunca antes eles tinham vivido uma experiência semelhante. A sua alegria deve ter sido bem evidente, porque é especialmente mencionada.

Mas reparem na resposta de Cristo no verso 18: “E disse-lhes Jesus: Eu vi Satanás, como raio, cair do céu.” Que resposta! Quase posso ver as expressões nos rostos daqueles trabalhadores. Consegue vê-las? Devem ter dito uns aos outros: “Ele não entendeu o que dissemos. Porque está tão triste? Não consigo entendê-lo.” Alguns até podem ter tentado clarificar o seu relatório.

Jesus, porém, tinha respondido com base numa profunda experiência da qual eles nada sabiam. A mente de Cristo voltou atrás, à queda de Lúcifer, e estava simplesmente a dizer: “Eu já vi este mesmo espírito em Satanás, há muito tempo, e estou a vê-lo aqui novamente.” A Satanás tinha sido dada a bênção de um grande poder. Ele entusiasmou-se com o poder, mas esqueceu a bênção maior do seu relacionamento com a fonte desse poder. As palavras-chave que aqui revelam uma verdade solene são: “se nos sujeitam.”

Oiçam agora os versos 19 e 20: “Eu vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum. Mas não vos alegréis porque se vos sujeitam os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.”

A maior das bênçãos que Deus pode conceder – uma bênção que custou a vida do Filho de Deus – foi posta de lado e relegada para um lugar insignificante quando comparada com o poder de expulsar demónios. O Calvário foi o preço pago para que pudéssemos ter os nossos nomes escritos no Céu. Cristo podia dar o poder de expulsar demónios sem custo algum para Ele. Quão frequentemente pensamos mais num cesto de compras de mercearias miraculosamente colocado nos degraus da nossa escada, quando estamos em necessidade, do que no dom de Deus ao permitir que nos tornemos membros da Sua família, “...membros do seu corpo” Efésios 5:30.

Uma vez enunciados os problemas que advêm de vivermos baseados nos sentimentos, voltemos à questão de como lidar com esses sentimentos. Será que rangemos os dentes e tentamos contê-los? Será que os ignoramos e esperamos que desapareçam? Não será melhor manifes-tarmos os nossos sentimentos e, dessa forma, dar vazão ao nosso stresse? Estas e muitas outras soluções poderiam ter o apoio de algumas pessoas muito conhecidas.

É muito mais fácil lidarmos com os nossos sentimentos se verificarmos primeiro a sua origem. Devemos lembrar-nos de que Deus trabalha primeiro com o coração (mente), e que o Seu trabalho é de dentro para fora. Satanás, pelo seu lado, trabalha através dos sentimentos e o seu trabalho é de fora para dentro.

Deus motiva todas as nossas acções através da mente. Satanás motiva através dos sentidos. Ele ignora o processo de racionalização. Por favor, lembrem-se, “Há apenas dois poderes que dominam a mente do homem – o poder de Deus e o de Satanás”.⁸ Tendo presentes estes factos, é mais fácil descobrir a fonte dos sentimentos e saber o que fazer com eles.

Mas como lidamos com os sentimentos, mesmo quando sabemos que procedem de Satanás? Devemos lembrar o conselho dado em “O Lar Adventista, pág. 128: “...dar morte à tentação do pecado.” Isto é impossível de fazer pelas nossas próprias forças. É exactamente aqui que devemos usar a nossa força de vontade.

Devemos *escolher* crer em Deus apesar dos nossos sentimentos. Depois de ter feito isto, devemos admitir, francamente, que não podemos controlar os nossos sentimentos. Depois, vamos ao Senhor em oração, reconhecendo a nossa incapacidade e agradecendo-Lhe pelo Seu grande poder e prontidão para nos libertar. E Ele libertar-nos-á! Os sentimentos perderão a sua força e reinará paz no nosso coração.

Pode ser necessário fazer isto muitas vezes até que convençamos Satanás de que não estamos dispostos a ser controlados pelos sentimentos. Caminhem pela fé – com sentimentos ou sem eles. Pensem constantemente, ‘estou morto e a minha vida está escondida com Cristo em Deus’. Colossenses 3:3. O que pode Satanás fazer com um indivíduo morto? Quando a vontade é usada para escolher até mesmo aquilo que não podemos fazer, Deus é glorificado, porque Ele gosta de fazer por nós aquilo que nos é impossível fazer por nós mesmos.

Uma religião fúnebre não será muito atractiva. Tenho a certeza que também não o foi para Jesus. No entanto, é a única forma de resolver este problema do pecado. Jesus disse aos gregos que vieram vê-l’O pouco antes da Sua morte: “...se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dá muito fruto.” João 12:24.

Sugiro que o vosso cemitério seja no vosso próprio lar, no local de trabalho, no escritório ou onde quer que o eu possa reviver durante as actividades diárias. Permanecer cristão requer muito mais do que um morrer diário para o eu. Como Paulo, devemos estar “trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ...De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida.” II Coríntios 4:10, 12.

Existe apenas uma maneira de atrair os outros a Jesus, e não a nós mesmos. Se o eu está escondido (crucificado) Jesus é revelado. “Cristo aguarda com fervoroso desejo a manifestação de Si mesmo na Sua igreja. Quando o carácter de Cristo for perfeitamente reflectido no Seu povo, então virá para o reclamar como Seu.”⁹

Referências:

1. Meade MacGuire, A Life of Victory, pág. 35.
2. SDA Bible Commentary, Vol. 6, pág. 1075, Manuscrito 148, 1897.
3. Meade MacGuire, His Cross and Mine, pág. 80.
4. *Idem*, pág. 91.
5. Actos dos Apóstolos, pág. 127, 128.
6. Mensagens Escolhidas, livro 2, pág. 243.
7. Testemunhos, Vol. 1, pág. 167.
8. Temperança, pág. 276.
9. Parábolas de Jesus, pág. 69.

5.

Os Cristãos Nascem, **NÃO SÃO FEITOS**

A experiência do novo nascimento, referida no Novo Testamento mais de doze vezes, é muitas vezes mal-entendida, de forma grosseira. Para muitos é apenas crer em Jesus. Para outros, aceitar Jesus como Salvador é nascer de novo. Para outros ainda, o batismo por imersão é igual a nascer de novo.

Gostaria de sugerir que o novo nascimento, tal como é apresentado na Palavra de Deus, é uma experiência tão dinâmica e vitalizante, que muitas pessoas têm dificuldade em aceitar literalmente o que as Escrituras ensinam.

“Todo aquele que na realidade é filho de Deus, não pratica o pecado, porque a natureza de Deus está nele, para o bem, e uma tal hereditariedade é incapaz de pecar.” 1 João 3:9 (Phillips)

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou, também ama ao que dele é nascido.” 1 João 5:1.

“Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.” 1 João 5:4.

Podemos ver que o poder da vida cristã reside no ser nascido de novo. Agora, temos de descobrir o que torna este poder uma experiência real para nós pessoalmente. João declara: “E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna, e esta vida está no seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; e quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.” 1 João 5:11, 12.

Será que no nosso desejo de aprender o que é a verdade

tenhamos negligenciado ver quem é a Verdade? Na nossa busca da verdade pode haver alguma coisa que nos esteja a cegar para a verdade. Tentaremos descobrir o que é que cega, tão eficazmente, pesquisadores honestos e, assim, aprenderemos como desimpedir o caminho para esta maravilhosa experiência do novo nascimento.

“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” Apocalipse 3:20. Aparentemente, estas palavras são dirigidas à igreja de Deus de Laodiceia, a igreja de hoje, porque elas são parte da mensagem especial de Jesus à Sua última igreja. É, por isso, imperativo que saibamos a resposta à pergunta tão frequentemente repetida: “Como é que eu nasço de novo?” Ou será isto apenas uma mera experiência verbal? Será literal? E, se é literal, a quanto da minha vida dá isto acesso a Jesus? À minha vida religiosa? À minha vida profissional? Aos meus momentos de lazer? Exactamente quanto é necessário, antes de Ele entrar na minha vida?

“Todo o pensamento deve ser levado cativo a Jesus Cristo. Toda a tendência animal deve ser sujeita às mais altas faculdades da alma. O amor de Deus deve reinar supremo; Cristo deve ocupar um trono não dividido. O nosso corpo deve ser considerado como tendo sido comprado. Os membros do corpo devem tornar-se instrumentos de justiça.”¹

Obviamente que esta experiência envolve muito mais do que simplesmente estar disposto a abandonar os nossos maus hábitos, a nossa natureza maligna, o nosso amor ao mundo e os nossos bens terrenos. *Todo o pensamento* deve estar sob o Seu controlo. Todas as inclinações naturais e os membros do próprio corpo devem reflectir a Sua justiça.

Para alcançarmos esse objectivo, Jesus diz: “Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestes brancas, para que te vistas, e não se veja a vergonha da tua nudez; e colírio, para que unjas os teus olhos, para que vejas.” Apocalipse 3:18.

“O que é que constitui a miséria, a nudez daqueles que se sentem ricos e abastados? A falta da justiça de Cristo.”² Nem uma forte crença nos correctos ensinamentos doutrinários da igreja pode salvar alguém. Jesus deve ter um controlo total sobre cada faceta da nossa vida. Esta não é uma exigência arbitrária do nosso Salvador; é simplesmente uma das leis divinas naturais. É a lei que diz: “... a inclinação da carne é inimizade contra Deus...” Romanos 8:7.

Por essa razão, Nicodemos foi ter com Jesus de noite. O seu coração estava pesado, porque ele desejava ser coberto com a justiça de Cristo, ter a certeza da salvação, mas não sabia como obtê-la. Jesus viu a sua necessidade e foi directo ao assunto: “...aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.” João 3:3. A riqueza, a influência, as realizações pessoais de Nicodemos não tinham qualquer valor perante as condições que Jesus apresentou para um novo nascimento.

Essa foi a crise de Nicodemos. Incapaz de compreender a resposta, perguntou: “...Como pode ser isso?” João 3:9. Jesus já lhe tinha dito: “O que é nascido da carne, é carne, e o que é nascido do Espírito, é espírito” verso 6. Nicodemos não queria ver isso. O seu eu estava muito vivo.

A afirmação de Cristo a Nicodemos ainda permanece de pé. A carne não pode crucificar a carne, não interessa quantas promessas, sacrifícios, entregas, possamos fazer, ou quão sinceros sejam os esforços que façamos. Há sempre um pouco do eu carnal que permanece vivo para regressar. Alguém disse que o eu prefere que pensem mal dele, do que ser ignorado.

Cristo está à porta da Sua Igreja e suplica: “...Se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei...” Apocalipse 3:20. Por que razão Se apresenta Jesus assim? Porque nós, tal como Nicodemos, ainda estamos cegos para o eu. Ainda nos falta perceber que os cristãos nascem e não são feitos.

Muitos cristãos sinceros pensam que, com a ajuda de Deus, a sua velha natureza – a carne – pode ser limpa, purificada, liberta do mal interior, e que, a partir daí, serão capazes de viver uma vida vitoriosa para Deus. Trata-se de uma mistificação

de Satanás! O seu plano é levar os seres humanos a acreditar que a natureza humana pode ser mudada. Ele sabe que ela está destinada à morte, mas tenta tapar a verdade com mentiras e conservar-nos cegos.

“A vida cristã não é uma modificação ou um melhoramento da antiga, mas uma transformação da natureza. Há uma morte para o eu e o pecado, e surge uma vida completamente nova. Essa mudança só se pode efectuar mediante a eficaz acção do Espírito Santo.”³

“Cristo veio à terra, tomando a humanidade e permanecendo como representante do homem, para mostrar, na controvérsia com Satanás, que o homem, como Deus o criou, ligado ao Pai, pode obedecer a todos os mandamentos divinos.”⁴

Esta citação merece uma atenção muito especial. Nela encontramos a razão pela qual foi absolutamente necessário que Jesus nascesse com uma natureza sem pecado, tal como tinha o primeiro Adão. Deus só pode trabalhar com aquele que nasce do Espírito, para o moldar e formar de acordo com a Sua vontade. A natureza pecaminosa é instável e não pode responder ao Obreiro Mestre. O desejo pode estar na mente, mas a carne é incorrigível. O resultado é o fracasso.

Quando Jesus disse “... se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica só” João 12:24, estava, obviamente, a falar do baptismo que, na verdade, simboliza a morte.

“O novo nascimento é uma experiência rara no mundo actual. É por isso que há tantas perplexidades nas igrejas. Muitos, muitos mesmo, dos que se dizem cristãos, encontram-se não santificados nem consagrados. Foram baptizados, mas foram sepultados vivos. O eu não morreu, por isso não renasceram para uma nova vida em Cristo.”⁵ (Escrito em 1897).

“Mas a todos os que O receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue,

nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.” João 1:12, 13. É bastante claro que a Inspiração ensina a necessidade de um nascimento espiritual antes de alguém se tornar filho de Deus, ou um membro da Sua família. Contudo, a morte deve preceder a vida.

A solução deste problema está para além das capacidades humanas. O homem, mesmo na sua natureza pecaminosa, pode exercer a força de vontade concedida por Deus, e escolher morrer e nascer de novo.

Este processo é descrito no capítulo um deste livro. Nada pudemos fazer com o nosso nascimento natural, mas, Deus seja louvado, temos uma parte, concedida por Deus, na experiência do novo nascimento. Podemos escolher nascer de novo. No entanto, mesmo neste novo nascimento deve haver uma ligação com o Pai e o Filho. É isto o que a justificação concretiza.

O Pai justifica o crente com base na sua aceitação de Jesus e da Sua expiação por nós na cruz.

Jesus viveu a Sua vida em comunhão directa com o Seu Pai. Ele disse: “...o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma...” João 5:19. A Sua vida de obediência a cada preceito de Deus não foi independente do Seu Pai, mas cem por cento dependente do Pai. É assim que a Sua vida é um exemplo perfeito para nós seguirmos.

Jesus diz-nos: “...sem mim nada podeis fazer.” João 15:5. Separados de Jesus, até mesmo na experiência do novo nascimento, não podemos obedecer aos requisitos divinos. Mas se Cristo viver em nós, como o Pai vivia n’Ele, será possível obedecer. Ele faz isso em nós. E isto são boas notícias, não acham?

A questão que devemos colocar é: “Qual o requisito de Deus que devo preencher?” A resposta é dada na citação seguinte: “Deus requer a completa submissão do coração antes que a justificação possa ter lugar e, para que o homem conserve essa justificação, tem de haver contínua obediência, mediante uma

fé viva e diligente, que trabalha por amor e purifica a alma.”⁶

Reparem que, enquanto que a condição para a justificação é a submissão, a condição para reter a justificação é a obediência contínua. Será que a justificação nos torna capazes de obedecer? Não. A justificação tem que ver apenas com o nosso cadastro – a nossa posição diante de Deus. Como poderemos então preencher o segundo requisito? Aqui está como:

“Ao operar Deus no coração, e entregar o homem a sua vontade a Deus, e com Ele cooperar, ele manifesta na vida aquilo que Deus operou no seu íntimo pelo Espírito Santo, e há harmonia entre o propósito do coração e a prática da vida. Todo o pecado deve ser renunciado como a coisa odiosa que crucificou o Senhor da vida e da glória, e o crente tem de ter uma experiência progressiva, fazendo continuamente as obras de Cristo. É pela contínua submissão da vontade, pela obediência contínua, que se retém a bênção da justificação.”⁷

Por favor, notem que o papel do homem é entregar a sua vontade. A vida de Cristo foi de submissão contínua. Falaremos mais sobre este assunto num capítulo mais à frente. A obediência contínua é o resultado do processo de santificação, que será abordado nos próximos capítulos. Pode parecer a alguém que a natureza humana foi apresentada como totalmente insignificante! Essa é, de facto, a questão.

“Quando o coração se rende inteiramente a Cristo, há *um novo poder que toma posse do novo coração*. Opera-se uma mudança que o homem nunca pode operar por si mesmo. *É uma obra sobrenatural, introduzindo um elemento sobrenatural na natureza humana*. Aquele que se rende a Cristo torna-se a Sua fortaleza, mantida por Ele num mundo em revolta, e deseja que nenhuma outra autoridade seja aí reconhecida senão a Sua. Alguém assim protegido pelos seres celestes é inexpugnável aos assaltos de Satanás. ...A única defesa contra o mal é Cristo habitar

no coração, mediante a fé na Sua justiça. Se não nos unirmos vitalmente a Deus, nunca poderemos resistir aos efeitos não santificados do amor próprio, da condescendência connosco mesmos e da tentação para pecar. *Podemos deixar muitos hábitos maus, podemos durante algum tempo separar-nos de Satanás; mas, sem uma ligação vital com Deus, através da nossa submissão a Ele, momento a momento, seremos vencidos.*”⁸

“O que é a justificação pela fé? É a acção de Deus de lançar a glória do homem por terra, e fazer por ele aquilo que não está ao seu alcance fazer por si mesmo. Quando os homens vêem a sua própria inutilidade, estão preparados para ser revestidos com a justiça de Cristo.”⁹

“Porque é tão difícil viver uma vida abnegada e humilde? Porque os que se dizem cristãos, não estão mortos para o mundo. É mais fácil viver depois de estarmos mortos.”¹⁰

Lembremo-nos de que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. O Seu caminho pode parecer um fracasso, mas esse é o único caminho para o verdadeiro sucesso. Porque, quando realmente nascemos de novo –

Vivemos morrendo.

A força vem através da fraqueza.

A batalha é vencida através da submissão.

Então podemos saber que os cristãos nascem e não são feitos.

Referências:

1. O Lar Adventista, pág. 128.
2. Cristo, Nossa Justiça, pág. 90
3. O Desejado de Todas as Nações, pág. 172.
4. SDA Bible Commentary, vol. 7 A, pág. 650, Sinais dos Tempos, 9 de Junho de 1898.
5. Idem, vol. 6, pág. 1075, Manuscrito 148, 1897.
6. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 366.

7. Idem, livro 1, pág. 397.
8. O Desejado de Todas as Nações, pág. 324.
9. Cristo, Nossa Justiça, pág.104.
10. Mensagens aos Jovens, pág. 127.

6.

Da Justificação PARA O QUÊ?

Se alguém é justificado e, no seu registo no Céu, se lê “justo, como se nunca tivesse pecado”, poderia parecer estranho querer acrescentar alguma coisa a esta espécie de registo. Expressar este tipo de pensamento é revelar o facto de que ainda continua a pensar em termos legais. Ainda há um desejo de fazer alguma coisa para sentirmos que isto é real. O maior objectivo para alguém que foi justificado é, pela fé, conservar essa imerecida posição que Deus, no Seu amor, nos deu como um dom gratuito. Contudo, no momento em que somos justificados somos também santificados. Estas duas condições são alcançadas somente pela fé. A justificação lida com os nossos registos no Céu. Ela muda o conteúdo desses registos, de um criminoso condenado para os de um homem livre, com registos perfeitos, incluindo a sua vida passada.

A santificação é o plano celestial através do qual um criminoso liberto (agora um membro da família de Deus) pode agradecer continuamente a Deus pelo dom indescritível da justificação feito a um indigno miserável. Como é que ele pode fazer isso? Permitindo, diariamente, que Deus opere nele segundo o Seu querer e boa vontade. Filipenses 2:13.

O nosso papel é permitir que Deus trabalhe na nossa vida, reabitando-nos a dizer continuamente sim, cada vez que Jesus disser: “Este é o caminho, andai por ele”. O que o Céu requer dos que lá hão-de entrar é total confiança em Jesus, sem duvidar, sem adiamentos, ou mesmo sem perguntar porquê ou como. A nossa resposta à orientação de Deus deve ser tão

natural como o movimento de uma flor que se vira para o sol.

Obviamente, não devem subsistir dúvidas ao longo do caminho acerca da nossa justificação (justiça imputada) ou da nossa santificação (justiça comunicada). É através da justificação que a obediência nos é creditada, agora e para o futuro.

“Através da Sua justiça imputada, são aceites por Deus como os que estão a manifestar ao mundo que reconhecem a aliança com Deus, guardando todos os Seus mandamentos.”¹

“Deveríamos estudar a vida do nosso Redentor, pois Ele é o único exemplo perfeito para os homens. Deveríamos contemplar o infinito sacrifício do Calvário, e ver a tremenda malignidade do pecado e a justiça da lei. Sairão, de um cuidadoso estudo do tema da redenção, fortalecidos e enobrecidos. A vossa compreensão do carácter de Deus será aprofundada; e com o plano da salvação claramente definido na vossa mente, estareis melhor habilitados para cumprir a vossa comissão divina. Com um sentimento de plena convicção poderão, então, testificar aos homens do imutável carácter da lei, manifestado pela morte de Cristo sobre a cruz, da maligna natureza do pecado e da justiça de Deus ao justificar o crente em Jesus sob a condição da sua futura obediência aos estatutos do governo de Deus, no Céu e na Terra.”²

“A religião pessoal entre nós, como um povo, está em declínio. Há muita forma, muita maquinaria, muita religião de língua; mas algo de mais profundo e mais sólido deve ser introduzido na nossa experiência religiosa... Temos necessidade de conhecer Deus e o poder do Seu amor, revelado em Cristo, através de conhecimento experimental... Por meio dos méritos de Cristo, através da Sua justiça que, pela fé, nos é imputada, cumpre-nos atingir a perfeição do carácter cristão.”³

A perfeição também vem através da justificação. É através da santificação que essa posição é mantida. Essa será a nossa condição, não só até à volta de Cristo, mas por toda a eternidade. Será a nossa feliz tarefa expressar a todo o Universo o nosso apreço pelo inexprimível dom de Cristo em nosso favor.

A salvação depende da justificação como um dom gratuito de Deus. A nossa atitude em relação a essa dádiva é expressa pela forma como nos relacionamos com a santificação, e pela nossa disponibilidade para permitirmos que Jesus remodele os nossos caracteres, de maneira a que reflectam o Seu. Esse é o trabalho de Jesus, não importa os métodos que Ele utilize para alcançar o Seu objectivo. A nossa parte consiste em submeter-nos a Ele.

Será a santificação a prova da justificação? Em João 15:5, Jesus diz: "...quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto." O fruto do Espírito deve ser visto em todos aqueles que estão verdadeiramente justificados. Gálatas 5:22, 23. O crente apenas tem de se manter nessa relação (posição) com Cristo e Ele produzirá o fruto. Cristo é a Videira; o crente é o ramo. A nossa *posição* como membros da família de Deus é o motivo da nossa alegria. Devemos recusar demorar-nos numa forma *condicional* de pensar. Quando somos enxertados na Videira, tornamo-nos parte d'Ele. A justificação será sempre necessária. O carácter de Cristo é a única cobertura que pode satisfazer completamente todos os requisitos da perfeita lei de Deus; por isso, deve ser conservado.

"O inimigo de Deus e do homem não deseja que esta verdade [justificação pela fé] seja exposta de forma clara; pois sabe que se o povo a aceitar na sua totalidade, o seu poder será quebrado. Se ele conseguir controlar as mentes a ponto de a dúvida, a descrença e a escuridão fazerem parte da experiência daqueles que se intitulam filhos de Deus, poderá vencê-los com a tentação."⁴

"Eu vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo ..." Lucas 10:19.

Obviamente, os cristãos, em geral, não têm um conhecimento experimental de que podem viver livres do poder de Satanás. Isto não implica viver livre das suas tentações. As tentações, juntamente com o pecado, perderam o seu poder. E estas são boas novas para todos nós.

O pecado tem uma influência poderosa sobre a família humana. É atractivo para a natureza pecadora. Ele oferece prazer por um momento. Sendo proibido, é excitante. Fomenta o espírito de independência. É um mau uso da capacidade de escolha ou do poder da vontade. Tudo isto será resolvido no cristão verdadeiramente nascido de novo, à medida que ele caminha com o seu Senhor em justiça.

Há outro aspecto, muito mais subtil, do poder do pecado que devemos considerar: "...a força do pecado é a lei." I Coríntios 15:56. A palavra grega *dunamis* (capacidade) é aqui traduzida como força. É mais frequentemente traduzida como poder. A nossa palavra "dinamite" tem a mesma raiz. A capacidade da dinamite está no seu poder explosivo. Se a "força do pecado" é a lei, devemos saber como é que isso é verdade. Deus não revelou a Sua lei como uma transcrição do Seu carácter e ao mesmo tempo como a "força do pecado". A lei divina de amor, levou-O a criar o homem com capacidade de pecar. Deu-lhe o poder de escolha. Será aqui que reside o poder do pecado? "O homem resiste à tentação quando, poderosamente influenciado para fazer o mal, e sabendo que o pode fazer, resiste, pela fé, firmemente apoiado no poder divino."⁵

É interessante saber que o poder que Jesus deu aos Seus discípulos, referido em Lucas 10:19, foi *exousia* (autoridade), e não "capacidade". Mas o poder do inimigo no mesmo verso é *dunamis* (capacidade). Podemos dizer, então, que Deus deu ao homem autoridade sobre todas as capacidades de Satanás, mas que retém a capacidade e a autoridade sobre Satanás sob o Seu próprio controlo. Através de Cristo, todo o poder de Satanás é quebrado, porque ele é um inimigo derrotado.

Colossenses 1:13 diz: "Livrou-nos do poder (autoridade)

da escuridão, e fez-nos passar para o reino de seu Filho querido” Libertação da autoridade de Satanás e sermos membros do reino de Deus é exactamente a mesma coisa. “Quando abandonarem a vossa própria vontade, a vossa própria sabedoria, e aprenderem de Cristo, acharão entrada no reino de Deus.”⁶

Uma vez que a lei de Deus é uma transcrição do Seu carácter, e Satanás está sempre a deturpar o Seu carácter, devemos encontrar aqui a chave para a afirmação de que a lei é a “força do pecado”.

Devido a uma má compreensão e mau uso da lei de Deus, o antigo Israel permaneceu sob o poder de Satanás durante séculos. O plano de Deus era que a Sua lei, conforme escrita e revelada no Sinai, fosse um mestre que levasse o Seu povo a Cristo. Gálatas 3:24. Satanás tinha outros planos. Ele usaria essa mesma lei da liberdade para escravizar. Como? Concentrando todos os seus esforços numa das funções da lei – a sua capacidade para condenar. Paulo escreve: “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens, para condenação...” Romanos 5:18. Está aqui o ponto central de Satanás e o seu poder sobre os homens. Ele tenta cegar-nos para o resto do mesmo versículo: “...assim também por um só acto de justiça veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida.”

Satanás sempre ampliou a condenação, e depois apresentou a estrita obediência à lei como a única solução aceitável para o problema. Isso levou o homem à derrota sob um miserável desencorajamento, tentando guardar aquilo que não pode guardar na sua própria força – *dunamis*, ou autoridade, *exousia*. Condenação e culpa estão associadas e constituem o ponto forte do trabalho de Satanás ao enganar os cristãos.

A *condenação* e a culpa foram planeadas para levar o homem a aperceber-se da sua própria insignificância e, na sua miséria, ele voltar-se-ia para Deus, que enviou o Seu filho para resolver todo o problema do pecado. Um pai amoroso, quando lida com um filho desobediente, com frequência manifesta

autoridade e capacidade, mesmo que seja mal compreendido. O pecado tornou necessária a revelação da lei que existia desde a eternidade, mas que era mal compreendida e erradamente aplicada. A principal função da lei como ensinadora foi escondida aos olhos do homem pela condenação.

A condenação é uma força rude e opressora, tanto para as religiões pagãs como cristãs. Muitos dos reformadores sofreram sob o seu poder. De um modo geral, o Cristianismo tem lutado com este problema e só tem encontrado respostas humanas, que não geram amor a Deus nem produzem uma atitude correcta para com a Sua lei. David tinha os seus olhos abertos e viu a lei como o mestre, ou vereda, que leva a Cristo. A sua resposta foi: “Oh! Quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia.” Salmo 119:97.

Desde o início da sua apostasia, Satanás odeia a lei de Deus, trabalhando continuamente para a mudar ou modificar. Qualquer tentativa para usar a justificação, a imputação do carácter de Cristo para benefício do homem, como um meio de mudança ou para pôr de lado a lei de Deus, é concordar com Satanás e cooperar com ele na sua rebelião contra Deus.

O antinominianismo, o pôr de lado a lei de Deus, é uma resposta humana para o problema do pecado, que concorda com a acusação original de Satanás contra Deus.

O homem moderno pode pensar que a lei é incapaz de satisfazer as suas necessidades. No entanto, continua a precisar do Salvador a quem a lei o conduz. A verdade é que o homem precisa de ser mudado completamente, não a lei. Esta mudança dá-se através de dois processos relacionados, mas distintos e diferentes. Primeiro, foi concretizado por Cristo um processo legal, a favor do homem, na cruz do Calvário, quando tomou o lugar que nos pertencia e pagou a dívida que não podíamos pagar e continuar a viver. Assim, o registo do homem é alterado no momento em que aceita Cristo como seu Salvador e submete a vida ao Seu controlo. “Quando os homens vêem a sua própria inutilidade, estão preparados para ser revestidos com a justiça de Cristo.”⁷ O Calvário permanece como uma prova irrefutável

da imutabilidade da lei de Deus. Se tivesse sido possível mudar ou anular a lei, o Calvário não teria sido necessário. Graças a Deus pela Sua dádiva no Calvário, onde Jesus obteve o direito de resgatar os cativos das mãos do grande enganador.⁸

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito” Romanos 8:1. A justificação anula a condenação para aquele que se entrega a Cristo. O Salvador disse: “Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” João 3:17. A lei ainda condena, mas apenas Satanás está interessado na condenação. O cristão recém-nascido (justificado) aprende que, mesmo que Satanás trabalhe através dos seus sentidos, para condenar, Cristo não está ocupado em condenar. “Sabendo que, se o nosso coração nos condena, maior é Deus do que os nossos corações, e conhece todas as coisas. Amados, se o coração não nos condena, temos confiança para com Deus.” I João 3:20, 21.

Conseguimos ver que é apenas compreendendo Deus na Sua verdadeira relação com o homem – que é de amor e não de condenação – que podemos ter confiança n’Ele? Isto também é verdade na relação pai-filho. Somente numa relação sincera é que há verdadeira confiança. “Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, livrou-me da lei do pecado e da morte.” Romanos 8:2. A lei do espírito serve para nos ensinar sobre a vida em Jesus Cristo, que nos liberta da lei do pecado e da morte. Foi disto que Paulo foi liberto em Romanos 7.

A lei do pecado, a qual diz “...o salário do pecado é a morte...” (Romanos 6:23), tem uma terrível força condenatória na nossa vida, quando utilizada contra nós por Satanás. O seu plano é forçar-nos ao arrependimento através desses miseráveis sentimentos. Muito do arrependimento dos cristãos é um desejo de se livrarem desses fortes sentimentos. Se formos honestos, podemos ver que o egoísmo é a raiz deste arrependimento. A Palavra de Deus declara: “...a bondade de Deus que te leva ao arrependimento.” Romanos 2:4. Não é através da condenação,

mas por olhar para Jesus na cruz do Calvário, que chegaremos ao verdadeiro arrependimento. Saber que Ele condena o pecado, mas ama o pecador, liberta-nos. “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.” João 8:36.

Quando vemos que somos vítimas de uma doença mortal, chamada pecado, que tem deixado muitas cicatrizes, chamadas hábitos, no nosso corpo – e que tem de ser erradicada – conseguimos compreender quão paciente, contudo persistentemente, Cristo tem de trabalhar para nos livrar desses hábitos. Só então podemos ver porque é que a santificação – o segundo processo – é a forma de Deus alterar esses nossos hábitos, e é o trabalho de toda uma vida. Não se trata de que uma vida inteira nos faça santos, mas ela deve estabelecer em nós um padrão de total entrega e disponibilidade que permita a Deus fazer em nós, “...o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade.” Filipenses 2:13.

A justificação trata com a nossa natureza. Quando morremos para o eu, entregamos a nossa vontade e convidamos Cristo a tomar conta da nossa vida, uma nova natureza é dada ao cristão nascido de novo. Essa natureza é capaz de se submeter à lei de Deus, ao passo que a velha natureza odiava a lei de Deus. Romanos 8:7. A santificação assume a tarefa de redireccionar o carácter, e de remover os hábitos que foram desenvolvidos através da velha natureza. Esses hábitos e tendências hereditárias são reminiscências da velha vida centrada no eu. Eles são os mais fortes apoios que Satanás tem na vida do cristão nascido de novo. Graças a Deus, mesmo esses apoios podem ser quebrados, através do maravilhoso plano de redenção.

Referências:

1. Cristo, Nossa Justiça, pág. 133.
2. Idem, pág. 46.
3. Idem, pág. 107, 108.
4. Idem, pág. 69.

5. SDA Bible Commentary, vol. 5, pág. 1082; The Youth's Instructor, 20 de Julho de 1899.
6. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 110.
7. Cristo, Nossa Justiça, pág. 139.
8. O Desejado de Todas as Nações, pág. 744.

7.

Escadas

SERVEM PARA SUBIR

A segunda carta de Pedro é dirigida a um grupo de pessoas que, como ele, tinham atingido a “...fé igualmente preciosa, pela justiça do nosso Deus e Salvador, Jesus Cristo.” 2 Pedro 1:1.

Seria difícil expressar, em linguagem mais bela, o facto de que estas pessoas estavam como Pedro, justificadas – limpas dos seus pecados antigos – e caminhavam em novidade de vida. Depois Pedro, sob inspiração, claramente apresenta diante desses cristãos nascidos de novo o plano de Deus para que a Sua justiça lhes fosse comunicada a eles e a nós.

Pedro fala claramente e com autoridade sobre o assunto da santificação. Ele faz a abrangente afirmação de que “...tudo o que diz respeito à vida e piedade ...” é o que nos está destinado. Ele chega mesmo a revelar claramente o processo através do qual esses dons chegam ao crente – acreditando nas grandes e preciosas promessas que nos apontam para o facto de o cristão nascido de novo poder ser um participante da natureza divina.

Mais ainda, ele afirma que foge da corrupção do mundo, através desse mesmo processo. 2 Pedro 1:3, 4. A corrupção da concupiscência, aqui referida, é o egoísmo, que é inicialmente destruído na morte da velha natureza, pela fé. Isto tem como consequência que Jesus pode justificar o crente, porque ele reconhece estar, de facto, morto para o pecado. Romanos 6:12.

O crente, então, segundo explica Paulo, é não só justificado pelo sangue de Cristo (a Sua morte), mas é salvo pela vida de Jesus. Romanos 5:10. Que vida é essa? Louvado seja o Seu santo nome! É a vida perfeita (o carácter) que Cristo viveu na terra por trinta e três anos e meio.

É o carácter de Jesus que é creditado ao crente na justificação, resultando num registo da vida passada, onde se lê: “como se nunca tivesse pecado.” Este carácter torna-se, então, real na vida do crente, à medida que ele aprende a caminhar em novidade de vida, confiando que o seu Senhor providencia “todas as coisas” que se relacionam com essa nova vida.

Claro que o objectivo de aprender a andar nesta nova vida é confiar completamente na natureza espiritual para esmagar os hábitos, ainda existentes, da velha natureza recentemente crucificada.

“Ao operar Deus no coração, e submeter o homem a sua vontade a Deus, e com Ele cooperar, ele manifesta na vida aquilo que Deus faz no seu íntimo pelo Espírito Santo, e há harmonia entre o propósito do coração e a prática da vida. Todo o pecado deve ser renunciado como a coisa odiosa que crucificou o Senhor da vida e da glória, e o crente tem de ter uma experiência progressiva, fazendo continuamente as obras de Cristo. É pela contínua entrega da vontade, pela obediência, que se retém a bênção da justificação.”¹

É perfeitamente natural, neste ponto, que a nossa atenção esteja centrada na necessidade da obediência. É aqui que os cristãos falham frequentemente. A nossa atenção deve focar-se na submissão. Se formos firmes na nossa submissão, então Deus executará em nós “...o querer como o efectuar, segundo a Sua boa vontade.” Filipenses 2:13.

O carácter é o que somos. A reputação é o que os outros pensam que somos. O primeiro revela-se através dos nossos hábitos diários, a segunda por um cuidadoso controlo. “O carácter revela-se não por boas ou más acções ocasionais,

mas pela tendência habitual das palavras e dos actos.”²

Hábito é aquilo que fazemos antes de pensarmos conscientemente no que devemos fazer. Muito do nosso viver diário é motivado pelo subconsciente. A submissão da nossa vida à direcção de Cristo deve tornar-se habitual. Isto é, deve tornar-se aquilo que é natural fazer.

“Podemos conservar-nos tão achegados a Deus que, em cada inesperada provação, os nossos pensamentos para Ele se voltem tão naturalmente como a flor se volta para o Sol.”³

Paulo admoesta-nos, dizendo: “...haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus.” Filipenses 2:5. Depois, segue-se uma submissão tão completa, que foi “...até à morte, e morte de cruz.” Verso 8.

Através da expressão “haja em vós”, compreendemos que o poder controlador está nas nossas mãos. “Cristo aguarda com ardente desejo a manifestação de Si mesmo na Sua igreja. Quando o carácter de Cristo se reproduzir perfeitamente no Seu povo, então virá para reclamá-lo como Seu.”⁴

Este objectivo só pode ser atingido através da experiência do novo nascimento, no contexto da justificação pela fé. A justiça creditada (justificação) e a justiça comunicada (santificação) são “...tudo o que diz respeito à vida e à piedade...” 2 Pedro 1:3. Estes maravilhosos dons de Deus tornam-se nossos, à medida que Lhe permitirmos fazer por nós aquilo que, por nós mesmos, não podemos fazer.

A oração de Daniel devia ser a nossa: “A Ti, ó Senhor, pertence a justiça, mas a nós a confusão de rosto...” Daniel 9:7. É difícil ao homem admitir que nele não há nada de bom. “Quando os homens vêem a sua própria inutilidade, estão preparados para serem revestidos com a justiça de Cristo.”⁵ Quando o termo “duas-caras” é utilizado, sabemos o que a pessoa quer dizer. Acredito que Daniel estava simplesmente a dizer: “Senhor, seja qual for a cara que tento mostrar, tudo termina em confusão, porque não é real.” Oh, aceitemos que Deus Se torne real em nós, para que possamos dizer, como Paulo, “Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse

a luz, é quem resplandeceu nos nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na *face de Jesus Cristo*. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.” 2 Coríntios 4:6, 7. (Itálico nosso).

A escada da santificação é-nos apresentada em 2 Pedro 1:5-7. “Acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência, temperança, e à temperança, paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal, e ao amor fraternal, a caridade (amor).” Aqui, Pedro coloca diante de nós os passos através dos quais a santificação bíblica pode ser conseguida.

“Fé, virtude, ciência, temperança, paciência, piedade, amor fraternal e caridade são os degraus da escada. Somos salvos pelo subir degrau a degrau, passo após passo, até ao nível do ideal de Cristo para nós. Assim é Ele feito para nós sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.”⁶

Antes de começar a subir esta escada, devemos aprender mais acerca das características que constituem a sua estrutura única. Cada degrau desta escada é um passo no desenvolvimento do carácter. No entanto, cada fase só pode ser aperfeiçoada ao subirmos a escada.

Digamos que esta escada é como uma escada de corda suspensa lá de cima. É isso que faz dela uma escada de fé, porque o seu apoio está em cima. Aquele que sobe começa no degrau do fundo e sobe-os um a um, enquanto avança, construindo o seu carácter, e “...enquanto, desta forma, ele trabalha no plano de adição, Deus trabalha em seu favor no plano da multiplicação.”⁷

Cada degrau deve ser subido por *ordem*, porque estão ligados e são interdependentes. O segundo depende do primeiro como fundamento sobre o qual se vai formar. Cada degrau do carácter continua a ser multiplicado pelo Senhor, à medida que continuamos a crescer espiritualmente.

Há mais uma coisa que necessitamos de saber sobre esta escada:

“Perante o crente é posta a maravilhosa possibilidade de ser semelhante a Cristo, obediente a todos os princípios da lei. Mas, por si mesmo, o homem é absolutamente incapaz de atingir esta condição. A santidade que a palavra de Deus declara que ele deve possuir antes de poder ser salvo, é o resultado da acção da graça divina, ao submeter-se à disciplina e às limitadoras influências do Espírito da verdade... Aparte do cristão é perseverar em vencer cada falta. Deve orar constantemente para que o Salvador cure os distúrbios da sua alma enferma do pecado. Ele não tem a sabedoria ou a força para vencer; isso pertence ao Senhor, e Ele as concede a todos os que em humildade e contrição procuram o Seu auxílio.”⁸

Repararam que o nosso trabalho é submetermo-nos às experiências da vida, sem queixumes, aceitando cada facto como vindo de Cristo, ainda que alguns possam ter tido origem em Satanás? Uma vez que estamos cobertos pelo manto de justiça de Cristo, devemos reconhecer que nada nos pode tocar sem a Sua permissão. Romanos 8:28.

Cristo permite que nos atinja apenas aquilo que ajude a tornar o nosso carácter como o Seu. (Ver O Maior Discurso de Cristo, pág. 71). Aceitando esta verdade, aprendemos a confiar n’Ele em cada experiência da vida. Desta forma, vivemos por fé e não por vista. Foi assim que Cristo viveu aqui como nosso exemplo.

Aqui fica outra perspectiva: “A obra de transformação da impiedade para a santidade é contínua. Dia a dia, Deus opera para a santificação do homem, e o homem deve cooperar com Ele, desenvolvendo perseverantes esforços para o cultivo de hábitos correctos.”⁹ Mais uma vez, o trabalho de Deus e o trabalho do homem são definidos. O trabalho diário de Deus é a obra da santificação. O nosso trabalho é cooperar, através do “cultivo de hábitos correctos”.

Se devemos cultivar hábitos correctos, a pergunta natural é: “Como?” Podemos tentar exercitando a vontade, através de

esforços decididos, pela repetição do hábito desejado, ou podemos tentar a oração.

Penso que a palavra cultivar foi escolhida, sem dúvida, pelo seu profundo significado. Se trocarmos a palavra ‘hábitos’ por ‘cenouras’, será mais fácil compreender o ‘como’. Se estivermos a cultivar cenouras, todos saberemos como fazê-lo. Simplesmente arrancamos as ervas daninhas e cavamos o terreno para que as cenouras possam crescer. Mas o que fazemos com as cenouras? Deixamo-las ao cuidado de Deus. Só Ele as pode fazer crescer. Nós apenas podemos remover obstáculos ao seu crescimento.

“Ele anseia revelar a Sua graça. Se o Seu povo remover os obstáculos, Deus derramará as águas da salvação em torrentes abundantes, através dos canais humanos.”¹⁰

“Não há nada que Satanás tema tanto como ver o povo de Deus desobstruir o caminho, através da remoção de todo o impedimento, para que o Senhor possa derramar o Seu Espírito sobre uma igreja adormecida e uma congregação impenitente.”¹¹

Já chegámos à conclusão de que não podemos mudar-nos a nós mesmos. “Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.” Jeremias 13:23. A nossa parte na remoção de impedimentos e obstáculos na formação do nosso carácter é reconhecê-los quando nos damos conta deles. Depois, devemos perseverar em pedir a Deus a cura para a nossa alma enferma de pecado. Ele removê-los-á, quando estivermos prontos para abrir mão desses factores impeditivos. Precisamos de distinguir o joio da planta verdadeira.

Os frutos do Espírito são plantas tenras que precisam de um cuidado especial até que estejam bem enraizadas. Depois, tornar-se-ão dominantes a ponto de podermos dizer, como Paulo, “...em nada considero a minha vida preciosa...” Actos 20:24.

Todo este trabalho de preparação, assim como a subida da escada de Pedro, é um trabalho de fé. “Há os que tentam subir a escada do progresso cristão; mas, ao avançarem, começam

a pôr a confiança na capacidade humana e, rapidamente, perdem de vista Jesus, autor e consumidor da sua fé. O resultado é o fracasso.” (Ver Actos dos Apóstolos, pág. 532).

Devemos entender, claramente, que a santificação, tal como a justificação, é um trabalho de fé em cada passo.

“Os seguidores de Cristo devem tornar-se semelhantes a Ele – pela graça de Deus devem formar caracteres em harmonia com os princípios da Sua santa lei. Isto é a santificação bíblica. Este trabalho pode ser realizado pela fé em Cristo, pelo poder do Espírito de Deus habitando em nós.”¹²

“Somos, por nós mesmos, incapazes de fazer qualquer bem; mas o que não somos capazes de fazer, o poder de Deus há-de operar em toda a alma submissa e crente. ... Mediante a fé, é gerada a vida espiritual e nós somos habilitados a realizar as obras da justiça”¹³

“Ninguém, senão Cristo, pode remodelar o carácter arruinado pelo pecado. Veio para expulsar os demónios que tinham dominado a vontade.”¹⁴

“É pela comunicação da graça de Cristo que se discerne o pecado na sua odiosa natureza, sendo, afinal, expulso do templo da alma.”¹⁵

Estas afirmações tornam muito claro que, só quando o carácter de Cristo nos é comunicado na santificação, é que somos capazes de ver o pecado como ele é na realidade – uma doença maligna. Só então aprenderemos a odiá-lo. Este facto tornar-se-á claro quando começarmos a subir a escada.

Reparem que ‘pecado’ está no singular, o que aponta para a doença, e não no plural, ‘pecados’, que são os sintomas da doença. Podemos, muito facilmente, desenvolver um forte sentimento de ódio em relação aos pecados que revelam que existe uma natureza pecaminosa, da qual eles emanam. Contudo, os nossos esforços são, na maior parte das vezes, dirigidos para os sintomas e não para a doença. E é isto o que Satanás deseja que façamos. Porque, até que a doença seja

erradicada, ele sabe que os sintomas ali estarão para lutar contra nós e nos derrotar.

É um facto que passamos por alto a realidade de que todo o ser humano, na sua natureza humana (carnal), está infectado com a mesma doença mortal do pecado. Do ponto de vista de Deus, a doença é mortal em qualquer dos seus estados. Alguns sintomas são, no entanto, perfeitamente aceites pela melhor sociedade, ao passo que outros serão rejeitados por fazerem da pessoa um incorrigível.

Devemos permitir que Deus nos revele essa natureza mortal e nos leve ao ponto de vermos o pecado como Ele o vê. Então, desejaremos libertar-nos dos seus perversos tentáculos. Porque é que é tão difícil aos seres humanos vê-lo? Porque estamos endurecidos pelo pecado, calejados ao ponto de dificilmente reconhecermos o pecado quando entramos em contacto com ele. A tragédia disto é o facto de que, ao vivermos nesta condição, esquecemo-nos de que “Ele (Cristo) não tinha qualquer mancha de pecado, pois a extrema sensibilidade da Sua santa natureza tornava o contacto com o pecado inexprimivelmente doloroso para Ele.”¹⁶ Que trabalho deve ser realizado em nós para podermos reflectir a Sua perfeita imagem!

Antes de começarmos a subir essa escada da santificação, vamos dar uma vista de olhos ao gráfico (Apêndice C, páginas 156, 157). Ali, tentamos mostrar como Satanás tem um plano para contrafazer o plano da santificação, como faz em relação a cada verdade bíblica. O plano de Deus começa com a fé e termina com o amor (o amor divino). O plano de Satanás começa com o eu, bem vivo, e termina com a emotividade.

O plano de Satanás cria impedimentos, obstáculos que impedem o cristão de desenvolver o carácter de Cristo. Essas características tornam-se cada vez mais fortes, impedindo, assim, que o resultado final, o amor divino, seja atingido. Em seu lugar surge algo encantador e ilusório a que chamamos emotividade. É nesta área da vida emocional que Satanás mantém fascinados milhões de cristãos.

Não pretendo sugerir que não há emoções no caminho do Senhor. Na verdade, elas existem. Mas é o amor de Cristo que nos constrange. 2 Coríntios 5:14. Isto é, é o amor de Cristo que nos mantém juntos. É este o resultado do amor divino.

A emotividade tende para sentimentos fortes, especialmente em relação àqueles que se compreendem entre si. Por outro lado, o amor de Cristo alcança e envolve até aqueles que se opõem e lutam contra nós. Aceita qualquer tipo de tratamento e continua a reagir apenas com amor. Obviamente, isto não é natural no ser humano. Tem de ser um dom de Deus. Isso é o que a santificação faz.

Devemos, também, recordar que o cristão, enquanto permite que Deus desenvolva o Seu carácter nele, cresce *em graça* (carácter de Deus), não *para chegar à graça* (carácter de Deus).¹⁷ O processo de crescimento é difícil de reconhecer, enquanto se desenrola, mas o resultado é evidente tanto para o crente como para aqueles com quem ele entra em contacto.

Não esqueçam, ao subir a escada, que cada degrau é um passo de fé, conforme se mostra nos comentários entre as duas escadas do nosso gráfico.

Sim, as escadas são para subir, e estamos quase prontos para começar. Assim, oremos para que Deus revele qualquer barreira, ou obstáculo, que impeça o Seu trabalho em nós de produzir o fruto da justiça. Talvez seja uma boa ideia dar uma vista de olhos rápida ao fruto do carácter que podemos esperar que se revele, se Ele realizar esse maravilhoso trabalho em nós: "...o fruto do Espírito é caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança..." Gálatas 5:22, 23.

Referências:

1. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 397.
2. O Caminho a Cristo, pág. 61.
3. Idem, pág. 108.
4. Parábolas de Jesus, pág. 69.

5. Cristo, Nossa Justiça, pág. 139, The Review and Herald, 16 de Setembro, 1902.
6. Actos dos Apóstolos, pág. 530.
7. The Review and Herald, 28 de Maio de 1908
8. Actos dos Apóstolos, pág. 532, (itálico acrescentado).
9. *Ibidem*.
10. O Desejado de todas a Nações, pág. 199.
11. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 124.
12. O Grande Conflito, pág. 344.
13. O Desejado de Todas as Nações, pág. 72.
14. *Idem*, pág. 28.
15. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 366.
16. SDA Bible Commentary, vol. 7 A, pág. 451, The Review and Herald, 8 de Novembro de 1887.
17. Parábolas de Jesus, pág. 271

8.

FUNDAMENTO SÓLIDO

“Acrescentai à Vossa Fé”

Antes de subir uma escada, convém examinar o fundamento sobre o qual ela está assente! Uma vez que o primeiro degrau da nossa escada é a fé, vamos considerar que também a própria base é a fé.

Pedro dirige a sua mensagem àqueles que, como ele, tinham sido justificados pela fé. Mas podemos ouvir alguém dizer: “Já nos disse que esta escada está suspensa a partir de cima e que não é suportada por baixo.” É verdade. É por isso que a base é a fé. Paulo disse: “...a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus...” Gálatas 2:20. Devemos recordar que, tanto o fundamento como cada degrau desta escada, existem graças à fé que vem de cima. Na realidade “...nele vivemos, e nos movemos, e existimos.” Actos 17:28. “...não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por bom preço.” 1 Coríntios 6:19-20. Esse preço é o sangue derramado no Calvário, para que Cristo pudesse estar legalmente qualificado para nos justificar e libertar de nós mesmos. A ideia de que necessitamos de ser libertos de nós mesmos pode ser, para alguns, difícil de aceitar.

O quadro do antigo Israel apresentado por Deus revela a nossa condição hoje: “...toda a cabeça está enferma, e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça, não há nele coisa sã, senão feridas, inchaços e chagas podres, não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo.” Isaías 1:5, 6. Não deveremos estar gratos por, no plano divino da

justificação, o velho homem realmente morrer? Nesse momento é-nos dada uma nova vida em Cristo, conforme Paulo declara: “Por isso, se alguém está em Cristo, nova criatura é (criação); as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo.” 2 Coríntios 5:17. Este é um facto baseado na promessa de Deus. E, segundo Pedro, dá-nos a possibilidade de participar da natureza divina.

Temos de ter sempre presente que somos novas pessoas em Cristo. À medida que subimos a escada de Pedro, vez após vez teremos consciência de um forte poder que trabalha nos nossos membros e que luta contra a direcção do Espírito neste caminho de fé. Podemos, por vezes, clamar como Paulo fez: “Miserável homem que eu sou, quem me livrará do corpo desta morte?” Romanos 7:24.

É essencial que recordemos que a batalha entre Cristo – o novo senhor do novo homem – e Satanás – o deposto senhor do velho homem – continua activa e toma proporções cada vez maiores, porque *Satanás está enfurecido*. O seu velho método de controlo da nossa vida era através dos nossos hábitos. Nunca devemos esquecer que o carácter é revelado nos nossos hábitos.

“O temperamento, as peculiaridades individuais, os hábitos a partir dos quais o carácter se desenvolve – tudo o que é praticado em privado, revelar-se-á em todas as relações da vida. As inclinações seguidas produzirão pensamentos, palavras e actos da mesma natureza.”¹

Também lemos:

“Os defeitos acariciados ao enfrentar os pequenos detalhes da vida revelam-se em assuntos muito mais importantes ... Acções repetidas formam hábitos, os hábitos formam o carácter e, pelo carácter, é decidido o nosso destino para o tempo e para a eternidade.”²

Com estes factos bem presentes, podemos ver claramente que a batalha é sobre quem é que controla a mente. Portanto, devemos

ter uma mente clara para distinguirmos a diferença entre os dois poderes que lutam pela supremacia. Mas, sejamos perfeitamente honestos connosco próprios e façamos uma análise para determinar se a maior parte das nossas decisões na vida têm sido feitas com base em princípios ou em sentimentos. Se formos sinceros, notaremos que os sentimentos têm tido, frequentemente, um grande papel até nas decisões espirituais. Estes sentimentos, que têm sido a avenida através da qual Satanás tem assumido o controlo, formaram hábitos fortes, e Satanás não os deixa morrer sem uma verdadeira batalha. A nossa resposta a qualquer situação será desencadeada, em primeiro lugar, pela nossa forma de vida habitual. Se agirmos de harmonia com os nossos sentimentos, Satanás tira partido da situação que criou, e depois usa a nossa resposta habitual para nos acusar, condenar e desencorajar. Desse modo, tenta fazer-nos acreditar que a nossa justificação não é genuína e que andamos a enganar-nos a nós mesmos.

O cristão nascido de novo, que vive pela fé, deve disciplinar-se a si mesmo para fazer o que os anjos aconselharam Adão e Eva a fazer quando Satanás os tentasse. É aqui que a nossa batalha parece quase esmagadora. Os nossos primeiros pais falharam, mas, em Cristo, podemos ser vencedores! Como? Foi dito a Adão e a Eva que repelissem as primeiras insinuações de Satanás, e estariam seguros.³ Temos de reconhecer o trabalho do inimigo nas nossas respostas habituais e, conhecendo as nossas fraquezas, voltarmo-nos imediatamente para Cristo em busca de ajuda. Temos de admitir que não podemos vencer resistindo, não importa como tentemos controlar os nossos sentimentos! Quando encaramos a nossa fraqueza e entregamos a situação a Cristo, Ele usa, imediatamente, essa mesma situação como uma ferramenta para formar o nosso carácter. “Ninguém a não ser Jesus pode remodelar o carácter arruinado pelo pecado. Veio para expulsar os demónios que tinham dominado a vontade.”⁴

Em todo o processo de subida, Cristo trabalha para formar esse novo carácter, enquanto somos mantidos ocupados a submeter-nos ao Seu processo de trabalho. Esta é uma responsabilidade a tempo inteiro para cada um de nós. Só quando, através da submissão, abrirmos a porta, é que Ele pode trabalhar na Sua nova criação.

Devemos estar, constantemente, desejosos de remover os obstáculos e as barreiras que impedem o Seu trabalho na nossa vida. Mesmo na submissão, há um verdadeiro sentimento de satisfação ao saber que "...o Deus da paz, que, pelo sangue do concerto eterno, tornou a trazer de entre os mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazeres a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável, por Jesus Cristo, ao qual seja dada glória para todo o sempre, Amén." Hebreus 13:20, 21.

Assim como Jesus alcançou a vitória através da submissão, quando, aos olhos humanos, parecia uma derrota e um fracasso, assim também nós temos apenas um caminho para a vitória. Essa escada será difícil de subir, não por ser íngreme e tosca ou irregular, mas porque o eu vai continuar a tentar fazer o trabalho de Deus, em vez de fazer o seu – o de submeter-se.

Há barreiras que têm de ser removidas, antes de se começar a subida desta escada. Se o eu não estiver morto através da justificação, não seremos capazes de subir a escada de Pedro, mas estaremos a iniciar a subida da escada errada.

"A experiência do novo nascimento é algo raro nos dias de hoje. É por isso que há tantas perplexidades nas igrejas. Muitos, muitos mesmo, que se dizem cristãos são não santificados e ímpios. Foram baptizados, mas foram enterrados vivos. O seu eu não morreu e, assim, não ressuscitaram para uma nova vida em Cristo."⁵

Paulo diz: “Se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição.” Romanos 6:5. Ele acrescenta ainda: “se... fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida.” Romanos 5:10. Enquanto que a justificação cuida de todo o trabalho legal, a santificação – a comunicação da vida de Cristo – é o processo pelo qual é determinada a nossa aptidão para o céu. A justificação sem a santificação não tem qualquer valor salvífico permanente, e a santificação sem justificação é impossível.

“Deus requer a total submissão do coração antes da justificação poder ter lugar; e, para que o *homem conserve essa justificação*, tem de haver contínua obediência, através de uma fé viva e activa, que actua por amor e purifica a alma.”⁶ Assim é o processo de santificação.

“Aqui a verdade nos é apresentada de forma simples. Esta bondade e misericórdia são totalmente imerecidas. A graça de Cristo deve justificar livremente o pecador, sem mérito ou pretensão da parte deste. A justificação é um total e completo perdão do pecado. No momento em que o pecador aceita Cristo pela fé, nesse momento é perdoado. A justiça de Cristo é-lhe imputada, não deve mais duvidar da graça perdoadora de Deus.”⁷

Se ainda não experimentaram a justificação pela fé, a completa e incondicional submissão pessoal a Cristo, e não aceitaram a Sua morte no Calvário como a vossa morte para o eu, permitam-me sugerir que inclinem a vossa cabeça neste exacto momento, e entrem na Sua vitória planeada para vocês.

Referências:

1. Testimonies, vol. 6, pág. 174.
2. Parábolas de Jesus, pág. 356.
3. Patriarcas e Profetas, pág. 45.
4. O Desejado de Todas as Nações, pág. 28.

5. SDA Bible Commentary, vol. 6, pág. 1075,
Manuscrito 148, 1897.
6. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 366 (itálicos
acrescentados).
7. SDA Bible Commentary, vol. 6, pág. 1071, Sinais dos
Tempos, 19 de Maio de 1898.

9.

ALARGUEMOS O ALICERCE

“A Virtude”

Quando o cristão vai a Jesus numa submissão total, aceita Cristo como seu Salvador do pecado. A sua preocupação é, primariamente, a eternidade. Em Cristo, ele agora sente segurança e já não precisa de se preocupar acerca de “conseguir chegar” ao Céu. O alívio é abençoado e tranquilizador. Este pode durar por um curto período de tempo, ou pode ser permanente. Contudo, o sincero pesquisador da verdade compreenderá o facto de que a vida cristã não se passa numa “cadeira de baloiço”, mas na difícil vida diária neste mundo de pecado. Rapidamente aprenderá que uma coisa é ser-se cristão na companhia de cristãos – amigos que puxam por ele, oram por ele e tentam encorajá-lo. Mais tarde aprende que outra coisa é viver a vida em circunstâncias diferentes. Pode mesmo descobrir que o seu próprio lar não é um lugar tão fácil para viver a vida cristã, como a igreja ou o grupo de estudos bíblicos, onde aprendeu acerca de Cristo. Pode descobrir que o seu emprego requer decisões que são embaraçosas para ele, agora que pertence a Cristo. Surgirão oportunidades com as quais poderia ser grandemente beneficiado, apenas com um pequeno compromisso no seu novo estilo de vida. A coisa natural a fazer em cada caso, seria seguir a lógica. É tão difícil, para nós, recordar que a fé não é raciocínio humano! Requer raciocínio divino para encontrar as respostas correctas. Jesus diz: “Vinde, pois, e arguí-me...” Isaías 1:18. “Confiaste em Mim para a tua salvação. Confiarás que também cuidarei das

tuas necessidades diárias? Deixas-Me ter o controlo de cada faceta da tua vida?” Ele promete que, se quisermos fazer isto, suprirá todas as nossas necessidades, mais a plenitude da entrada no reino dos Céus. Isto, naturalmente, não significa que, afinal, a “cadeira de baloiço” seja a resposta. Mas é confortador saber que devo submeter-me tão profundamente a Cristo agora, na nova vida da fé, como estava entregue à iniquidade antes de vir a Jesus. Paulo diz: “...assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundície e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação.” Romanos 6:19. Jesus viveu uma vida de submissão completa. No entanto, era ambicioso, enérgico, cuidadoso em fazer sempre o melhor que podia no Seu trabalho. Nunca se contentava com a mediocridade. Da mesma maneira, o cristão nascido de novo fará sempre o seu melhor, mesmo que não veja nenhuma vantagem para si mesmo. A sua recompensa é de uma natureza mais elevada do que os valores do mundo. Deus pode, e vai, colocar essa pessoa em posições de responsabilidade, onde a Sua própria glória (carácter), vista através do instrumento humano, será uma influência magnética que atrairá homens e mulheres para Cristo.

Já dissemos antes que Cristo trabalha de dentro para fora. Ele segue o plano de santificação como é apresentado na escada de Pedro. Os primeiros três degraus têm a ver com atitudes mentais. Se a mente estiver consagrada a Ele, não haverá problema com a carne. “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.” Filipenses 2:5. Reparem que isto é um “abrir mão” – uma submissão dos nossos padrões de pensamento. A nova vida de fé atinge cada recanto das experiências da vida. Ela confia em Cristo, mesmo que não compreendamos como Ele pode ou vai realizar o Seu trabalho. A verdadeira

fé nunca se preocupa com os métodos que Ele usa – apenas com os resultados que Ele promete.

Há alguns obstáculos a este tipo de fé. A dúvida é um dos instrumentos mais eficazes de Satanás. Já repararam que, quando Satanás trabalha com um não-crente, tenta mantê-lo completamente afastado de Cristo, da Bíblia e da verdade? No entanto, quando trabalha com um cristão, ele fá-lo através da criação de dúvidas. Pôs esse plano em prática com Eva. No início, foi cauteloso para não contradizer Deus. Disse apenas o suficiente para lançar a dúvida sobre porque é que Deus tinha dito o que disse. Depois de criar a dúvida na mente de Eva, veio a negação da verdade. Eva tinha sido avisada para resistir à primeira insinuação do inimigo. Ela sentiu o impulso de correr para junto do seu marido – Adão. Mas, depois, sentiu que, se enfrentasse o inimigo, teria força suficiente para lhe resistir. Agora, enfrentando um inimigo disfarçado, começou a argumentar com ele. ¹ Não há nada que Satanás mais goste de fazer do que levar os cristãos a entrar em controvérsia com ele. “Ele tenta os homens a desconfiarem do amor de Deus e a duvidarem da Sua sabedoria. Está constantemente a procurar excitar um espírito de irreverente curiosidade, um desejo, inquieto e inquiridor, de penetrar nos segredos da sabedoria e poder divinos.” ²

“Há apenas um caminho a seguir para todos os que desejam sinceramente livrar-se das dúvidas. Em vez de questionar e sofismar em relação àquilo que não compreendem, andem na luz que já resplandece sobre eles, e receberão maior luz.” ³

A nossa responsabilidade é andar pela fé, que requer obediência, mesmo que não entendamos o “porquê”.

Hebreus 11, o grandioso capítulo da fé, declara que a fé “é”, não “tem”, substância e evidência. Pode ser difícil para nós vermos estas duas características da fé. A nossa tendência é tentar verificar se realmente temos fé. Onde é

que verificamos? A maior parte das vezes, verificamos os nossos sentimentos! Dizemos “sinto isto ou aquilo.” A nossa fé deve estar assente sobre algo muito mais estável do que sentimentos. Estes são o terreno de Satanás. “A fé inclui não apenas crença, mas a confiança.”⁴ “Também os demónios o crêem, e estremecem.” Tiago 2:19. A sua crença, obviamente, não é fé.

Por que razão compreender isto é tão importante para a escada de Pedro? Porque “Ninguém, a não ser Cristo, pode remodelar o carácter arruinado pelo pecado.”⁵ A verdadeira questão que deve ser respondida por cada um de nós é: ‘Estamos dispostos a deixar que Ele faça o Seu trabalho em nós, ou vamos insistir em fazer parte do trabalho nós próprios?’ A nossa inclinação será “pôr a mão na massa e ajudar”. Mas devemos estar dispostos a deixar o Oleiro fazer as coisas completamente à Sua maneira e ficarmos felizes por descansar nas Suas mãos. Então, e só então, o produto final terá algum valor!

Referências:

1. Ver Patriarcas e Profetas, págs. 53-55.
2. Idem, págs. 54, 55.
3. O Conflito dos Séculos, pág. 528.
4. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 389.
5. O Desejado de Todas as Nações, pág. 38.

10.

FONTE ILIMITADA DE PODER

“Conhecimento”

Jesus orou: “...a vida eterna é esta: que conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” João 17:3. João também testemunhou: “Amados, amemo-nos uns aos outros, pois o amor é de Deus...porque Deus é amor.” 1 João 4:7, 8. Cada cristão nascido de novo, forçosamente, chegou à conclusão de que, se deve reflectir o carácter de Deus, o amor deve ser reflectido, de forma natural, em cada faceta da sua vida. Esse amor não é fingido – algo que se põe e tira – deve vir do interior, e a sua fonte só pode ser Cristo. O cristão não consegue desenvolver esse amor; é um dom de Deus, que vem por O conhecermos.

“O conhecimento de Deus segundo a revelação dada em Cristo, eis o que devem ter todos quantos se salvam. É o conhecimento que opera transformação no carácter. Recebido, esse conhecimento recriará a alma à imagem de Deus. Comunicará a todo o ser um poder espiritual que é divino...”¹

Tal conhecimento desenvolve-se num relacionamento em que a fé é o ingrediente activo que une mais as partes com cada nova experiência. Repararam que é o conhecimento de Deus, conforme é revelado em Cristo, que devemos ter e que reproduzirá o carácter divino no homem? Será por essa razão que somos admoestados a passar uma hora cada dia a ler e meditar sobre a vida de Cristo, especialmente nas cenas finais?

Essa experiência revelar-nos-ia o facto de que Jesus, como ser humano, aprendeu acerca de Deus, primeiro com a Sua mãe, depois, à medida que crescia, com a Natureza. Quando aprendeu a ler, aprendeu mais de Deus nas Escrituras. O Seu Pai iluminava o Seu estudo, e revelou-Lhe a Sua missão na Terra. Esse conhecimento não diminuiu, de forma alguma, a Sua fidelidade em ajudar a levar a Sua parte nos fardos familiares. Tornou-Se eficiente na Sua ocupação e trabalhou para ajudar a manter a família até iniciar o Seu ministério público.

Descobriremos que, quanto mais aprendia sobre Deus, tanto mais submisso Cristo se tornava até que, finalmente, no jardim do Getsêmani, a Sua submissão foi completa quando clamou: “Pai, se queres, passa de mim este cálice. Todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua.” Lucas 22:42.

“Devemos estudar a vida do nosso Redentor, pois Ele é o único exemplo perfeito para os homens. Devemos contemplar o infinito sacrifício do Calvário, e ver a tremenda malignidade do pecado e a justiça da Lei. Sairemos fortalecidos e enobrecidos de um concentrado estudo do tema da redenção. A vossa compreensão do carácter de Deus será aprofundada; e, com o plano da salvação claramente definido na vossa mente, estarão melhor habilitados para cumprir a vossa divina comissão. Com uma plena convicção, poderão então testificar aos homens acerca do imutável carácter da lei, evidenciado pela morte de Cristo na cruz, da natureza maligna do pecado, e da justiça de Deus ao justificar o crente em Jesus, sob condição da sua futura obediência aos estatutos do governo de Deus, no Céu e na Terra.”²

Uma leitura atenta do excerto acima transcrito revelará quatro coisas que deveríamos especialmente estudar em relação à vida de Cristo: (1) o Seu sacrifício infinito; (2) a

malignidade do pecado; (3) a justiça da lei; (4) e o tema da redenção. Se fizermos deste conhecimento o alvo do nosso estudo, são-nos prometidos quatro resultados específicos: (1) Seremos fortalecidos e enobrecidos; (2) teremos uma compreensão mais profunda do carácter de Deus; (3) o plano da salvação será claramente definido; (4) e seremos mais capazes de cumprir a nossa comissão divina. Então, por convicção pessoal, seremos capazes de testificar dos três grandes princípios do plano divino de salvação: (1) o carácter imutável da lei de Deus; (2) a maligna natureza do pecado; (3) o plano de Deus da justificação pela fé. Estes princípios revelam-nos a justiça e a misericórdia do carácter de Deus, que Ele deseja reproduzir em cada crente.

Deus tem providenciado todos os incentivos que pode, para nos encorajar a entrar neste plano de estudo. Romanos 5:1, 2 assegura ao crente justificado a paz com Deus e, também, o privilégio de permanecer no carácter (imputado) de Deus durante o processo de santificação. Romanos 8:1, 2 assegura ao cristão que está no processo de santificação (que caminha com Jesus), libertação da condenação e a maior bênção possível – o Espírito – para o ensinar a andar com Jesus. Porque a lei do Espírito é “vida em Cristo Jesus.”

Foi o próprio Cristo que disse: “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.” João 14:26. É trabalho do Espírito Santo revelar-nos o que significa “viver em Cristo”.

O conhecimento de Deus, como é revelado em Cristo Jesus é o mais claro, mais compreensível, e o mais acessível, para o homem, de todos os conhecimentos. Está escrito em cada flor, cada árvore, no céu estrelado, na luz do sol, nas profundezas do oceano, e em todas as criaturas que procedem da mão de Deus. Está escrito no Seu próprio livro – a Bíblia Sagrada. Para além disso, Deus enviou o terceiro membro da Divindade para ser nosso Instrutor, quer estejamos a ler no Seu livro da Natureza ou na Palavra

escrita. O Seu único objectivo é levar-nos a ver o que significa realmente “viver em Cristo.”

Neste preciso momento, enquanto lêem estas linhas, podem estar a experimentar sentimentos, que a vossa mente pode estar a interpretar de modo a levar-vos a adiar a busca desse conhecimento. Esses sentimentos são o maior entrave para alcançarmos o nosso objectivo.

Sentimos que não temos tempo. Sentimos que não podemos compreender. Sentimos que estamos sós – se ao menos houvesse alguém com quem estudar. Podemos sentir que, se a nossa vida mudar muito, seremos ridicularizados ou rejeitados. Todos esses sentimentos vêm de Satanás, pois ele sabe bem a força dos sentimentos. Permitam-me recordar-vos que fé e sentimentos são contrários um ao outro, tão distantes um do outro quanto o Ocidente está distante do Oriente. Assim, apesar dos sentimentos, procurem o conhecimento que vem de cima e sejam livres para experimentar a “vida em Cristo Jesus” que é amor ilimitado – o verdadeiro poder de Deus.

Quando caminhamos com Jesus, devemos lembrar-nos que Ele não nos condena, mesmo que cometamos um erro. Ele é o nosso Pai celeste, que está pronto a ajudar-nos, transformando os nossos erros em apoios, em vez de obstáculos.

Satanás é o grande acusador. A Palavra de Deus diz: “Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.” João 3:17.

Só por O conhecerem, selvagens têm sido transformados em cristãos cheios de amor, cativantes. Nenhum outro conhecimento na terra ou Céu pode fazer isto. Oh, como precisamos de conhecer Aquele cujo conhecimento é vida eterna.

Referências:

1. Minha Consagração Hoje, MM, pág. 293
2. Cristo, Nossa Justiça, pág. 35.

11.

CADA COISA NO SEU LUGAR

Temperança

O conhecimento de Deus obtido pelo estudo da vida de Jesus leva-nos naturalmente a convidar Cristo a reproduzir o Seu carácter em nós. Assim como Cristo transformou a nossa mente através da fé – pondo-a em harmonia com a Sua própria mente – do mesmo modo, Ele começa a mudar o nosso estilo de vida. Este trabalho tem de começar com a maior necessidade do homem.

“Essa temperança unicamente é o fundamento de todas as graças que vêm de Deus, de todas as vitórias a serem ganhas.”¹

É essencial definir com clareza o que é a temperança.

“A verdadeira temperança ensina-nos a dispensar inteiramente todas as coisas nocivas, e a usar judiciosamente aquilo que é saudável. Poucos há que se compenetraram, como deviam, do quanto os seus hábitos no regime alimentar têm que ver com a sua saúde, o seu carácter, a sua utilidade neste mundo e o seu destino eterno. O apetite deve sempre estar sob a sujeição das faculdades morais e intelectuais. O corpo deve ser o servo da mente, e não a mente a serva do corpo.”²

“A intemperança... inclui as nocivas satisfações de qualquer apetite ou paixão.”³

É preciso que tenhamos claramente presente o facto de que a batalha entre Cristo e Satanás é sobre quem controlará a mente do homem. Por isso, é natural que Satanás faça tudo o que estiver ao seu alcance para causar dano ou enfraquecer as faculdades mentais do homem.

Se ele conseguir pôr a mente do homem a funcionar a um nível inferior às capacidades dadas por Deus, então terá obtido uma enorme vantagem sobre Deus. Se a mente não for capaz de compreender as coisas de Deus, como pode chegar a uma conclusão válida? O resultado é que a vontade deixa de ser usada de forma construtiva. Satanás sabe que se a vontade não é usada de forma positiva, ele está em vantagem. Ao suscitar dúvidas, ao usar a influência do grupo de amigos, etc., ele pode levar-nos a adiar uma decisão. Ele tem o cuidado de não nos deixar saber que adiar uma decisão já é, realmente, tomar uma decisão. É exercer a nossa vontade, mas para vantagem de Satanás.

“Deveremos usar comida simples, preparada de forma simples, para que os finos nervos do nosso cérebro não sejam enfraquecidos, fiquem dormentes ou paralisados, e nos seja possível discernir tudo o que é sagrado – o valor da expiação, e o sangue de Cristo, como algo sem preço para o homem.”⁴

“A intemperança começa na nossa mesa com o uso de alimentos pouco saudáveis.”⁵ Assim sendo, a temperança deve atacar a raiz do problema e, a partir daí, influenciar todo o estilo de vida.

Deus enviou-nos um programa em oito pontos, perfeitamente equilibrado, no início do séc. XX, para manter a nossa saúde física e mental ao nível máximo. “Ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança no poder divino – eis os verdadeiros remédios.”⁶

Temos uma quantidade quase ilimitada de informação inspirada sobre este plano, tanto na Bíblia como nos escritos de Ellen White, para estudarmos. Se aceitarmos estas fontes como detentoras de autoridade, teremos um padrão para avaliarmos todas as outras informações.

Estudos modernos finalmente validaram o plano de saúde dado por Deus, e há material abundante no que diz respeito a

cada uma das suas partes. Deus iluminou homens e mulheres que escreveram com autoridade, mas de forma compreensível, sobre os diferentes aspectos deste plano. Hoje, não temos qualquer desculpa.

No entanto, vamos demorar-nos apenas na maior debilidade do homem – o seu apetite. Se este for colocado sob o controle de Cristo, seremos vitoriosos sobre todos os pecados.

“A capacidade de controle do apetite demonstrar-se-á a ruína de milhares, quando, houvessem eles vencido nesse ponto, possuiriam força moral para obter vitória sobre qualquer tentação de Satanás.”⁷

O dicionário Webster define temperança como “uma moderação habitual na satisfação de apetites ou paixões.” O apetite é definido como sendo um “desejo inerente.” Na medida em que vemos esta íntima relação, e o vasto campo que o termo “apetite” abrange, poderemos entender a citação acima transcrita.

Eva foi tentada no apetite. Mas, o verdadeiro apetite revelou-se, sem dúvida, na sua pergunta não expressa: ‘Porque é que Deus nos proibiu o acesso ao fruto desta árvore?’ Foi essa pergunta silenciosa, revelada na sua atitude e fisionomia, que deu a Satanás a indicação de como tirar partido da situação. “Bom, Deus disse para não comeres de todas as árvores do jardim?” Eva sentiu-se atraída ao ouvir a serpente verbalizar os seus próprios pensamentos. Quantos de nós, hoje em dia, desejamos saber o ‘porquê’ das decisões de Deus. “As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus, porém, as reveladas, são para nós e para nossos filhos para sempre...” Deuteronomio 29:29. Quando é que nós nos contentaremos em acreditar no que Deus diz, deixando de lado o ‘porquê’, até ao momento em que Ele decida revelá-lo?

O apetite de Eva revelou-se também de outras formas. A serpente continuou a elogiá-la com voz aprazível, *e ela gostou*.

Depois do apetite estar parcialmente saciado, bastou um passo para suscitar a dúvida na mente de Eva, porque ela estava condicionada para acreditar na voz que revelava um ‘raciocínio tão bom’. Assim, ela respondeu à pergunta subtil formulada pela serpente “...Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.” Génesis 3:2, 3. A resposta da serpente foi rápida e imperiosa: “...Certamente não morreréis.” Génesis 3:4. Esta contradição directa à afirmação de Deus foi, então, reforçada pela implantação de uma dúvida: “Porque Deus sabe que no dia que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.” Génesis 3:5.

“[Satanás] está constantemente a procurar despertar um espírito de irreverente curiosidade, um inquieto, inquiridor desejo de penetrar os segredos da sabedoria e poder divinos. Nos seus esforços para pesquisarem o que Deus achou por bem recusar-lhes, multidões descuidam-se das verdades que Ele revelou, e que são essenciais para a salvação.”⁸

A dúvida tinha encontrado guarida na mente de Eva. Mas Satanás tem de reforçar a dúvida com sentimentos. Observe novamente a escada que Satanás deseja que subamos.

Satanás aproveitou-se do argumento da própria Eva e, arrancando o fruto, a serpente colocou-o na mão de Eva. (Repare como os sentimentos destroem o conhecimento.) A serpente lembrou a Eva as suas próprias palavras: “...nem nele tocareis, para que não morrais.” Então disse: “Aí o tens nas tuas mãos e não morreste. Comê-lo será a mesma coisa.” Ela não sentiu qualquer mal-estar com o que tinha feito, por isso tornou-se ainda mais ousada. Recordava as palavras da serpente, dizendo que o fruto daria sabedoria, e ela comeu. E agora entram em cena os sentimentos. (Por favor, lembrem-se de que os sentimentos são o principal instrumento

de trabalho de Satanás.) Eva não sentiu qualquer evidência do desagrado de Deus; ela sentiu um arrepio de entusiasmo percorrer todo o seu corpo. Até chegou a imaginar que era assim que se sentiam os seres celestiais.

Já alguma vez sentiram o arrepio de entusiasmo provocado pela prática de um momento de pecado? Satanás ainda mantém todo o seu poder.

Eva, enfeitiçada pelos sentimentos, tornou-se o instrumento da queda de Adão. Através dos sentimentos, Satanás continua a destruir ou a modificar o conhecimento de Deus revelado ao homem. “Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para glória de Deus.” I Coríntios 10:31.

A temperança seria, na nossa vida, a consequência natural do conhecimento, se estivéssemos dispostos a enfrentar o problema do apetite. Por nós mesmos, somos impotentes, mas temos ao nosso lado Alguém que tem poder para salvar. Se encararmos a nossa impotência e, por um acto da vontade, decidirmos aplicar as palavras da Escritura acima transcritas, ainda que tenhamos falhado inúmeras vezes, Deus subjugará os nossos apetites. Então, a vitória será nossa. Teremos colocado “cada coisa no seu lugar.”

Referências:

1. Temperança, pág. 201
2. Idem, pág. 138, itálico acrescentado.
3. Idem, pág. 137
4. Testimonies, vol. 2, pág. 46, ver também Conselhos sobre Regime Alimentar, pág. 55 e Testimonies, vol. 6, pág. 327.
5. Testimonies, vol. 3, pág. 487
6. A Ciência do Bom Viver, pág. 127
7. Temperança, pág. 16
8. Patriarcas e Profetas, págs. 54, 55

12.

Paciência

O TRABALHO PERFEITO DE DEUS

Nesta fase do processo ascendente – a santificação – é essencial lembrar que esta é totalmente obra da fé. Só na medida em que fazemos a nossa parte – reconhecendo os obstáculos e os factores contrários e tomando consciência de que não os podemos remover por nós mesmos – é que pomos em acção o poder da vontade e escolhemos libertar-nos desses escolhos. Só então Deus poderá realizar a Sua obra em nós. Ele nunca força a vontade, mas espera que a usemos para Lhe darmos permissão para os remover. Acabámos de descobrir que, se esse trabalho for feito, terá que ser Deus a fazê-lo. Lembre-se, nós não temos “sabedoria ou a força para vencer”¹ o mal. Isso deve estar bem claro na mente ao enfrentarmos cada fase.

Pedro diz: “...acrescentando... à temperança a piedade...” II Pedro 1:6 “O mais precioso fruto da santificação é a graça da mansidão.”² Uma vista de olhos em qualquer dicionário da Língua Portuguesa rapidamente nos convencerá da estreita ligação existente entre paciência e mansidão.

Sem dúvida alguma, Deus conseguiu desenvolver este traço do Seu carácter em Moisés, de forma mais perfeita do que em qualquer outro ser humano. No entanto, mesmo no seu caso, uma falha, embora perdoada, impediu que Deus concretizasse os Seus planos para a vida de Moisés aqui nesta terra. Vemos aqui uma mistura perfeita da justiça e da misericórdia de Deus. “A genuína santificação...não é outra coisa senão uma morte diária do eu e uma conformidade diária para com a vontade de Deus.”³

Este princípio da santificação atinge directamente a raiz desta fase da paciência, uma vez que o orgulho constitui o maior obstáculo. Já ouvimos falar do impetuoso Pedro – o homem que falava e agia sempre antes de pensar.

“O mesmo mal que levou Pedro à queda e excluiu da comunhão com Deus o fariseu, torna-se hoje a ruína de milhares. Nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para o espírito humano como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável.”⁴

O orgulho e a auto-suficiência trabalham na mente humana de forma oposta à humildade e entrega pessoal. Por isso, sempre que tentamos controlar-nos e falhamos, tentamos com mais energia na vez seguinte. Todo o esforço humano dispendido para se ser paciente nunca produzirá o fruto da paciência. Uma motivação suficientemente forte pode produzir uma aparência de paciência – os vendedores muitas vezes fazem isso. Os clientes podem ser completamente enganados, porque a imagem pública é, muitas vezes, bastante diferente do que somos em casa.

O nosso problema parece ser que o orgulho segue o método da variedade. Ele pode parecer ser humilde, disciplinado, calmo e até mesmo paciente.

“Alguns de nós somos de temperamento nervoso, e somos naturalmente quase como um relâmpago para pensar e agir; mas não permitamos a alguém pensar que não podemos aprender a paciência. A paciência é uma planta que fará rápido crescimento se cuidadosamente cultivada.”⁵

O cultivo é um processo que remove tudo o que prejudica o crescimento desejado da planta. O processo de remoção não é problema para a maioria de nós. O problema é que não estamos dispostos a admitir o que necessita ser removido do nosso carácter, e não estamos dispostos a entregar essas coisas a Deus, para que Ele as elimine. Para que a paciência cresça rapidamente, tem de haver um sincero exame de consciência

e disponibilidade para enfrentar os verdadeiros factos.

“Era no ponto em que mais forte se julgava que Pedro era fraco; e enquanto não discernisse a sua fraqueza, não poderia compreender quanto necessitava de confiar em Cristo.”⁶

A paciência pode revestir-se de outras roupagens que devemos examinar.

“Muitos há que, quando reprovados, julgam ser dignos de elogio se recebem a repreensão sem se tornarem impacientes; mas quão poucos recebem a reprovação com coração grato, e abençoam aqueles que os procuram salvar de seguirem por um mau caminho!”⁷

É evidente que a paciência toca áreas em que pouco temos pensado. Ela requer mais do que refrear-se de retaliar. A paciência procura olhar para cada pessoa ou situação na melhor perspectiva possível.

Leia Hebreus 11 para ter uma visão da nuvem de testemunhas desde Abel a Samuel e de um exército de homens e mulheres desconhecidos que, por meio de Cristo, venceram Satanás e as suas hostes de anjos malignos. Depois, veja o seu próprio quadro no capítulo 12, onde Paulo diz: “...deixemos todo o embaraço...” – ou seja, todos os obstáculos. Arranque todas as ervas daninhas e lavre o solo duro. Em seguida, ele fala do “...pecado que tão de perto nos rodeia...” Hebreus 12:1. Aqui são mencionados os hábitos da velha natureza, que ainda temos, e que Satanás usa tão frequentemente.

“O egoísmo e o orgulho tomarão posição contra tudo que os aponte como pecado. Não podemos, de nós mesmos, vencer os maus desejos e hábitos que lutam pela predominância. Não nos é possível dominar o poderoso inimigo que nos mantém em escravidão. Unicamente Deus nos pode dar a vitória... Ele não pode, todavia, operar em nós contra o nosso consentimento e cooperação.”⁸

Depois de fazermos tudo isto, podemos então “...correr, com paciência, a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé...” Hebreus 12:1, 2.

Tiago era um dos filhos do trovão. Juntamente com João, seu irmão, ele teria feito descer fogo do céu para destruir aqueles que não aceitaram prontamente Jesus e os discípulos na cidade de Samaria. Mas Jesus conseguiu mudar tudo isso, de modo que Tiago experimentou a obra perfeita da paciência e deixou-nos este conselho: “Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma.” Tiago 1:4.

Referências:

1. Actos dos Apóstolos, pág. 532
2. Minha Consagração Hoje, pág. 253
3. *Idem*, pág. 248
4. Parábolas de Jesus, pág. 154
5. Minha Consagração Hoje, pág. 97
6. O Desejado de Todas as Nações, pág. 382
7. Patriarcas e Profetas, pág. 667
8. O Maior Discurso de Cristo, pág. 142

13.

Sem

PARAGEM

A lição de que “a verdadeira grandeza consiste na verdadeira bondade” nunca foi fácil de entender. ¹ Mesmo o orgulhoso rei Nabucodonosor teve de aprender da pior maneira. É natural, ao tentarmos fazer o que é correcto, pensarmos que já atingimos o estado de santidade sugerido por Deus...

“A razão por que muitos nesta época não fazem maiores progressos na vida religiosa é interpretarem a vontade divina como sendo apenas o que eles gostariam de fazer. Presumem estar em conformidade com a vontade de Deus, quando na verdade estão seguindo os seus próprios desejos. Esses não têm conflito com o eu. Há outros que por algum tempo são bem-sucedidos na luta contra seus desejos egoístas por prazeres e comodidades. São sinceros e fervorosos, mas cansam-se do contínuo esforço, do morrer cada dia, da incessante labuta. A indolência parece convidativa, repulsiva a morte do eu; fecham os olhos sonolentos e caem sob a tentação em vez de resistir-lhe.” ²

No parágrafo anterior são descritos dois grupos de pessoas. O primeiro, poderíamos classificá-lo como crentes permissivos. Estes são os que nunca, ou raramente, entram em conflito com o eu. Para estes, parece mais fácil apagar a santificação do dom divino da justificação pela fé, do que seguir o convite do Mestre: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me.” Mateus 16:24.

O outro grupo é o dos crentes do terreno pedregoso, que acabam por desistir porque a sua fé não está completamente segura em Cristo. Não conheceram a alegria de renunciar ao eu e de deixar que Cristo carregue o fardo. Nunca descobriram que o Seu jugo é suave e o Seu fardo leve.

A santificação, como processo, vai cada vez mais fundo na nossa vida e requer uma entrega total em cada passo. Obviamente que não é fácil para um coração orgulhoso fazer isto.³

“João e Judas representam aqueles que professam ser seguidores de Cristo. ... Ambos possuíam sérios defeitos de carácter; e ambos tiveram acesso à divina graça que transforma o carácter... Um, morrendo diariamente para o eu e vencendo o pecado, era santificado pela verdade; o outro, resistindo ao poder transformador da graça e condescendendo com desejos egoístas, era levado para a escravidão de Satanás.”⁴

Sendo que a vida é uma constante tomada de decisões, segue-se, logicamente, que é nesta área que deve começar a morte diária para o eu. Tal como Jesus, o nosso verdadeiro Exemplo, devemos responder prontamente em todas as decisões “não se faça a minha vontade, mas a Tua...” Isto deve ser mais do que uma verbalização de pensamentos. Exige disponibilidade – sob a direcção de Deus – para modificar, abandonar ou executar qualquer plano ou desejo, não importa quão acariciado seja. Requer conhecimento da, e sensibilidade à, vontade de Deus, tal como é revelada na Inspiração; também temos de estar sintonizados com a ténue voz da consciência e avaliar cuidadosamente a Sua orientação providencial.⁵

Seguindo este processo, a graça de Deus “atrairá a nossa mente para o Céu, e habituá-la-á a meditar em coisas puras e santas.”⁶ Ser semelhante a Deus *não é fazer o que Cristo fez, mas sim viver da maneira que Cristo viveu*. Precisamos de entender claramente o conselho dado por Paulo em Colossenses 3:3, 4 para vivermos uma vida de santidade: “Porque já estais

mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.”

A que glória se referia Paulo? “Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória.” Colossenses 1:27.

Que privilégio podermos ser usados por Deus para revelar o Seu carácter a um mundo incrédulo. “Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé n’Ele. A Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.”⁷

Isto é a verdadeira santidade, não o tentar *ser bom* ou *fazer coisas boas*, mas o morrer diariamente para o eu – *tendo plena confiança em Deus*. “Dá-me, filho meu, o teu coração, e os teus olhos observem os meus caminhos.” Provérbios 23:26. Ficaríamos maravilhados com a acção de Deus na nossa vida, se parássemos de tentar e começássemos a *morrer* – sendo submissos a Deus como Jesus foi.

Há, no entanto, um factor que atrapalha realmente, ao tentarmos dar este passo – o compromisso. Esta é uma das mais eficientes armas usadas por Satanás para impedir que o cristão faça os progressos espirituais que Deus deseja que ele faça. A vida de Jesus nunca, em momento algum, mostrou qualquer tipo de compromisso com o mal. Ele estava inteiramente dedicado a fazer a vontade do Seu Pai. As Suas palavras, “...deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu...” Salmo 40:8, representam a única atitude correcta, aceitável à Sua vista. Obediência relutante não é obediência.

“Quando, por contrariarem a inclinação humana, os reclamos de Deus são considerados um fardo, podemos saber que a vida não é uma vida cristã. A verdadeira obediência é a expressão de um princípio interior. Origina-se no amor à justiça, no amor à lei de Deus. A essência de toda a justiça é lealdade ao nosso Redentor.”⁸

Os discípulos primitivos, os reformadores e o povo de Deus de todas as épocas, enfrentaram a tentação de Satanás para comprometerem a sua lealdade a Deus. Muitas vezes, é naquilo que pensamos ser o nosso *ponto forte* que Satanás descobre a nossa *fraqueza*.

Analisemos de novo a experiência de Pedro, sob um outro aspecto.

“Era no ponto em que mais forte se julgava que Pedro era fraco; e enquanto não discernisse a sua *fraqueza*, não poderia compreender o quanto necessitava de confiar em Cristo. Houvesse ele aprendido a lição que Jesus lhe buscou ensinar naquele incidente no lago, e não teria fracassado quando a grande prova lhe sobreveio.”⁹

Agora podemos entender melhor as palavras de Cristo a Paulo em 2 Coríntios 12:9: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza...” E Paulo responde, no versículo seguinte: “...porque quando estou fraco, então sou forte.” Versículo 10. Vemos que o único caminho para a santidade é através da morte diária para o eu. Não, aqui não há lugar para paragens. Este degrau da escada apenas abre os nossos olhos para a maravilhosa paisagem que está à nossa frente, quando a presença de Cristo em nós se tornar a chave prática para alcançarmos a semelhança com Deus.

Referências:

1. Profetas e Reis, pág. 521
2. Actos dos Apóstolos, pág. 565
3. Cristo, Nossa Justiça, pág. 33, 34
4. Actos dos Apóstolos, 558, 559
5. Mensagens aos Jovens, pág. 156
6. Testimonies, Vol. 2, pág. 478, 479
7. O Desejado de Todas as Nações, pág. 664
8. Parábolas de Jesus, pág. 97
9. O Desejado de Todas as Nações, pág. 382 (itálico acrescentado)

14.

O Que?

ACABOU-SE A COMPETIÇÃO?

Alguma vez vos pareceu estranho que, no plano de Deus, tenhamos de reconhecer que só através da santidade é que podemos chegar à verdadeira fraternidade? Se aceitarmos este princípio bíblico, ficamos cara-a-cara com um problema. Quem é o meu irmão? Jesus responde a esta pergunta em Lucas 8:21, “...minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam.” É muito claro aqui que Jesus não limita o termo “irmãos” àqueles que obedeciam perfeitamente à Palavra, mas incluía, também, aqueles que *desejavam* obedecer. Mateus 12:49 refere que, ao dizer estas palavras, Jesus apontava para os Seus discípulos, que estavam muito longe de fazer tudo o que a Palavra dizia. A competição era um problema constante para cada um deles.

O espírito que promove as ideias de competição é o espírito de crítica. Tanto o espírito de competição como o de crítica, de onde aquele deriva, têm origem em Satanás e só podem servir os seus propósitos. Então, como podemos nós, realmente, libertar-nos desses factores que atrapalham? Mais uma vez, é Jesus que nos dá a resposta. A Sua vida foi um exemplo perfeito de como devemos viver num relacionamento com os irmãos e irmãs. No capítulo 3 referimo-nos à citação do livro *O Maior Discurso de Cristo*, página 71. Vamos citá-la de novo, porque nos diz até que ponto a vida de Jesus estava cheia de amor fraternal, mesmo para com os que O tratavam com desprezo. ¹

“A presença do Pai circundou a Cristo e nada Lhe sobreveio sem que o infinito amor permitisse, para a bênção do mundo. Aí estava a Sua fonte de conforto, e ela existe para nós. Aquele que estiver impregnado do Espírito de Cristo, habita em Cristo. O golpe que Lhe é dirigido cai sobre o Salvador, que o circunda com a Sua presença. O que quer que Lhe aconteça vem de Cristo. Não precisa de resistir ao mal, porque Cristo é a sua defesa. Nada Lhe pode tocar a não ser pela permissão de nosso Senhor; e “todas as coisas” que são permitidas ‘contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus.’ Romanos 8:28”.²

Cristo, ao aceitar tudo o que acontecia na Sua vida como proveniente directamente do Pai, ainda que tivesse origem em Satanás, tinha verdadeira paz. Ele conseguiu aceitar os piores tratamentos, tanto físicos como mentais, que um ser humano pode experimentar, embora tratando com extrema benevolência o instrumento humano através de quem vinham. Na verdade, foi isso que O impediu de considerar as pessoas responsáveis pelo que Lhe fizeram. Jesus olhava constantemente para além do humano e via Satanás como o verdadeiro inimigo. Isso capacitou-O a empatizar até mesmo com os Seus perseguidores e a tratá-los com amor fraternal. Ele teve pena *deles*, em vez de pena de *Si mesmo*. Constantemente tentava desculpar os Seus seguidores, devido à sua ignorância. Ele sabia que era Satanás quem os cegava.

É-nos dito que a Sua fonte de conforto é também a nossa. Conseguem imaginar o que aconteceria na família de Deus se os Seus irmãos vivessem segundo as mesmas normas que Ele viveu, enquanto ser humano aqui na terra? ² O amor fraternal não se consegue de outra maneira. Não podemos forçar-nos a ser amáveis e carinhosos. Tem de vir de dentro – do coração. O plano de Jesus é a única maneira pela qual o coração pode realmente responder com imparcialidade,

uma vez que os olhos deixam de estar focados nos homens ou nos seus actos cruéis.

O verdadeiro teste encontra-se no “todas as coisas” de Romanos 8:28. Estamos prontos a aplicar o método de Cristo na nossa vida em *algumas coisas*, mas essa expressão significa realmente *tudo*? Sim, não há excepções. Ou Ele é Senhor de tudo ou não é Senhor.

Deus é tão cuidadoso em proteger-nos que transformará numa bênção cada ataque do mal que Satanás lançar contra nós, se aceitarmos o “todas as coisas” como um princípio activo na nossa vida.

“As provações da vida são obreiras de Deus, para remover do nosso carácter impurezas e arestas. Penoso é o processo de cortar, desbastar, aparelhar, lustrar, polir; é molesto estar, por força, sob a acção da pedra de polimento. Mas a pedra é depois apresentada pronta para ocupar o seu lugar no templo celestial. O Mestre não efectua trabalho assim cuidadoso e completo com material imprestável. Só as Suas pedras preciosas são polidas, como colunas de um palácio.”³

Aqui é apresentada outra razão prática para acreditar, aceitar e aplicar as Escrituras na vida diária. Se o “todas as coisas” inclui tanto as boas como as más experiências da vida, então as palavras de Paulo em I Tessalonicenses 5:18: “...em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco...” tornam-se reais no dia-a-dia. Foi assim que Jesus viveu e, se queremos ter sucesso na nossa vida cristã, temos de seguir O Seu exemplo. Isto não significa que devemos gostar de tudo o que nos acontece, mas devemos agradecer a Deus – sim, e até alegrar-nos. Jesus não gostou dos maus-tratos que recebeu dos homens que agiam como demónios, mas sabia que daí adviriam bênçãos para o mundo. Podemos não gostar de “todas as coisas” que nos acontecem, mas podemos ser gratos! Podemos agradecer-Lhe por ver em nós algo que merece ser trabalhado. Nós somos o material que, depois de polido, será adequado para o Seu palácio, e cada pedra terá o

seu lugar e estará contente com ele. Toda a competição desaparecerá de uma vez por todas, pois o espírito de crítica, o orgulho e o egoísmo serão erradicados juntamente com o seu originador.

Referências:

1. O Maior Discurso de Cristo, pág. 71
2. O Desejado de Todas as Nações, pág. 87
3. O Maior Discurso de Cristo, pág. 10

15.

Amor ILIMITADO

Acrescente ao amor fraternal a caridade, ou amor divino. O plano de Deus nunca mudou. E esse plano trará o homem de volta ao lugar onde o irrestrito e eterno amor de Deus fluirá através dele. Esta será uma experiência que ultrapassará a vivida por Adão, quando saiu das mãos de Deus. Foi por isto que Jesus orou na Sua última oração pelos Seus discípulos, antes de Se dirigir para o Getsémani, “...para que o amor com que Me tens amado esteja neles, e Eu neles esteja.” João 17:26. Imagine, se puder, o amor divino a fluir através de canais humanos.

O objectivo da santificação é produzir sistematicamente este amor no homem. Esse objectivo não se alcança *tentando* ser amável, mas *morrendo* para o eu e para os factores que inibem, ou impedem, Deus de realizar a Sua obra na nossa vida.

Ao longo de toda a ascensão desta escada, o processo tem sido o mesmo. O último degrau consiste em provar do maior poder que existe no Céu ou sobre a Terra – o poder do amor divino. O factor impeditivo é a contrafacção satânica do amor de Deus – a emoção humana. Haverá emoção humana em resposta ao amor divino, mas é uma resposta, não o amor em si mesmo.

“A igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o evangelho ao mundo... A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; e pela igreja será a seu tempo manifesta, mesmo aos

“principados e potestades nos Céus” (Efés. 3:10), a final e ampla demonstração do amor de Deus.”¹

Se esta ampla demonstração do amor de Deus vai ter lugar nestes últimos dias da história da terra, então será bom sabermos o que é este amor e como pode ser revelado através de seres humanos.

O amor divino é um princípio que governa o Céu e o Universo inteiro, à exceção desta Terra. É um princípio de acção, um princípio de vida. O amor divino é como uma rua de dois sentidos: flui de Deus em ambas as direcções, de modo que ficamos sem desculpa – primeiro, ao estar Ele disposto a tomar tempo para lidar pacientemente com o anjo rebelde Lúcifer, em vez de aplicar a justiça quando esta era devida. Esta bondade serviu, sobretudo, para dar aos seres criados por Ele a possibilidade de compreender o que é realmente o amor divino – para lhes dar uma oportunidade de usar a sua vontade (o poder de escolha) de forma inteligente. Na decisão final, cerca de um terço dos anjos do Céu decidiram-se contra Deus.

A agonia mental causada a Deus por esta perda, e a subsequente confusão que surgiu na mente dos anjos leais e de seres de outros planetas, levou-O a pôr em acção o Seu maravilhoso plano da redenção. O amor de Deus é mais plenamente revelado quando compreendemos que, “desde o princípio, Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do homem através do poder enganador do apóstata.”² Apesar de Deus não ter planeado estas emergências, Ele previu-as e preparou um plano para as usar na implantação do Seu amor para sempre no coração dos seres criados por Ele.

Tão abrangente é o Seu plano da redenção que Ele, na verdade, o estabeleceu à volta da encarnação. Jesus Cristo, o Filho de Deus, tornou-se homem para que a família humana e toda a criação de Deus tivessem um modelo perfeito a guiá-los para sempre, à medida que este amor divino fluísse de volta para Deus. Esta é a segunda grande demonstração do Seu amor.

Este plano, que proporciona uma base legal para a salvação

do homem, também fornece o exemplo que todos os cristãos devem seguir, permitindo que o amor de Deus flua através deles. Jesus disse: “Porque Eu desci do Céu, não para fazer a Minha vontade, mas a vontade d’ Aquele que me enviou.” João 6:38. Paulo disse: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo, na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim.” Gálatas 2:20. “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” Gálatas 5:24.

Não há outro plano que possibilite que o irrestrito amor de Deus flua através dos seres humanos. Para que o vaso humano seja um canal desimpedido, o eu tem de ser crucificado. Qualquer vestígio do eu, conservado voluntariamente, arruinará a imagem e impedirá a igreja de revelar ao Universo “a final e ampla demonstração do amor de Deus.”

A santificação terá completado o seu trabalho na nossa vida quando pudermos honestamente dizer, em cada experiência na vida, “Faça-se a Tua vontade e não a minha.” Isto é, de facto, um amor ilimitado.

Referências:

1. Actos dos Apóstolos, pág. 9 (Itálico acrescentado)
2. O Desejado de Todas as Nações, pág. 22

16.

FOI JESUS *Tentado* COMO NÓS SOMOS?

“Porque não temos um sumo-sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” Hebreus 4:15. Este versículo da Sagrada Escritura tem sido, e ainda é, a base para uma grande quantidade de discussões pouco saudáveis relacionadas com a natureza humana de Cristo. Alguns afirmam que Jesus, para cumprir os requisitos anunciados neste texto, teve que ser tentado de maneira idêntica àquela em que cada ser humano é tentado. Chega-se a esta conclusão sem se tomar em conta tudo o que Deus tem revelado à Sua igreja sobre este assunto.

Se Jesus foi tentado a roubar, a mentir, a praguejar ou a ser impuro em pensamento e actos, Ele resistiu a essa tentação por uma de duas formas: (1) resistindo à inclinação para ceder; ou (2) apercebendo-se da sua fraqueza e entregando o problema ao Seu Pai. Em qualquer dos casos, Ele teria que ter tido uma propensão, ou inclinação, a que Satanás pudesse recorrer. No entanto, Jesus disse: “Já não falarei muito convosco; porque se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim;” João 14:30. Isto passou-se muito perto do fim da vida de Jesus na Terra. Satanás tinha posto à prova a vida de Jesus em cada ínfimo pormenor, sem encontrar nada sobre o que pudesse suscitar uma tentação.

“Nem sequer por um pensamento pôde Cristo ser levado a render-se ao poder das suas subtis tentações. Satanás encontra nos corações humanos algum lugar

onde pode ganhar um ponto de apoio – algum desejo pecaminoso acariciado, pelo qual as suas tentações reivindicam o seu poder.”¹

Lembrem-se, foi como um ser humano que Jesus enfrentou estas tentações: “Nem um simples pensamento ou sentimento respondeu à tentação.”²

Reparem que não houve resposta, nem em pensamento nem em sentimento, os quais devem preceder a tentação. “Todo o pecado, toda a discórdia, toda a contaminadora concupiscência trazida pela transgressão, Lhe era uma tortura para o espírito.”³ “Nunca, de nenhuma forma, deixem a mais leve impressão nas mentes humanas de que uma mancha ou *uma inclinação* para a corrupção existia em Cristo, ou que Ele, de alguma forma, cedeu à corrupção.”⁴ “Sendo sem pecado, a Sua natureza recuava do mal.”⁵

O texto que estamos a considerar diz: “[Ele] como nós, em tudo foi tentado...” – e isto é verdade. A fim de encontrar a resposta à questão do “como”, tomemos em consideração uma outra citação acerca do nosso Senhor.

“Foi uma tarefa difícil para o Príncipe da vida levar a cabo o plano que tinha empreendido para salvação do homem, ao revestir a Sua divindade com a humanidade. Ele tinha recebido honra nas cortes celestiais, e o poder absoluto era-lhe algo familiar. Era *tão difícil* para Ele manter-se ao *nível da humanidade*, como o seria para o homem elevar-se acima do baixo nível da sua natureza depravada e ser participante *da natureza divina*.”⁶

“Manter a *Sua glória velada* como filho de uma raça caída, esta foi a mais severa disciplina à qual o Príncipe da vida Se sujeitou a Si mesmo.”⁷ Isto é onde todos nós encontramos as nossas dificuldades. É um problema para nós deixar que a natureza divina de Cristo seja reflectida em nós.

Analiseemos aquilo que esta citação nos diz. Foi extremamente

difícil para Cristo revestir a Sua *divindade com a humanidade*. Porquê? “Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé n’Ele. A sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.”⁸

Jesus disse: “Eu não posso, de mim mesmo, fazer coisa alguma.” João 5:30.

É bastante claro que, quando Cristo “deixou de lado a Sua veste real e a coroa régia”⁹, tomou sobre Si a natureza do homem, “*como Deus o tinha criado*”. “Cristo veio à terra, tomando a humanidade e colocando-Se na posição de representante do homem, para mostrar, na controvérsia com Satanás, que o homem, *como Deus o tinha criado*, em ligação com o Pai e o Filho, podia obedecer a cada requisito divino.”¹⁰ “*Ele começou onde o primeiro Adão começou.*”¹¹ Cristo, como o segundo Adão, deveria ser bem sucedido onde o primeiro Adão falhara, usando apenas o mesmo poder que o primeiro Adão tinha à sua disposição. “Quando Adão foi assaltado pelo tentador no Éden, não tinha qualquer mancha de pecado... Cristo, no deserto da tentação, ocupou o lugar de Adão para enfrentar o teste que este não tinha suportado.”¹²

Não há nenhuma evidência na Palavra de Deus de que a natureza pecaminosa possa alguma vez ser obediente a Deus! A mensagem de Deus para o homem é a de que ele tem *inerentemente* uma natureza carnal pecaminosa que é irredimível.

“O pecado é a herança dos filhos. O pecado os separou de Deus. Jesus deu a Sua vida para poder unir com Deus os elos partidos. Com relação ao primeiro Adão, os homens nada receberam dele, senão a culpa e a sentença de morte.”¹³

“Porquanto a inclinação da carne é inimizade (ódio) contra Deus, *pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.*” Romanos 8:7 (itálico acrescentado). Cristo nunca

tentou mostrar a alguém que a *natureza pecaminosa* poderia transformar-se numa *natureza sem pecado*. A Sua mensagem foi sempre: “Necessário vos é nascer de novo.” João 3:7. “...se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; ...” João 12:24. “Podeis vós beber o cálix que Eu hei-de beber, e ser baptizados com o baptismo com que Eu sou baptizado?...” Mateus 20:22.

Se Cristo tivesse uma natureza sem pecado, como poderia Ele ter sido tentado como eu sou? O que é a tentação? “A tentação é resistida quando o homem é poderosamente influenciado a praticar uma acção errada e, sabendo que a pode praticar, resiste, pela fé, agarrando-se firmemente ao poder divino.”¹⁴ A tentação só existe “quando o homem é poderosamente influenciado a praticar uma acção errada.” “Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência.” Tiago 1:14. Como poderia Cristo ser tentado a fazer algo de errado quando “as refinadas sensibilidades da Sua natureza santa tornavam o contacto com o mal algo indescritivelmente doloroso para Ele”?¹⁵ Cristo odiou o pecado com um ódio perfeito. O Seu Espírito, no interior do homem, é o único poder que leva o homem a odiar o pecado, o que cada Cristão nascido de novo deve aprender a fazer.

Cristo, a fim de ser tentado como nós somos, deve ter tido um forte desejo de praticar um acto errado, mas resistiu confiando no Seu Pai. Como poderia Satanás encontrar algo que satisfizesse estes critérios? Satanás aprendeu, mesmo quando Cristo era criança, que era inútil procurar tentá-l’O a retaliar. Mesmo quando era maltratado, irritar-Se, enraivecer-Se ou fazer alguma *coisa má* era impensável para Ele.

“Da amargura que cabe em sorte à humanidade, não houve quinhão que Jesus não provasse. Não faltou quem procurasse lançar sobre Ele desprezo por causa do Seu nascimento, e mesmo na infância teve de enfrentar olhares desdenhosos e ruins murmurações. Houvesse respondido com uma palavra ou olhar impaciente, houvesse cedido aos

irmãos num único acto errado que fosse, e teria fracassado em ser exemplo perfeito. Tivesse admitido haver uma desculpa para o pecado, e Satanás triunfaria, ficando o mundo perdido.”¹⁶

Satanás sabe o quão difícil é para o homem viver aqui como um cristão nascido de novo, mantendo a sua natureza pecaminosa natural crucificada. Ele sabe que isso requer uma morte diária para o eu (I Coríntios 15:31) – realmente uma contínua crucifixão de hábitos dessa velha, mas natural, natureza. II Coríntios 4:10-12. Por isso, ele mudou a sua estratégia de aproximação a Cristo, tentando-O a revelar a Sua *natureza natural*, que havia posto de parte ao vir a esta terra. Revelar a Sua natureza divina natural teria arruinado o plano da salvação, uma vez que Cristo deveria usar apenas o que está ao alcance do homem.

Nunca tinha nascido um ser humano sem pecado até ao momento em que Jesus nasceu de Maria. E, desde então, nunca mais ninguém nasceu sem pecado. A experiência de Satanás em lidar com bebés, crianças, jovens ou adultos pecadores era sem valor ao lidar com uma natureza humana *sem pecado*. Ele tentou, por todos os meios, forçar Cristo a revelar a Sua *natureza divina natural*. Apercebendo-se de que o maior problema de Cristo, enquanto estivesse aqui nesta Terra, seria o de ser *aceite como o Messias* (o Ungido), Satanás usou *este desejo natural*, e procurou, através de tentações, levá-l’O a sair Ele mesmo das mãos do Pai, e a responder usando a Sua própria natureza divina, que tinha colocado de parte. Satanás nunca abandonou esse objectivo, desde a infância de Jesus até ao Calvário. As suas tentações tornam-se cada vez mais poderosas, até que, na cruz, o desafio Lhe foi lançado durante horas, “Se és o Cristo, desce da cruz e creemos.” Embora sabendo que poderia responder a qualquer altura e forçar os Seus atormentadores a reconhecê-l’O como Senhor e Rei, Cristo recusou. Confiou a Sua vida presente e futura às mãos do Seu Pai.

“Assim, quando Cristo era tratado com desprezo,

sobrevinha-Lhe *forte tentação* de manifestar o Seu carácter divino. Por uma palavra, um olhar, poderia compelir os perseguidores a confessar que era Senhor sobre reis e príncipes, sacerdotes e templo. Mas cumpria-Lhe a *difícil tarefa* de ater-Se à posição que escolhera como sendo um com a humanidade.”¹⁷

Que tentação! Jamais um ser humano poderia ser tentado como Ele foi!

Mas como foi Ele tentado como nós somos? O cristão nascido de novo deve morrer para a *sua velha natureza natural*, a qual é *pecaminosa*. “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.” Gálatas 5:24. Isto é afirmado muitas vezes na Palavra de Deus. Diz-se que o egoísmo é a raiz de todos os males.¹⁸ No julgamento final, todos os pecados serão considerados sob o cabeçalho geral do egoísmo.¹⁹ “Qual é o sinal da existência de um novo coração? Uma vida transformada. A morte para o egoísmo e para o orgulho acontece diariamente, hora a hora.”²⁰ Cristo teria dado provas de *egoísmo* se tivesse agido, por um momento que fosse, *segundo os Seus próprios desejos*.

Investiguemos a nossa mente até aos seus mais profundos recônditos e descobriremos que todo o pecado é egoísmo! É por esta razão que, quando Satanás tenta o cristão nascido de novo a fazer algo de errado, a velha natureza, que ele crucificou, ainda parece incitá-lo a fazer isso. Como pode isto acontecer, se a velha natureza está crucificada? Aqui se revela o método de trabalho de Satanás. Ele tira vantagem do facto de que o cristão nascido de novo, que tem uma nova *natureza*, que lhe foi dada no acto da justificação, não recebe um novo *carácter* da mesma maneira. Um carácter ainda tem de ser desenvolvido. Isto foi assim com Adão e ainda o é com todos os elementos da família humana. Deus criou Adão perfeito em todos os aspectos, mas tinha que desenvolver um carácter perfeito, algo que ele não fez. Foi nisto que Cristo teve êxito e Adão falhou. Cristo credita então na conta do cristão nascido de novo o Seu próprio carácter imaculado. Este carácter é *colocado* na *conta*

do cristão, que aceita isto como um facto e então permite que Cristo inicie o trabalho de santificação, que consiste na *mudança* que Deus opera no seu *carácter* até que este reflecta o *carácter* que lhe foi *legalmente creditado* na justificação.

Mas o que é que isto tem a ver com a forma como Satanás nos tenta? Debrucemo-nos sobre aquilo que o carácter é realmente. “O carácter revela-se, não por boas ou más acções ocasionais, mas pela tendência habitual das palavras e dos actos.”²¹ São, então, os hábitos que constituem o nosso *carácter*. Por isso, quando vivemos sob o controlo duma natureza pecaminosa, os *hábitos* que formamos reflectem essa mesma *natureza pecaminosa*.

Os hábitos ou o carácter não podem ser concedidos instantaneamente; por isso, “não existe tal coisa como seja santificação instantânea.”²²

Com os *velhos hábitos* ainda vivos no cristão nascido de novo, ainda que estejam a ser alvo do trabalho de Cristo, podemos ver como Satanás prepara a cilada. Ele sabe que não tem poder para dar vida à *velha natureza*, e que Cristo também *não o fará*; por isso, a única esperança de Satanás é através dos hábitos. Ele prepara essa armadilha, que pode ser através de pessoas ou circunstâncias, de modo que a resposta natural é uma resposta *habitual*. Depois, culpamos por termos respondido desta forma, usando a nossa resposta habitual como prova de que a *velha natureza* não está morta, afinal. Espera assim forçar-nos ao desânimo e fazer-nos *desistir e voltar as costas a Cristo*, porque pensamos que o plano não está a funcionar. E é desta maneira que permitimos que a *velha natureza* ressuscite. Só nesse momento pode Satanás assumir novamente o *controlo*.

Podem ver como Satanás tenta o cristão exactamente da mesma maneira como tentou Cristo? Em ambos os casos ele procura forçar os tentados a revelarem as suas *naturezas naturais*. A diferença é que a nossa *natureza natural* é má, pelo que não a queremos revelar. A *natureza natural* de Cristo era *divina* – por isso Ele *desejava* revelá-la. Mas *ambas*

dependem duma *submissão ao controle divino* – *Cristo ao Seu Pai e nós a Cristo*. A sujeição de Cristo levou-O ao Calvário e a uma aparente derrota, de todos os pontos de vista humanos. A nossa rendição leva-nos à vida eterna e à paz com Deus.

O *egoísmo*, a raiz, é o alvo. Mas há uma enorme diferença entre a tentação de Cristo e as nossas. Se falharmos, “...temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.” I João 2:1. Se Jesus tivesse falhado, *todos* estaríamos perdidos! *Todo* o plano da redenção teria falhado e Satanás teria triunfado.

Sim, “...[Ele]como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” Hebreus 4:15

Referências:

1. The Review and Herald, 8 de Novembro de 1887
2. Testimonies, vol. 5, pág. 422
3. O Desejado de Todas as Nações, pág. 111
4. SDA Bible Commentary, vol. 5, pág. 1128, 1129; Carta 8, 1895 (itálicos acrescentados)
5. Testimonies, Vol. 2, pág. 202
6. SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 930, The Review and Herald, 1 de Abril de 1875 (itálicos acrescentados)
7. Idem, vol. 5, pág. 1081, Carta 19, 1901 (itálicos acrescentados)
8. O Desejado de Todas as Nações, pág. 664 (itálicos acrescentados)
9. The Review and Herald, 15 de Junho de 1905
10. Sinais dos Tempos, 9 de Junho de 1898 (Itálicos acrescentados)
11. The Youth's Instructor, 2 de Junho de 1898 (Itálicos acrescentados)
12. The Review and Herald, 28 de Julho de 1874
13. Orientação da Criança, pág. 475
14. SDA Bible Commentary, vol. 5, pág. 1082, The Youth's Instructor, 20 de Julho de 1899

15. *Idem*, vol. 7 A, pág. 451, The Review and Herald, 8 de Novembro de 1887
16. O Desejado de Todas as Nações, pág. 88.
17. *Idem*, pág. 597 (Edição da Publicadora Servir) (itálicos acrescentados)
18. Orientação da Criança, pág. 294
19. Testemunhos Selectos, vol. 1, pág. 518
20. The Youth's Instructor, 26 de Setembro de 1901
21. O Caminho a Cristo, pág. 62
22. Santificação, pág. 10.

17.

SEGUE- *Me*

“Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.” (Mateus 16:24).

“Jesus explicou então aos discípulos que a Sua própria vida de abnegação era um exemplo do que a deles deveria ser. Chamando para junto de Si os discípulos e o povo que O estivera rodeando, disse: “Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-Me.” Mat. 16:24. A cruz estava associada ao poder de Roma. Era o instrumento da mais cruel e humilhante forma de morte. Exigia-se dos mais vis criminosos que levassem a cruz ao lugar da execução; e, muitas vezes, quando lha iam colocar nos ombros, resistiam com desesperada violência, até que fossem subjugados e o instrumento de tortura sobre eles posto.

Mas Jesus pedia aos Seus seguidores que tomassem a cruz e a conduzissem após Ele. Para os discípulos, as Suas palavras, conquanto imperfeitamente compreendidas, indicavam que se deviam submeter à mais profunda humilhação – submeter-se mesmo à morte por amor de Cristo. Nenhuma entrega mais completa poderiam haver expresso as palavras do Salvador.”¹

Notemos que Lucas acrescenta uma outra dimensão com a palavra “diariamente”. O dicionário *Webster* define a palavra abnegação como “rendição, entrega”, “negação”, “renúncia”. Quando nos apercebemos de que esta rendição é até à morte, a palavra adquire um significado muito importante, sobretudo quando ligada à palavra “diariamente.” Soa-nos estranhamente familiar, porque foi Paulo que disse: “Cada dia morro.” I Coríntios 15:31, e outra vez: “Trazendo sempre, por toda a parte, a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste, também, nos nossos corpos; e assim, nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte, por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste, também, na nossa carne mortal. De maneira que, em nós opera a morte, mas, em vós, a vida.” II Coríntios 4:10-12.

Obviamente, há só uma maneira de reflectir a imagem de Jesus e isso não acontece por tentarmos, mas por morrermos. Uma vez que isto é tão claro nas Escrituras, Satanás procura combater este princípio com todo o seu poder. Procura focar a nossa atenção nas palavras de Cristo e realça a palavra “renúncia”. Contudo, ele leva-nos a pensar que negar o eu é a mesma coisa que abnegação ou renúncia. As palavras podem parecer dizer o mesmo, mas não é o caso.

Praticar abnegação pode constituir uma experiência realmente benéfica no processo de edificação do carácter. Mas isto nunca se pode igualar à negação do eu, que é o processo de crucificar e manter crucificado o eu. Quando Cristo é entronizado no coração, o eu é destronado; e quando o eu é entronizado, Cristo é destronado. Cada decisão que tomarmos deverá ser feita usando a mesma fórmula que Cristo usou: “Não a minha vontade, mas a Tua.” O Salvador seguiu esta prática tão plenamente que disse: “As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras.” João 14:10.

Foi este segredo que Paulo aprendeu e transmitiu a

Timóteo como o fundamento da nossa vida com Cristo, aqui e agora. Ele disse: “Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos.” II Timóteo 2:11.

Jesus não só disse para renunciarmos ao eu, como disse também para tomarmos a nossa cruz. É um facto espantoso que Cristo use a cruz como o agente para unir o crente a Ele.

“O jugo e a cruz são símbolos que representam a mesma coisa – *a entrega da vontade a Deus*. Carregar o jugo une o homem finito em companheirismo com o amado Filho de Deus. Erguer a cruz leva à aniquilação do eu na alma e coloca o homem onde ele aprende como levar os fardos de Cristo. *Não podemos seguir a Cristo sem levarmos o Seu jugo, sem erguermos a cruz e carregá-la após Ele.*”²

“*Não nos é possível reter o eu e, não obstante, entrar no reino de Deus*. Se houvermos alguma vez de alcançar a santidade, será através da renúncia do eu e a aceitação da mente de Cristo.”³

“A razão por que muitos nesta época não fazem maiores progressos na vida religiosa é interpretarem a vontade divina como sendo apenas o que eles gostariam de fazer. Presumem estar em conformidade com a vontade de Deus, quando na verdade estão seguindo os seus próprios desejos. Esses não têm conflito com o eu. Há outros que, por algum tempo, são bem-sucedidos na luta contra os seus desejos egoístas por prazeres e comodidades. São sinceros e fervorosos, mas cansam-se do contínuo esforço, do morrer cada dia, da incessante labuta. A indolência parece convidativa, repulsiva a morte do eu; fecham os olhos sonolentos e caem sob a tentação em vez de lhe resistir.”⁴

A afirmação enfática de Cristo – “Segue-me” –, é completamente impossível, a não ser que experimentemos aquilo que vem antes, no mesmo versículo. Ele não incita os

seus discípulos e seguidores a *fazer* o que Ele fazia, mas a *viver* como Ele vivia.

O Pai fez, através de Cristo, aquilo para o qual O havia enviado ao mundo. Isto foi possível, porque Cristo escolheu ser como o barro nas mãos do Seu Pai, em todos os momentos da Sua vida. Na Sua esfera, essa entrega trouxe a única esperança de paz a um universo que tinha sido atirado para a confusão pela rebelião de Lúcifer, que se tornou Satanás. Na nossa esfera, essa entrega traz-nos a nossa única esperança de salvação pessoal. É nosso privilégio vivermos uma vida aqui, que Deus possa usar como uma força magnética para atrair homens e mulheres para o *divino plano da salvação*. Este plano constitui, na verdade, o único processo concebível que pode preparar os seres humanos para viverem eternamente no ambiente perfeito do lar dos salvos.

“A crença implícita na palavra de Cristo, eis a verdadeira humildade, a verdadeira entrega de si mesmo.”⁵ “A renúncia ao eu é a essência dos ensinamentos de Cristo.”⁶ Só quando virmos a importância de confiar perfeitamente em Cristo, ainda que tudo nos pareça impossível, poderemos compreender a urgência das palavras de Cristo a Nicodemos: “Necessário vos é nascer de novo.” João 3:7.

Não tivemos opção de escolha em relação ao nosso primeiro nascimento, mas o novo nascimento depende inteiramente do livre exercício da nossa vontade – que só se pode manter livre se escolhermos morrer para o eu, deixando que Cristo reine no nosso interior.

Mateus termina o seu evangelho citando as palavras de Jesus: “É-me dado todo o poder [autoridade, *exousia*], no céu e na terra.” Mateus 28:18. Esta foi a resposta do Pai ao Seu Filho por uma vida de submissão total, enquanto viveu aqui na Terra na carne humana que Ele assumiu.

Ofereceram-se atalhos a Cristo. No deserto, no início do Seu ministério público, Satanás tentou negociar com Ele. Depois de Lhe mostrar todos os reinos deste mundo, e a sua glória, Satanás disse: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.”

Mateus 4:9. Que atalho! Mas, ao preferir acreditar e confiar em Deus, embora esse fosse o caminho da cruz, e ao estar disposto a morrer, Ele recebeu do Seu Pai *todo o poder no céu e na terra*. Devemos lembrar-nos de que Cristo fez essa escolha na Sua carne humana, *com nenhum outro poder que não esteja ao alcance de cada um de nós*.

“Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes que os homens não possam possuir mediante a fé n’Ele. A Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores podem possuir, se forem sujeitos a Deus como Ele o foi.”⁷

Provavelmente, o atalho mais sutil que Satanás apresentou a Cristo foi no começo da sua experiência no deserto.

“[Satanás] Procurou fazer Cristo crer que Deus não exigia que Ele passasse pela renúncia e sofrimentos que antecipara; que fora ele enviado do Céu para Lhe trazer a mensagem de que Deus apenas quisera provar a Sua boa vontade em resistir.

Satanás disse a Cristo que devia apenas colocar os pés na vereda salpicada de sangue, mas não palmilhá-la. Tal como Abraão, Jesus foi provado para mostrar a Sua obediência perfeita. Ele afirmou, também, ser o anjo que detivera a mão de Abraão ao levantar o cutelo para sacrificar Isaque, e que viera agora para Lhe salvar a vida; que não era preciso que suportasse a penosa fome e a ela sucumbisse; ele O ajudaria a levar a termo uma parte da obra do plano da salvação.”⁸

Satanás aborda cada filho de Adão, desde o princípio, com a mesma mensagem: “Cristo morreu por ti; por isso, não precisas de morrer.” Soa tão bem, porque é uma verdade parcial. Cristo *morreu realmente* para nos libertar do *salário do pecado*, que é a *morte eterna*. Mas Ele também viveu uma vida de abnegação (renúncia) total, como um exemplo do que a nossa vida deve ser. Satanás procurará apresentar todo o

tipo de atalho ao cristão que luta, mas o único caminho para o reino de Deus está em seguir a Jesus.

Referências:

1. O Desejado de Todas as Nações, págs. 416-417.
2. SDA Bible Commentary, vol. 5, págs. 1090-1091; The Review and Herald, 23 de Outubro de 1900. (Itálicos acrescentados).
3. O Maior Discurso de Cristo, pág. 143. (Itálicos acrescentados).
4. Actos dos Apóstolos, pág. 565.
5. O Desejado de Todas as Nações, pág. 535.
6. *Idem*, pág. 523.
7. *Idem*, pág. 664.
8. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 273.

18.

ESTAI EM *Mim*

O capítulo 13 do evangelho de João descreve-nos a ceia Pascal, celebrada por Jesus e os seus discípulos, na noite anterior à Sua crucifixão. Durante esta ceia, um dos doze discípulos iria abandonar o grupo, para nunca mais andar com eles. Judas acabaria mesmo por trair o seu Senhor, pensando que com isso estaria a promover o reino de Deus na Terra. Durante a refeição, Jesus disse-lhes que iria partir e que eles não O poderiam seguir. Como era habitual, Pedro fez as perguntas que todos eles, sem dúvida, estariam a pensar. “Para onde vais e por que não posso seguir-te agora?” Depois exprimiu um sincero compromisso: “Por ti darei a minha vida.” João 13:37. Pedro e os outros discípulos assumiram outros compromissos nessa mesma noite.

Lemos em Marcos 14:30-31 que Jesus diz a Pedro: “Em verdade te digo que, hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás. Mas ele [Pedro] disse com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de modo nenhum te negarei. *E da mesma maneira diziam todos, também.*” (Itálicos acrescentados).

Jesus sabia que a resposta destes homens era sincera, mas a carne era fraca. Os seus próprios fracassos seriam a arma mais eficaz de Satanás para os desanimar. A fim de neutralizar esta experiência inevitável, Jesus deu-lhes a bela mensagem de João 14. Na conclusão da Sua mensagem encontramos a simples expressão: “Vamo-nos daqui.” Jesus sabia para onde ia. Os discípulos só desejavam estar com Ele e, por isso,

seguiram-n’O. Era noite e as ruas da cidade estavam, sem dúvida, cheias de pessoas, porque esta era a ocasião da celebração da Páscoa. Nestas ocasiões, os montes ficavam peçados de tendas, porque não havia alojamento suficiente na cidade para as multidões que participavam nestes dias festivos.

Jesus e os Seus discípulos deixaram o cenáculo e meteram-se na rua apinhada de gente. Ele dirigiu o grupo até um local familiar, que Lhe era muito querido – o monte das Oliveiras. Este não era o Seu destino, mas aproveitou a vista de uma videira verdejante para dar mais uma lição a estes homens que Ele tanto amava.

A lua brilhava sobre esta videira quando Jesus parou e fixou os Seus olhos nela. Não há dúvida de que cada discípulo olhou também para a videira. Então, irromperam as palavras claras e distintas, quebrando o silêncio da noite, “Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador.” João 15:1. Imagino Pedro a voltar-se para João e dizer: “Ouviste o que Ele disse? Não compreendo, toda a gente sabe que Israel é a videira!” João poderá ter respondido assim: “Eu também não compreendo, mas ouçamo-l’O. Ele poderá explicar o que quer dizer.” Jesus continuou com a lição.

“Toda a vara em mim, que não dá fruto, [o Meu Pai] a tira; e limpa toda aquela que dá fruto para que dê mais fruto.” João 15:2.

Os termos “videira”, “vara”, “lavrador”, “limpar”, etc., eram todos familiares, porque as vinhas eram comuns naquela área. Os discípulos sabiam que a limpeza era feita com uma tesoura ou faca de poda. Sem dúvida que a mensagem de que um ramo seria cortado completamente por não dar fruto, e de que os que eram frutíferos também o seriam, mas de modo menos radical, era clara para estes homens, mesmo que não se encaixasse muito bem no seu esquema de pensamento. Os judeus não precisavam, certamente, de um tratamento tão severo! Eram israelitas – filhos de Abraão! Havia muitas gerações que estavam na vinha, até, na sua mente, se julgarem a própria videira.

Jesus procurou animar estes homens ao dizer: “Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado.” João 15:3. Estas palavras podem ser melhor compreendidas à luz de outras Escrituras, tais como: “A palavra de Cristo habite em vós abundantemente,...” Colossenses 3:16. “Pelo que, rejeitando toda a imundície e superfluidade de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas. E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos.” Tiago 1:21-22. Cristo estava a dizer realmente: “Vocês estão limpos porque acreditaram na palavra que vos tenho falado.”

O fardo real no coração de Jesus torna-se claro no versículo seguinte: “Estai em mim, e eu em vós...” João 15:4. É evidente que o Mestre está a pensar no Seu julgamento e crucifixão, quando até os Seus discípulos O abandonariam. Ele incute-lhes no espírito factos que eles ainda não tinham visto. “...como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.” João 15:4. É verdade ainda hoje; somos impotentes, a menos que permaneçamos n’Ele. Embora as coisas pareçam impossíveis e tudo esteja a cair, a mensagem é a mesma: “Estejam em mim; confiem em mim.”

Esta mensagem da videira e dos ramos compreende-se melhor quando combinada com Romanos 11. Temos aqui uma oliveira em vez de uma videira. Ambas eram símbolos de Israel e, como tal, eram reverenciadas pelos judeus. O zambujeiro era um símbolo dos gentios; a oliveira boa era um símbolo de Israel.

A enxertia é o processo pelo qual o bravio é domado e, por conseguinte, se torna útil e bom. O processo da enxertia ensina o segredo básico de se viver a vida cristã. Como muitas coisas de valor, precisamos de cavar alguma coisa para descobrir a verdade.

Quando Romanos 11:24 fala de um zambujeiro e de uma oliveira boa, Paulo está a referir-se ao reino de Satanás e ao de Deus. A única maneira de um ramo de Satanás e do seu reino

se tornar um ramo em Cristo e no Seu reino é pela via da enxertia. O Lavrador (Cristo) vai à procura de um ramo (nós) que deseje tornar-se parte do Seu reino. Cristo diz: “Não me escolheste vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto...” João 15:16. Cristo, no Seu indizível amor, chama todos os homens, mas só poucos respondem a esse chamado, submetendo-se a Ele.

Antes de Cristo fazer alguma coisa no sentido de enxertar o ramo em Si mesmo, precisa de preparar a oliveira boa para receber o ramo bravo. Paulo diz que isto é contrário à natureza. Mas, não são a maioria dos caminhos dos homens contrários a Cristo? “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os meus caminhos os vossos caminhos, diz o Senhor.” Isaías 55:8.

Os homens pegam num bom ramo e enxertam-no numa árvore brava ou sistema de raízes e assim produz bom fruto. Deus toma um ramo bravo e enxerta-o numa boa árvore e produz o melhor fruto possível. Os homens não podem fazer este trabalho tal como Deus o faz. Todo o plano da salvação tem a ver com Deus a operar à Sua maneira na vida dos homens e estes a dar-Lhe a liberdade de operar.

Se o homem fizer a sua obra de enxertia da maneira como Deus a faz, o único produto que daí resulta é fruto mais bravo. Isto, só por si, devia ensinar-nos que a nossa única obra é submeter-nos e confiar no Obreiro-Mestre. “Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra.” Isaías 1:19. A boa-vontade é nossa; a obediência, Ele concretiza-a em cada alma que confia.

Deus preparou a Oliveira boa para receber os ramos bravos no Calvário. Mas nós perguntamos: “E os que viveram desde Adão até ao Calvário?” Lembrem-se, Cristo é o “Cordeiro, que foi morto desde a fundação do mundo.” Apocalipse 13:8. Cada ramo bravo desde Adão até à segunda vinda de Jesus deve ser enxertado no Calvário.

“A luz que irradia da cruz revela o amor de Deus. O Seu amor atrai-nos para Si mesmo. Se não resis-

tirmos a essa atracção, seremos levados ao pé da cruz em arrependimento pelos pecados que crucificaram o Salvador. Então o Espírito de Deus, mediante a fé, produz uma nova vida na alma. Os pensamentos e desejos são postos em obediência à vontade de Cristo. O coração, o espírito, são novamente criados à imagem d' Aquele que opera em nós para sujeitar a Si mesmo todas as coisas.”¹

Agora, que fomos atraídos para o Calvário, vejamos como o Lavrador faz a Sua enxertia. Como o horticultor, o Lavrador pega na sua tesoura ou faca de podar e separa completamente o ramo predisposto da sua anterior fonte de vida. Este trabalho inicial é penoso e deve ser feito pelo Lavrador. A nossa única parte é desejarmos e estarmos disponíveis para que Ele faça o trabalho. Devemos ser cautelosos, para não nos queixarmos do modo *como* Ele trabalha.

A Oliveira boa precisa de ser ferida para receber a enxertia do ramo. Essa ferida foi infligida no Calvário. Agora, o ramo precisa de ser aparado para se encaixar na ferida do Calvário.

“...todo aquele que Me confessa, partilhando o Meu sacrifício pelos perdidos, será confessado como participante na glória e alegria dos salvos.”²

Paulo disse: “Estou crucificado com Cristo...” Gálatas 2:20, e, outra vez: “E os que são de Cristo crucificaram a carne [velha natureza] com as suas paixões e concupiscências.” Gálatas 5:24. Quando o ramo é cortado da sua anterior fonte de vida, é separado da sua velha natureza. Mas o Lavrador não o abandona para morrer. Ele coloca-o cuidadosamente na ferida da boa Oliveira. Depois, cobre a junção com cera de enxertia (as Suas vestes de justiça). A cera de enxertia destina-se a impedir qualquer infecção ou doença que pudesse entrar o processo de crescimento.

“A presença do Pai envolveu Cristo, e nada Lhe sobreveio sem que o amor infinito permitisse, para bênção do mundo. Aí estava a Sua fonte de conforto, e ela existe para nós. Aquele que estiver impregnado

do Espírito de Cristo habita em Cristo. O golpe que lhe é dirigido cai sobre o Salvador, que o envolve com a Sua presença. Tudo o que lhe aconteça vem de Cristo. Não precisa de resistir ao mal, porque Cristo é a sua defesa. Nada lhe pode tocar a não ser que Deus o permita, e ‘todas as coisas’ que Ele permite ‘contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus’ Romanos 8:28.”³

O Lavrador ainda não acabou o seu trabalho. A seguir, pega em serapilheira e envolve o ramo e o tronco da árvore com ela. Aplica várias voltas, para impedir que os ventos e as tormentas da vida não desprendam o ramo que foi enxertado. O ramo precisa de se tornar um com a Oliveira (ou Videira).

“A ligação do ramo com a videira, disse Ele, representa a relação que vocês devem manter comigo. O garfo [ramo] é enxertado na videira e, fibra por fibra, veia por veia, imerge no tronco. A vida da videira torna-se a vida do ramo.”⁴

Mesmo então, o Lavrador continua a trabalhar no ramo, porque o seu propósito é que o ramo dê fruto. “...O fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança...” Gálatas 5:22. Isto levamos de volta ao vestido nupcial, o manto da justiça de Cristo, que é o Seu carácter, manto esse que todos precisamos de usar para estarmos prontos para a vinda do Senhor.

Para aparecer este fruto é preciso fazer-se alguma poda. Este é também o trabalho do Lavrador. Por vezes, há crescimento excessivo que é preciso cortar para dar força ao ramo. Folhagem excessiva poderá dar uma impressão errada e impedir o desenvolvimento apropriado do fruto.

Uma das coisas que o Lavrador observa continuamente é a característica mortal comum a quase todos os ramos – a tendência para cair. O problema é que, quando o ramo que cai atinge o chão, brotam dele pequenas raízes que o levam a procurar alimentar-se de duas fontes. Mas Cristo diz: “Ninguém pode servir a dois senhores...” Mateus 6:24.

É preciso usar a tesoura ou faca de podar para cortar estas pequenas raízes, para que o ramo seja alimentado e receba vida de uma única fonte. Com terno cuidado, o Lavrador ergue o ramo pendente e amarra-o a uma latada, onde pode receber ar fresco e ficar envolvido na luz do amor de Deus. Toda a tendência para o mal, herdada ou cultivada, é cortada neste processo de podar que se chama santificação. Este é o trabalho do Lavrador. O ramo deve submeter-se e deixar que o Lavrador faça o trabalho, como achar que é melhor para cada um de nós.

Somente pela submissão podemos andar em perfeição, porque essa perfeição é d'Ele, não nossa. Deveríamos sentir grande apreço por Ele Se dispor a vestir-nos com as Suas vestes de justiça.

Referências:

1. O Desejado de Todas as Nações, pág. 176.
2. *Idem*, pág. 357.
3. O Maior Discurso de Cristo, pág. 71.
4. O Desejado de Todas as Nações, pág. 675.

APÊNDICE A

A Natureza **DE CRISTO**

A natureza humana de Cristo significa tudo para nós. O assunto merece mais do que uma simples investigação vulgar.

“Quando abordamos este assunto, faríamos bem em prestar atenção às palavras que Cristo dirigiu a Moisés, junto à sarça ardente: ‘Tira os teus sapatos dos teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.’ (Êxodo 3:5). Devemos abordar este estudo com a humildade de um aprendiz, com um coração contrito. E o estudo da encarnação de Cristo é um campo frutífero, que recompensará o pesquisador, que cavar fundo em busca da verdade escondida.”¹

Em Hebreus 2:16 lemos: “Porque, na verdade, ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão.” Uma análise rápida deste versículo poderia levar-nos a racionalizar que, se Cristo tomou a semente de Abraão, então não podia ser o segundo Adão. Contudo, toda a família humana tem as suas raízes em Adão e não nos anjos. Paulo, que eu acredito escreveu tanto Romanos como Hebreus, dá-nos outra razão pela qual Cristo foi o segundo Adão. Romanos 9:6 diz: “...nem todos os que são de Israel são israelitas.” O versículo 7 diz: “...Em Isaac será chamada a tua descendência.” Os filhos de Abraão, ou semente, deviam ser os da promessa. No versículo 8 lemos: “...não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa são contados como descendência.” Cristo foi o Filho da promessa, o Filho de Deus. Ele seria, necessariamente,

a semente de Abraão, uma vez que não nasceu da vontade da carne. João 1:13. Há só duas origens para o homem: pela vontade da carne ou directamente de Deus. Adão foi criação directa de Deus, como foi o segundo Adão, Jesus Cristo.

“Cristo não fingiu tomar a natureza humana; Ele tomou-a verdadeiramente. Ele possuiu realmente natureza humana. Como os filhos são participantes da carne e do sangue, também Ele, semelhantemente, participou do mesmo. Ele era o filho de Maria; Ele era a semente de David segundo a descendência humana.”²

Sim, Jesus foi verdadeiramente um ser humano tal como o foi Adão, que Ele criara. Espiritualmente, Ele era da semente de Abraão e, carnalmente, da semente de David.

Em Romanos 8:3, Paulo é ainda mais específico: “...Deus, enviando o seu Filho em *semelhança* da carne do pecado...” O comentário inspirado a este versículo diz:

“Assim como a imagem feita à semelhança das serpentes destruidoras foi erguida para a sua cura, do mesmo modo Um feito ‘em semelhança da carne do pecado’ devia ser o seu Redentor.”³

O povo de Israel sabia que a serpente metálica não era uma das serpentes venenosas, mas que fora feita à *semelhança* delas. Jesus foi feito à *semelhança* dos Seus irmãos. O homem foi feito à semelhança de Deus, mas não era Deus.

Ser nascido da carne, de acordo com a conversa de Jesus com Nicodemos, foi o que tornou absolutamente necessário um novo nascimento (João 3:1-6). Obviamente, existe algo de errado com o primeiro nascimento do homem.

“Cristo é chamado o segundo Adão. Em pureza e santidade, unido a Deus e amado por Deus, *Ele começou onde começara o primeiro Adão*. Ele passou voluntariamente pelo terreno em que Adão caiu, e remiu o fracasso de Adão”⁴

É preciso vindicar Deus por ter criado o homem com uma *natureza humana sem pecado*, porque foi com esta natureza

que o homem foi vencido. A questão era: Errou Deus em ter criado o homem, ou foi o homem responsável pela sua condição caída? Deus nunca tentou afirmar que *a natureza humana caída e pecaminosa* pode ser vitoriosa sobre Satanás. Se isso fosse possível, tudo o que o homem precisava era de um exemplo a seguir e não de um Salvador que, na cruz do Calvário, “...obteve o direito de Se tornar o advogado dos homens na presença do Pai.”⁵ Jesus tem de remir o fracasso de Adão, depois erguer todos os homens que aceitem o Seu plano da salvação, *imputando-lhes a Sua justiça* e dando-lhes uma *nova natureza*, com a qual Deus possa trabalhar, porque a nova natureza não odeia Deus. É isto o que constitui o novo nascimento.

“Embora Ele estivesse livre de qualquer mancha de pecado, as *sensibilidades refinadas da Sua santa natureza* tornaram o contacto com o mal indizivelmente doloroso para Ele.”⁶

Se a natureza de Cristo era santa, obviamente, ela não podia ser pecaminosa. Só podemos dizer isto da Sua natureza humana por as suas *sensibilidades serem refinadas*. Para que Cristo começasse onde Adão começou teria, imperiosamente, de ter a mesma natureza humana com que Adão começou a sua vida aqui na Terra.

“Cristo, veio à Terra, tomando a humanidade e permanecendo como representante do homem, para mostrar, na controvérsia com Satanás, que o homem, *como Deus o criou*, unido ao Pai e ao Filho, podia obedecer a todos os requisitos divinos.”⁷

Ele tinha de ser testado na natureza “como Deus o criou”, em que Adão foi criado. O primeiro Adão fracassou no teste, mas o segundo Adão foi bem sucedido e a “Sua santa natureza” foi refinada.

O processo de refinar e testar era uma parte da edificação do carácter que Ele precisava de realizar em favor do homem. A Sua morte concedeu-Lhe o direito de imputar esse carácter àqueles que crêem e O aceitam como Senhor e Salvador.

Se Jesus tivesse herdado uma natureza pecaminosa, como poderia Ele desenvolver um carácter perfeito? Paulo torna muito claro que “...a mente carnal é inimizada contra Deus: porque não está sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode estar.” Romanos 8:7. “O cérebro é a capital do corpo.”⁸ Precisamos agora de descobrir se o cérebro, ou mente, é também a natureza do homem. Há muita confusão nesta área. Uma afirmação clara e penetrante da inspiração pode ajudar-nos neste aspecto.

“A religião pura tem a ver com a vontade. A vontade é o poder governador na natureza do homem, colocando todas as outras faculdades sob o seu domínio. A vontade não é o gosto ou a inclinação, mas é o poder de decisão, que opera nos filhos dos homens para a obediência a Deus, ou para a desobediência.”⁹

Não há dúvida alguma de que as decisões são feitas no cérebro, que é a capital do corpo. Aprendemos que a vontade é o poder governador, ou poder de decisão, que opera no homem para obediência ou desobediência. Aprendemos também que esta vontade é o poder governador *na natureza do homem*. Se aceitarmos que o poder governador, ou poder de decisão, é o mesmo que o cérebro, ou mente, que é a capital do corpo, temos a nossa resposta. O cérebro é também a residência da natureza do homem. Uma vez que o coração e a mente são o mesmo, segue-se que, quando recebemos um novo coração, recebemos uma nova mente, natureza e vontade.

Quanto à natureza carnal, Paulo diz: “Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz.” Romanos 8:6. Será por esta razão que David clamou no Salmo 51:10: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito recto”? E Paulo aconselhou aos Filipenses: “Haja em vós o mesmo sentimento [ou mente] que houve também em Cristo Jesus.” Filipenses 2:5.

Sim, Jesus tinha vantagem sobre o homem pecaminoso, mas não sobre o cristão nascido de novo.

“Através da vitória de Cristo as mesmas vantagens que Ele teve são providas ao homem; ele [o homem] pode ser participante de um poder fora e acima de si próprio, participante mesmo da natureza divina, pela qual pode vencer a corrupção, que pela concupiscência há no mundo.”¹⁰

A natureza determina que carácter desenvolveremos. Uma natureza pecaminosa ou carnal produz um carácter pecaminoso ou carnal. Não pode produzir nada mais.

“A ideia de que só é necessário desenvolver o bem que, *por natureza*, existe no homem é um engano fatal.”¹¹

Agora podemos ver facilmente porque é essencial o novo nascimento na experiência de cada homem. Contudo, Jesus não precisou de nenhum novo nascimento, porque Ele era “aquela coisa santa” ou o Filho de Deus desde o princípio. Lucas 1:35. *Nós tornamo-nos* filhos ou filhas de Deus pelo *novo nascimento*. Nada pudemos fazer a respeito do nosso primeiro nascimento, mas temos tudo a ver com o nosso segundo nascimento. “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” João 3:6.

O carácter aceitável a Deus só pode desenvolver-se numa natureza sem pecado. Jesus, o segundo Adão, nasceu com esta natureza sem pecado. Nós precisamos de nascer *nesta* natureza sem pecado.

Se a mente carnal, ou natureza, “. . . não é sujeita à lei de Deus” (Romanos 8:7), e a lei de Deus é uma transcrição do Seu carácter, teremos um problema grave se continuarmos a insistir que Cristo herdou uma natureza pecaminosa.

Quando Cristo tomou sobre Si mesmo os pecados do mundo, isso não fez d’Ele um pecador, porque Ele fez isto de modo vicário. Ele tomou a nossa natureza pecaminosa da mesma maneira. Ele tomou todas as fraquezas e efeitos hereditários, físicos e mentais, de modo que, embora “sem pecado e exaltado por natureza, Ele

consentiu em aceitar as vestes da humanidade, para ser um com a raça caída.”¹² O dicionário Webster define o termo “vestes” por “aparato característico”. Nós diríamos características identificáveis.

Por que é importante que compreendamos isto? O plano de Deus para a salvação requer que o homem possua um carácter perfeito, e ele não o pode apresentar.

“Era possível a Adão, antes da queda, formar um carácter justo pela obediência à lei de Deus. Mas fracassou em fazer isto e, devido ao seu pecado, a nossa natureza acha-se decaída e não podemos tornar-nos a nós mesmos justos. Uma vez que somos pecaminosos, profanos, não podemos obedecer perfeitamente à santa lei. Não possuímos justiça em nós mesmos para podermos satisfazer as exigências da lei de Deus. Mas Cristo providenciou um caminho de escape para nós... Ele viveu uma vida sem pecado. Morreu por nós, e agora oferece-Se para tirar os nossos pecados e dar-nos a Sua justiça. ...O carácter de Cristo substitui o vosso carácter, e são aceites diante de Deus como se não tivessem pecado.”¹³

Esta é a obra da justificação, que é um dom gratuito para todos quantos aceitarem o plano de Deus.

Nada disto teria sido possível se Cristo tivesse herdado uma natureza pecaminosa. Mas, graças a Deus, isto aconteceu, de facto, e assim sabemos que “com uma aversão ao mal tal como *só pode existir numa natureza imaculadamente pura*, Cristo manifestou para com o pecador um amor que unicamente a bondade infinita podia conceber.”¹⁴

“A humanidade de Cristo alcançou as profundezas da *miséria humana*, e identificou-se com as *fraquezas e necessidades* do homem caído, enquanto que a *Sua natureza divina alcançava o Eterno*. A Sua obra de arcar com a culpa da transgressão do homem não se destinava a dar a este licença para continuar a violar a lei

de Deus, lei da qual o homem se tornara devedor, dívida essa que Cristo mesmo estava a pagar com os Seus sofrimentos. As provas e sofrimentos de Cristo destinavam-se a impressionar o homem com uma noção de quão grande era o seu pecado ao quebrantar a lei de Deus, e levá-lo ao arrependimento e à obediência dessa lei, e pela obediência à aceitação aos olhos de Deus. *Ele imputaria a Sua justiça ao homem, elevando-o assim quanto ao valor moral diante de Deus, de modo que os seus esforços para cumprir a lei divina seriam aceitáveis. A obra de Cristo era reconciliar o homem com Deus mediante a Sua natureza humana, e reconciliar Deus com o homem mediante a Sua natureza divina.*”¹⁵

Notem bem: Era através da *humanidade de Cristo* que o homem devia ser reconciliado com Deus. Romanos 8:7 diz-nos: “...a mente carnal [natureza] é inimizada contra Deus: pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser.” *É impossível, obviamente, a reconciliação através da natureza humana pecaminosa.* O problema é que o homem tem sempre tentado solucionar o seu envolvimento com o pecado mediante o *fazer Cristo descer até ao nível da própria natureza pecaminosa do homem*, em vez de permitir que *Cristo erga o homem da sua natureza caída e pecaminosa, através da Sua justiça imputada, para poder ficar diante de Deus com uma nova natureza* com a qual Deus pode trabalhar. A nova natureza não odeia Deus. Contudo, a nova natureza do homem também precisa de ser refinada, e esta obra é realizada pela santificação.

Nós mal conseguimos imaginar o que a natureza pecaminosa tem feito ao homem.

“O resultado de comer da árvore da ciência do bem e do mal manifesta-se na experiência de cada homem. Há, na sua natureza, uma inclinação para o mal, uma força à qual, sem ajuda, ele não consegue resistir. Para resistir a esta força, para alcançar aquele ideal, que, no

mais íntimo da sua alma, ele reconhece como o único digno, só pode encontrar ajuda num único poder. Esse poder é Cristo.”¹⁶

“A herança dos filhos é a do pecado. O pecado separou-os de Deus. Jesus deu a Sua vida para poder unir os elos quebrados a Deus. *Em relação ao primeiro Adão, os homens nada recebem dele senão culpa e a sentença de morte.*”¹⁷

A fim de Cristo poder unir os elos quebrados (o que inclui toda a família humana), tem de ter uma *natureza* inteiramente diferente daquela com que nós nascemos.

“O homem não podia fazer expiação pelo homem. A sua condição pecaminosa e caída torná-lo-ia uma oferta imperfeita, um sacrifício expiatório de menos valor do que Adão antes da sua queda. Deus fez o homem perfeito e recto e, depois da sua transgressão, nenhum sacrifício por ele seria aceitável a Deus, a não ser que a oferta que se fizesse fosse superior, em valor, ao homem como ele era no seu estado de perfeição e inocência.”¹⁸

A condição pecaminosa, caída, é uma natureza pecaminosa, caída. É isto que tem passado de geração em geração. É esta condição herdada que teria feito de Jesus uma oferta imperfeita, caso Ele houvesse herdado uma natureza pecaminosa.

Cada oferta escolhida tinha de estar livre de qualquer tipo de mancha. “Nos dias do antigo Israel, os sacrifícios, que eram trazidos ao sumo sacerdote, eram abertos com um corte até à espinha dorsal para ver se o coração estava são.”¹⁹ Jesus Cristo tinha de ser puro e sem mácula. I Pedro 1:19. O dicionário Webster define mácula como “uma imperfeição que mancha ou danifica a imaculidade.” É então bastante claro que, se Jesus houvesse herdado uma condição pecaminosa, caída, isso tê-l’O-ia constituído uma oferta imperfeita. Nesse caso, a oferta teria de ser rejeitada pelo Pai. No entanto, Ele foi aceite, a expiação foi perfeita – sem mancha ou mácula.

“A encarnação de Cristo sempre tem sido, e continuará a ser, um mistério. Aquilo que está revelado é para nós e para os nossos filhos, mas todo o ser humano é avisado de que não deve pisar o terreno de fazer Cristo *inteiramente humano, um como nós próprios; porque isso não pode ser.*”²⁰

Precisamos de aprender que *a natureza pecaminosa* não pode ser *controlada, modificada* ou *melhorada* seja de que maneira for. Tanto o Velho como o Novo Testamento ensinam isto.

Isaías 64:6: “Mas, todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundície...”

Job 14:4: “Quem do imundo tirará o puro? Ninguém.”

Salmo 51:10: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito recto.”

Ezequiel 36:26-27: “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo, e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis.”

João 12:24: “Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.”

II Coríntios 5:17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”

Gálatas 5:24: “E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.”

“A vida cristã não é uma modificação ou melhoramento da velha, mas uma *transformação da natureza*. Há uma *morte para o eu e o pecado*, e uma *vida inteiramente nova*. Esta mudança só pode ocorrer pela operação eficaz do Espírito Santo.”²¹

Se imaginarmos Cristo com uma *natureza pecaminosa*, Ele teria então de passar por esta mesma transformação. No entanto, o diabo não pôde encontrar n’Ele sequer uma inclinação

(propensão) sobre a qual construir as suas tentações, quando tentou a Cristo. *Não teria sido este o caso se Cristo houvesse herdado uma natureza pecaminosa.*

“Quando Cristo inclinou a Sua cabeça e morreu, levou consigo os pilares do reino de Satanás para a terra. *Ele venceu Satanás na mesma natureza sobre a qual, no Éden, Satanás obteve a vitória.* O inimigo foi vencido por Cristo na Sua natureza humana.”²²

Cristo venceu Satanás na Sua natureza humana. *A natureza humana pecaminosa não consegue fazer isso.* Ela (a natureza pecaminosa) precisa de morrer e ser substituída, e o homem precisa de ser participante da natureza divina de Cristo, antes de poder viver uma vida vitoriosa.

“Sejam cautelosos, extremamente cautelosos, em como abordam a natureza humana de Cristo. Não O apresentem diante do povo como um homem com as propensões [inclinações] do pecado. Ele é o segundo Adão. *O primeiro Adão foi criado um ser puro, sem pecado, sem mácula de pecado sobre ele; ele era a imagem de Deus.* Podia cair, e caiu mesmo pela transgressão. Devido ao pecado, a sua posteridade *nasceu com inerentes propensões para a desobediência.* Mas Jesus Cristo era o Filho unigênito [único] de Deus. Ele tomou sobre Si mesmo a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos como o é a natureza humana. Ele podia ter pecado; podia ter caído; mas nem por um momento houve n’Ele uma propensão maligna.”²³

Cristo é a única criança que alguma vez nasceu com natureza humana sem pecado. Neste sentido, Ele é verdadeiramente único. Notem bem: O homem *herdou a sua natureza pecaminosa.* Cristo *tomou sobre Si a natureza humana.*

“Deus deseja curar-nos, libertar-nos. Mas, uma vez que isto requer uma inteira transformação, *uma renovação de toda a nossa natureza,* precisamos de nos render inteiramente a Ele.”²⁴

Dado que essa é a Sua exigência, podemos compreender a razão pela qual “*como Jesus foi na natureza humana, assim quer Deus que os Seus seguidores sejam.*”²⁵ Quer Deus que os Seus seguidores sejam embaraçados com uma natureza caída e pecaminosa? *Qual foi, então, a relação de Cristo para com a nossa natureza humana pecaminosa?*

“*Ele tomou sobre a Sua natureza sem pecado a nossa natureza pecaminosa, para que pudesse saber como socorrer os que são tentados.*”²⁶

Há uma diferença entre o que Cristo tomou sobre Si mesmo, *por herança*, e o que *Ele tomou voluntariamente*, a fim de ganhar o homem de volta para Deus. Ele humilhou-Se a Si mesmo até não haver lugar mais baixo a que pudesse descer. *Ele familiarizou-Se experiencialmente* com o mais fraco dos fracos. *Ele esteve disposto a suportar* todas as nossas *enfermidades e deficiências de qualquer natureza*. Mas devemos lembrar-nos de que Cristo sempre reteve o *Seu ódio perfeito para com o pecado*. Se Cristo tivesse herdado uma natureza pecaminosa, teria havido *uma dicotomia intolerável* entre *as Suas duas naturezas*, em vez de *paz perfeita*. É isso o que Deus deseja que os Seus filhos possuam?

“Cristo nada poderia ter feito durante o Seu ministério terrestre para salvar o homem caído, se o divino não estivesse combinado com o humano. A capacidade limitada do homem não consegue definir este mistério maravilhoso – a combinação das duas naturezas, a divina e a humana, nunca poderá ser explicada. O homem deve quedar-se maravilhado e em silêncio. E, não obstante, o homem tem o privilégio de ser participante da natureza divina e, desse modo, pode, até certo ponto, entrar no mistério.”²⁷

Mediante o novo nascimento, o homem é liberto da sua velha natureza pela morte e recebe uma nova natureza por nascimento. É só nesta nova natureza que podemos ser participantes da natureza divina. Da manjedoura à tumba, houve sempre essa perfeita harmonia entre as duas naturezas de Cristo.

Jesus dispôs-se a suportar *tudo quanto o homem tem usado como desculpa para o pecado – abuso, solidão, pobreza, o ser mal compreendido, a rejeição por parte da família, agressão física e dor, tortura mental, aparente fracasso em alcançar os objectivos da vida, traição, oposição por parte dos que estavam mais próximos d’Ele e até aparente abandono por Deus. Não admira que tenhamos este conselho de Deus: “Não devemos ter quaisquer dúvidas a respeito da perfeita impecabilidade da natureza humana de Cristo.”*²⁸

“Não é necessário que conheçamos o tempo exacto em que a humanidade se combinou com a divindade.”²⁹ Posso sugerir algo que talvez lance alguma luz sobre o tema?

“Satanás, com toda a sua sinagoga – visto que Satanás alega ser religioso – empenhou-se em que Cristo não levasse avante os conselhos do Céu. Depois de Cristo ter sido baptizado, curvou-Se na margem do Jordão; e *nunca antes o Céu tinha ouvido uma oração como a que saiu dos Seus lábios divinos. Cristo tomou sobre Si mesmo a nossa natureza.* A glória de Deus, na forma de pomba de ouro polido, pousou sobre Ele, e da glória infinita ouviram-se estas palavras: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.’ Mateus 3:17.”³⁰

Não é de admirar que o Céu nunca tivesse ouvido uma oração como a que saiu dos Seus lábios divinos. Se Cristo, nesta altura, deu o último passo na Sua humilhação, imaginem só o que teria sido essa oração – *uma súplica fervorosa ao Pai para que agora Lhe fosse atribuída toda a culpa por todos os pecados que o homem tem cometido.* Os anjos e todos os seres celestiais devem ter ficado chocados e sem conseguirem compreender a razão por que, ao homem pecador, indigno e ingrato, devesse ser oferecida salvação *ao assumir Cristo, realmente, a culpa do homem.* Deve ter sido quase impossível para eles compreenderem.

Adão tornou-se pecador quando preferiu acreditar em Satanás e não em Deus. A sua *natureza foi mudada de sem pecado para uma natureza pecaminosa*. Cristo escolheu tomar sobre Si a culpa do mundo, que incluía a *natureza pecaminosa do homem*. O processo de limpeza deve ir *para além dos actos do homem até à fonte – a natureza ou mente do homem*. É assim que Cristo nos pode dar uma nova mente, um novo coração ou uma nova natureza. Este processo concretiza a *restauração completa do homem* e, ao mesmo tempo, *não contamina o Restaurador*, porque a culpa *não era d'Ele, mas nossa – por conseguinte, vicária e por Sua livre escolha*. Oh, a maravilha do plano divino da redenção.

Quando Cristo entrou no deserto da tentação, carregava o pesado fardo da culpa pelos pecados do mundo. Este era um fardo demasiado pesado para qualquer ser inferior a Deus. Cristo era plenamente divino e plenamente humano, um mistério que não conseguimos abarcar.

Se Cristo tivesse uma natureza humana pecaminosa *herdada, como parte de Si mesmo, não poderia ter sido a expressa imagem do Seu Pai*. O dicionário Webster define pecaminoso como algo “cheio de pecado”. Ele próprio disse: “...Quem me vê a mim vê o Pai...” João 14:9 (itálicos acrescentados).

Uma natureza humana pecaminosa herdada pode, até certo ponto, ser controlada. Mas, é esta a liberdade que Cristo oferece ao crente? Como podemos ser libertos tanto do poder como da penalidade do pecado? “*Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.*” João 8:36 (itálicos acrescentados).

Se a vida de perfeita obediência de Cristo foi obtida pelo controlo perfeito da Sua natureza pecaminosa, então o Seu exemplo para nós é o de controlarmos *as nossas naturezas pecaminosas naturais*. A Bíblia, contudo, declara *essa natureza como incorrigível e que precisa de morrer, e que*

nós precisamos de nascer de novo. O desejo de Deus está expresso nesta citação:

“Ele quer que compreendamos alguma coisa do Seu amor em dar o Seu Filho para morrer, a fim de poder neutralizar o mal, *remover da obra de Deus as manchas corruptoras do pecado*, e restabelecer os perdidos, elevando e enobrecendo a alma à sua *pureza original por meio da justiça imputada de Cristo.*”³¹

Este imputar da Sua justiça é a obra que Ele está a fazer agora por todos quantos crêem verdadeiramente. Ele está a preparar homens e mulheres, pela justificação, assumindo voluntariamente a responsabilidade pelos pecados que estão registados contra eles e mudando o seu registo, de modo a poder ler-se nele “*como se nunca tivessem pecado.*” *Cristo nada teria realizado se tivesse aceitado uma natureza pecaminosa, ainda que tivesse vivido sem pecar exteriormente.* A lei de Deus convence do pecado, não só quanto aos *actos*, mas também quanto aos *pensamentos*.

“A lei de Deus, tal como se apresenta nas Escrituras, é ampla nos seus requisitos. Cada princípio é santo, justo e bom. A lei coloca os homens sob obrigação para com Deus; ela alcança os pensamentos e os sentimentos; e produz convicção do pecado em todo aquele que for sensível quanto a ter transgredido os seus requisitos. *Se a lei só tocasse a conduta exterior, os homens não seriam culpados quanto aos seus maus pensamentos, desejos e desígnios.* No entanto, a lei requer que *a própria alma seja pura e a mente santa, que os pensamentos e sentimentos estejam em harmonia com o padrão de amor e justiça.*”³²

A *natureza pecaminosa* constitui a *doença do pecado*, os pecados são apenas os *sintomas da doença*. “... Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco.” Isaías 1:5. Se Cristo tivesse vivido uma vida perfeita, embora possuindo uma *natureza pecaminosa herdada*, ainda assim estaria *infectado com a doença e teria, Ele próprio, necessitado de um Salvador.*

Se foi a Sua natureza que O impediu de ter desejos pecaminosos, então ela não era pecaminosa. Se Ele teve desejos pecaminosos, mas lhes resistiu, isso tê-l’O-ia contaminado, porque a semente do pecado está nos pensamentos.

Como podemos entender Hebreus 4:15? “Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.”

A fim de podermos raciocinar sobre este problema, é necessário que ponhamos de lado as nossas ideias preconcebidas e tentemos ver o pecado como Deus o vê. O *egoísmo, ou a idolatria do eu, é o fundamento de todo o pecado.* (Ver *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 518 e *O Grande Conflito*, pág. 294). *Todos os seres humanos têm adorado neste altar. Ou se adoram a si mesmos ou se odeiam a si mesmos.* Jesus disse: “Quem ama a sua vida perdê-la-á, e, quem, neste mundo, aborrece a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna.” João 12:25. Esta é a mesma mensagem que Jesus deu a Nicodemos em João 3:6: “O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.” Como foi Cristo tentado, como nós o somos, mas sem pecado? Se o egoísmo é a raiz de todo o pecado, então *pecados diferentes não passam de variações da planta de que eles brotam.* Seria verdade que, quanto mais *cuidadosamente se camuflasse o eu dentro da tentação, mais forte seria a tentação.*

Ora, nós sabemos que “...Deus não pode ser tentado pelo mal,...” Tiago 1:13. Cristo, enquanto esteve na Terra, foi totalmente Deus e totalmente homem. Porque a natureza humana de Cristo era sem pecado, como era a natureza de Adão quando foi criado, e a natureza divina de Cristo era a natureza de Deus, havia *completa harmonia entre as Suas duas naturezas – a divina e a humana.*

“Cristo manteve sempre o máximo ódio pelo pecado...”³³ Ele odiava o pecado com um ódio perfeito.

“No coração irregenerado existe amor ao pecado

e a disposição para o acariciar e desculpar. No coração renovado existe ódio ao pecado e uma resistência decidida contra ele.”³⁴

“Mediante o apreço do carácter de Cristo, através da comunhão com Deus, o pecado tornar-se-á odioso para nós.”³⁵

“Ele [Deus] propõe-se remover do homem a coisa ofensiva que Ele odeia, mas o homem precisa de cooperar com Deus nesta obra. O pecado precisa de ser abandonado, odiado, e a justiça de Cristo deve ser aceite pela fé. É assim que o divino cooperará com o humano.”³⁶

Como pode Deus criar no homem ódio ao pecado, quando o homem tem uma natureza que odeia a Deus em vez de ao pecado? Romanos 8:7. Só é possível seguindo o conselho de Paulo na mesma epístola, capítulo 12:2: “E não vos conformeis com este mundo, mas *transformai-vos pela renovação do vosso entendimento [mente, na versão em inglês]*, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” (Itálicos acrescentados). Então, a vontade “...aborrecerá o mal e apegar-se-á ao bem.” Romanos 12:9.

Precisamos de perceber o facto de que *Satanás não podia tentar Cristo a fazer algo que Ele odiava*. Foi sempre natural para Cristo ter esse ódio ao pecado. Não é natural na família humana. Estamos muito longe disso; como podemos ser tentados da mesma maneira?

Devemos lembrar que foi neste ponto que caiu o mais poderoso ser que alguma vez foi criado. O egoísmo manifestou-se em orgulho, ciúme, falsidade e rebelião declarada. Os nossos primeiros pais foram vítimas da mesma tentação. Eva foi tentada a questionar a razão por que Deus os impediu de comer da árvore da ciência do bem e do mal. A tentação tornou-se ainda mais forte quando ela achou que a serpente obtivera a capacidade de falar por ter comido desse fruto. “Porquê não posso comer este fruto maravilhoso?” Isto é egoísmo da espécie mais comum. Adão decidiu partilhar a sorte dela, pensando

que o seu acto se baseava em amor verdadeiro. Ele ousou esperar que as coisas pudessem resolver-se de alguma maneira, desde que obtivesse o que queria. Isto era puro egoísmo! Lembrem-se, tudo isto aconteceu enquanto eles possuíam *naturezas sem pecado*. Aconteceu o mesmo com cada *anjo caído*. Deve ter sido este o método que Satanás usou com Cristo e com o homem. Como poderia ele levar Cristo a revelar egoísmo que não parecesse egoísmo? Temos a resposta nas seguintes citações inspiradas:

“Foi uma tarefa difícil para o Príncipe da vida levar avante o plano que assumira para a salvação do homem, ao vestir a Sua divindade com a humanidade. Ele tinha recebido honra nas cortes celestiais e estava familiarizado com o poder absoluto. Foi tão difícil para Ele manter o nível da humanidade, como o é para os homens erguerem-se acima do baixo nível das suas naturezas depravadas, e serem participantes da natureza divina.”³⁷

“Manter velada a Sua glória como filho da raça caída, esta foi a disciplina mais severa a que o Príncipe da vida podia submeter-Se.”³⁸

A natureza divina, que Ele tinha colocado de parte, era *sem pecado*, perfeita e familiarizada com o poder absoluto. Foi extremamente difícil para Cristo, enquanto esteve na Terra, impedir que a Sua *natureza divina natural* se manifestasse através da Sua nova *natureza humana sem pecado*. Esta natureza tinha sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Quando nascemos de novo, e Cristo nos dá uma nova natureza sem pecado, é-nos extremamente difícil impedir que a nossa *natureza natural*, que foi crucificada e sepultada, e que era *pecaminosa, vil e cheia de orgulho*, se manifeste através da *nossa nova natureza nascida de novo*.

As contínuas tentações que Satanás lançou sobre Cristo, durante a Sua vida humana, foram no sentido de *tentá-l’O a revelar essa natureza divina*. “Se tu és o Cristo, prova-o.” Foram estas as palavras que, tanto seres humanos como Satanás,

dirigiram a Jesus. Cristo nunca esteve livre desta tentação. A Sua própria família e os discípulos mais chegados frequentemente O incitavam nesse sentido.

Satanás usou soberanos, sacerdotes e dirigentes com vista a tentar forçá-l’O *a sair das mãos do Pai e a usar o Seu próprio poder*. Jesus achou que, embora habituado ao poder absoluto, devia permanecer fiel à posição que escolhera: “*Eu não posso, de mim mesmo, fazer coisa alguma.*” João 5:30, (itálicos acrescentados).

Satanás está constantemente a tentar cada cristão nascido de novo, *apesar deste ter uma nova natureza compatível com Deus*, para que revele *a velha natureza que crucificou*. Ele tenta-nos através dos produtos da velha natureza que nos controlaram durante tanto tempo, antes de termos nascido de novo. Estes produtos são os nossos *maus hábitos e tendências hereditárias*. Ele conhece-os bem, pois foi ele quem os desenvolveu em nós. Ele atíça a chama da nossa velha natureza por meio de circunstâncias e situações que ele próprio engendra. Ele sabe que *não consegue* ressuscitar a nossa velha natureza crucificada, e Cristo *jamais a ressuscitará*. *Nós somos os únicos que podemos ser tentados a fazê-lo*. É através dos velhos hábitos, que nós ainda não submetemos a Cristo, que Satanás faz o seu mais eficiente trabalho, na tentativa de nos forçar a revelar a nossa velha natureza. Se ele puder levar-nos a ceder frequentemente aos hábitos da nossa velha vida egocêntrica, sabe que estaremos mais inclinados ao *desânimo e que desistiremos*. *É quando estamos nesta condição que abandonamos o controlo de Cristo e, frequentemente, em rebelião, nos afastamos de Deus*. Esta é, sem dúvida, a razão por que Cristo *nunca desanimou*.

Cristo era tentado constantemente a fazer mesmo as coisas boas que fazia *usando o Seu próprio poder* – como nós somos tentados constantemente a afastar-nos de Cristo e “a fazer as coisas à nossa maneira”, sejam elas boas ou más.

A entrega total era a única segurança de Jesus e o mesmo é válido para nós. Ele foi, na verdade, tentado em todos os pontos como nós o somos. Toda a tentação é, e sempre foi, uma tentação para *demonstrarmos egoísmo*, de uma forma ou de outra. *O egoísmo separa sempre de Deus. Esse é o alvo de Satanás.*

Se Cristo tivesse escolhido usar o Seu poder, não teria sido um exemplo perfeito para nós seguirmos e, assim, o plano da salvação teria falhado, por Ele não ter demonstrado perfeita confiança no Pai.

“Jesus não revelou qualidades, nem exerceu poderes, que os homens não possam ter pela fé n’Ele. A Sua perfeita humanidade é a que todos os Seus seguidores poderão possuir, se viverem em sujeição a Deus como Ele viveu.”³⁹

A justificação pela fé resume-se unicamente nisto: perfeita confiança!

A fim de inspirar no homem essa perfeita confiança, o plano da salvação de Deus estabelece um relacionamento entre a família humana e a divindade que nunca findará.

“Para nos assegurar o Seu imutável conselho de paz, Deus deu o Seu Filho unigénito para Se tornar um com a família humana, e reter para sempre a Sua natureza humana.”⁴⁰

“O Filho de Deus, agora à mão direita do Pai, ainda pleiteia como intercessor do homem. *Ele ainda retém a Sua natureza humana*, é ainda o Salvador da humanidade.”⁴¹

“... Ele deu o Seu Filho unigénito para vir à Terra, para tomar a natureza do homem, não só para os breves anos de vida aqui, mas para reter a Sua natureza nas cortes celestiais, como penhor eterno da fidelidade de Deus.”⁴²

“Ao passar pelas cenas da Sua humilhação, *Jesus não perdeu nada da Sua humanidade*... Ele nunca

Se esquece de que é o nosso representante, que detém a nossa natureza.”⁴³

“Haver Cristo tomado a natureza humana e, por uma vida de humilhação, elevado o homem na escala do valor moral para com Deus; o ter levado para o trono de Deus a natureza que adoptara, e aí apresentar os Seus filhos ao Pai; o ter-lhes conferido uma honra muito acima da que conferiu aos anjos – esta é a maravilha do universo, o mistério que os anjos desejam contemplar.”⁴⁴

“A obra de Cristo foi reconciliar o homem com Deus mediante a Sua natureza humana, e Deus com o homem mediante a Sua natureza divina.”⁴⁵

“Deus deseja curar-nos, libertar-nos. Mas, uma vez que isto requer uma inteira transformação, uma renovação completa da nossa natureza, precisamos de nos render completamente a Ele.”⁴⁶

“No Céu é dito pelos anjos ministradores: Executámos a obra para que fomos enviados. Repelimos os exércitos dos anjos maus. Enviámos luz e claridade à mente dos homens, avivando-lhes a memória do amor de Deus expresso em Jesus. Atraímos o seu olhar para a cruz de Cristo. O seu coração foi movido profundamente pelo sentimento do pecado, que crucificou o Filho de Deus. Foram convencidos. Viram os passos que devem ser dados na conversão; sentiram o poder do evangelho; o seu coração foi sensibilizado ao verem a excelência do amor de Deus. Contemplaram a beleza do carácter de Cristo. Mas, com a maioria, foi tudo em vão. Não quiseram submeter os seus próprios hábitos e carácter.”⁴⁷

“Através da vitória de Cristo, as mesmas vantagens que Ele teve são dadas ao homem; pois ele pode ser participante de um poder fora e acima de si mesmo, participante mesmo da

natureza divina, pela qual poderá vencer a corrupção que pela concupiscência há no mundo.”⁴⁸

*“Toda a bondade natural do homem é inútil à vista de Deus. Ele não tem prazer em homem algum que retiver a sua velha natureza, e não estiver tão renovado em conhecimento e graça que seja um novo homem em Cristo.”*⁴⁹

*“Ele quer que compreendamos algo do Seu amor ao dar o Seu Filho para morrer, para Ele poder neutralizar o mal, remover da obra-prima de Deus as manchas corruptoras do pecado, e reintegrar os perdidos, enobrecendo e elevando a alma à sua pureza original mediante a justiça imputada de Cristo.”*⁵⁰

Esta é a obra que precisa de ser feita em cada cristão nascido de novo, mediante o dom inefável de Deus da justificação pela fé.

Precisamos de responder a esta pergunta: Se Cristo tinha uma natureza humana pecaminosa, vai Ele retê-la por toda a eternidade? Se não, então Ele ter-se-á libertado dela nalguma ocasião. Quando é que isso ocorreu? – Certamente não foi no Calvário! Ele era uma oferta perfeita – não havia n’Ele defeito de espécie alguma. Se Cristo tivesse albergado uma única vez um pensamento mau, nada mais poderia ter realizado do que qualquer outro sacerdote humano. Todo o sacerdote humano, pelo nascimento, fora contaminado com a natureza humana pecaminosa. Por isso, tinha de fazer primeiro uma oferta por si mesmo, cada ano (Hebreus 9:7), antes de poder servir como tipo de Cristo. Podemos estar certos de que, na cruz, “Ele [Cristo] venceu Satanás na mesma natureza sobre a qual no Éden Satanás obteve a vitória.”⁵¹ Essa natureza era, obviamente, a natureza humana sem pecado, porque foi com essa natureza que Adão foi criado. Ele [Adão] foi também derrotado na sua natureza

humana sem pecado.

Se Cristo, na cruz, tinha a mesma natureza humana com que Adão foi criado, Ele não podia ter, ao mesmo tempo, natureza pecaminosa. Uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir. A Sua natureza humana sem pecado não O aliviou do Seu sofrimento na cruz ou durante a Sua vida na Terra. Ele levou, de facto, para o Céu a Sua natureza humana sem pecado e a reterá para sempre, unida e identificada eternamente com a humanidade.

“Cristo não era insensível à ignomínia e à desgraça. Ele sentiu tudo isso de modo muito amargo. Ele sentiu-o tanto mais profunda e agudamente do que nós o sofremos, quanto a *Sua natureza era mais exaltada, pura e santa do que a da raça pecaminosa por quem sofreu.*”⁵²

Nós somos libertos da nossa natureza humana pecaminosa através da experiência do novo nascimento. Cristo, todavia, não precisou de nascer de novo. O Seu nascimento aconteceu com a mesma perfeição com que Adão foi criado. O baptismo para Cristo não foi um símbolo de morte, sepultamento e ressurreição para uma novidade de vida. Ele foi um exemplo para nós seguirmos. Cada ser humano precisa de ser libertado da sua natureza humana pecaminosa, que é “inimizade contra Deus” (Romanos 8:7), antes de poder ser um seguidor de Deus. Jesus não necessitou desta transformação, porque Ele era o segundo Adão.

A natureza humana pecaminosa será uma coisa do passado na nova Terra. Para o cristão nascido de novo, a libertação dessa natureza pecaminosa – mediante o plano da salvação de Deus – torna possível o Céu começar já aqui na Terra. Quão gratos devíamos estar por o nosso Salvador Se ter identificado com a família humana ao reter para sempre a nossa natureza humana.

Referências:

1. The Youth's Instructor, 13 de Outubro de 1898.
2. The Review and Herald, 5 de Abril de 1906.

3. O Desejado de Todas as Nações, págs. 174, 175 (Itálicos acrescentados).
4. SDA Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 650; The Youth's Instructor, 2 de Junho de 1898.
5. O Desejado de Todas as Nações, pág. 745.
6. SDA Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 655; The Review and Herald, 8 de Novembro de 1887.
7. SDA Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 650; The Signs of the Times, 9 de Junho de 1898.
8. Mensagens aos Jovens, pág. 236.
9. *Idem*, pág. 151.
10. The Signs of the Times, 16 de Janeiro de 1896.
11. O Caminho a Cristo, págs. 18, 19. (Itálicos acrescentados)
12. The Signs of the Times, 25 de Abril de 1892.
13. O Caminho a Cristo, pág. 62.
14. Patriarcas e Profetas, pág. 140. (Itálicos acrescentados)
15. Mensagens Escolhidas, livro 1, págs. 272, 273. (Itálicos acrescentados)
16. Educação, pág. 29.
17. Orientação da Criança, pág. 475. (Itálicos acrescentados)
18. SDA Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 665; The Spirit of Prophecy, vol. 2 (ed. de 1877) págs. 9, 10. (Itálicos acrescentados)
19. *Idem*, vol. 1, pág. 1110; Manuscrito 42, 1901. (Itálicos acrescentados)
20. *Idem*, vol. 5, pág. 1129; Carta 8, 1895. (Itálicos acrescentados)
21. O Desejado de Todas as Nações, pág. 172. (Itálicos acrescentados)
22. SDA Bible Commentary, vol. 7-A, pág. 651; The Youth's Instructor, 25 de Abril de 1901.
23. *Idem*, vol. 5, pág. 1128; Carta 8, 1895. (Itálicos acrescentados)

24. O Caminho a Cristo, pág. 43. (Itálicos acrescentados)
25. Testimonies, vol. 8, pág. 289. (Itálicos acrescentados)
26. Medicina e Salvação, pág. 181. (Itálicos acrescentados)
27. SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 904; Carta 5, 1889.
28. Idem, vol. 5, pág. 1131; The Signs of the Times, 9 de Junho de 1898. (Itálicos acrescentados)
29. Idem, vol. 5, pág. 1129; Carta 8, 1895.
30. Temperança, pág. 284. (Itálicos acrescentados)
31. The Review and Herald, 8 de Novembro de 1892. (Itálicos acrescentados)
32. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 211. (Itálicos acrescentados)
33. SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 904; The Signs of the Times, 20 de Janeiro de 1898.
34. O Grande Conflito, pág. 508.
35. O Desejado de Todas as Nações, pág. 668.
36. Testimonies, vol. 5, pág. 632.
37. SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 930; The Review and Herald, 1 de Abril de 1875.
38. Idem, vol. 5, pág. 1081; Carta 19, 1901.
39. O Desejado de Todas as Nações, pág. 664.
40. Idem, pág. 25.
41. The Signs of the Times, 15 de Julho 1908. (Itálicos acrescentados)
42. Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 258. (Itálicos acrescentados)
43. Testemunhos para Ministros, pág. 19. (Itálicos acrescentados)
44. Filhos e Filhas de Deus, pág. 22. (Itálicos acrescentados)
45. The Review and Herald, 4 de Agosto de 1874. (Itálicos acrescentados)
46. O Caminho a Cristo, pág. 43. (Itálicos acrescentados)

47. Parábolas de Jesus, pág. 318. (Itálicos acrescentados)
48. The Signs of the Times, 16 de Janeiro de 1896.
(Itálicos acrescentados)
49. A Maravilhosa Graça de Deus, pág. 66; The Review and Herald, 24 de Agosto de 1897.
(Itálicos acrescentados)
50. The Review and Herald, 8 de Novembro de 1892.
(Itálicos acrescentados)
51. SDA Bible Commentary, vol. 5, pág. 1108; Questions on Doctrine, pág. 651; The Youth's Instructor, 25 de Abril de 1901.
52. The Review and Herald, 11 de Setembro de 1888.

APÊNDICE B

A VONTADE *Humana*

O Poder da Vontade

“Sem *liberdade de escolha*, a sua [do homem] obediência não seria voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de carácter.” (Patriarcas e Profetas, pág. 49. (Itálicos acrescentados).

“Muitos perguntam: ‘Como posso fazer a entrega de mim mesmo a Deus?’ ...O que precisam de compreender é a verdadeira força da vontade. *Este é o poder que governa na natureza humana, o poder da decisão ou da escolha.*” (O Caminho a Cristo, pág. 47. (Itálicos acrescentados).

“A vontade é *o poder que governa na natureza humana*, colocando *todas as outras faculdades* sob o seu domínio. A vontade não é o gosto ou a inclinação, mas é *o poder de decisão* que opera nos filhos dos homens para obediência a Deus ou para desobediência.” (Testimonies, vol. 5, pág. 513. (Itálicos acrescentados).

Força de Vontade

“Ao confessarem diante de homens e mulheres a vossa confiança no Senhor, é-vos comunicada força adicional. Decidam louvá-l’O. *A firme determinação faz aumentar o poder da vontade...*” (SDA Bible Commentary, vol. 3, pág. 1143. Manuscrito 116, 1902). (Itálicos acrescentados).

“Não há nada mais difícil para os que possuem uma *vontade forte* do que abandonarem os seus próprios caminhos, e sujeitarem-se ao juízo de outros.” (Obreiros Evangélicos, pág. 447).

Perseverança, determinação, firmeza revelam *força de vontade* e são uma *bênção*, quando são usados para propósitos rectos.

A NATUREZA DO HOMEM

Humana, Natural, Pecaminosa

“Quando o homem transgrediu a lei divina, *a sua natureza tornou-se má*, e passou a estar *em harmonia*, e *não em divergência*, com Satanás. Não existe *naturalmente nenhuma inimizade* [ódio] entre *o homem pecaminoso* e *o originador do pecado*. Ambos se tornaram maus pela apostasia.” (O Grande Conflito, pág. 505. (Itálicos acrescentados).

“A palavra [Bíblia] *destrói a natureza natural, terrestre*, e comunica uma nova vida em Cristo Jesus. O Espírito Santo vem à alma como Consolador. Pela agência transformadora da Sua graça, a imagem de Deus é reproduzida no discípulo; ele torna-se *uma nova criatura*.” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 391. (Itálicos acrescentados).

“...Caso eles [Adão e Eva] cedessem uma única vez à tentação, *a sua natureza tornar-se-ia tão depravada* que, em si mesmos, eles *não teriam poder, nem disposição, para resistir a Satanás*.” (Patriarcas e Profetas, pág. 53. (Itálicos acrescentados)

“Conquanto Adão fosse *criado sem pecado*, à semelhança de Deus, Seth, como Caim, *herdou a natureza caída* dos seus pais.” (Patriarcas e Profetas, pág. 80. (Itálicos acrescentados)

“‘Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne’ (Romanos 8:3) – não podia justificar o homem, porque *na sua natureza pecaminosa ele não podia guardar a lei*.” (Patriarcas e Profetas, pág. 373. (Itálicos acrescentados)

Humana, Divina, Sem pecado

“Assim como o enxerto recebe vida quando ligado à videira, do mesmo modo o pecador participa da *natureza divina* quando ligado a Cristo.” (Testimonies, vol. 4, pág. 355. (Itálicos acrescentados)

“...O homem foi formado à semelhança de Deus, *a sua natureza estava em harmonia com a vontade de Deus.*” (Patriarcas e Profetas, pág. 45. (Itálicos acrescentados))

“‘Se alguém Me ama’, dizia Cristo, ‘guardará a Minha Palavra, e Meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.’ João 14:23. O encanto de uma mente mais forte e mais perfeita pairará sobre nós, pois temos ligação viva com a fonte do poder duradouro. *Na nossa vida religiosa seremos levados em cativeiro a Jesus Cristo.* Não mais viveremos a comum vida de egoísmo, mas Cristo viverá em nós.” (Parábolas de Jesus, pág. 61). (Itálicos acrescentados))

O termo “*natureza humana*” pode aplicar-se tanto à natureza *sem pecado* (antes do pecado), como à natureza *nascida de novo*. Pode também aplicar-se à *natureza pecaminosa* segundo o contexto em que estiver a ser usado.

Carácter

“O carácter é revelado, não por boas obras ou más acções ocasionais, mas pela tendência habitual das palavras e actos.” (O Caminho a Cristo, pág. 57, 58).

“As acções fazem os hábitos, e os hábitos, o carácter...” (Fundamentos da Educação Cristã, pág. 194).

“Assim as acções repetidas formam hábitos, os hábitos formam o carácter, e pelo carácter será decidido o nosso destino para o tempo e a eternidade.” (Parábolas de Jesus, pág. 356).

Justificação

“Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido a vossa vida, considerados justos por Sua causa. O carácter de Cristo substituirá o vosso carácter, e sereis aceites diante de Deus exactamente como se não houvésseis pecado.” (O Caminho a Cristo, pág. 62).

“Embora o pecador não possa salvar-se a si mesmo, ainda assim ele tem alguma coisa a fazer para assegurar a salvação. ‘Aquele que vem a mim’, diz Cristo, ‘de maneira nenhuma o

lançarei fora.’ João 6:37. Mas nós precisamos de *vir* a Ele; e quando nos arrependemos dos nossos pecados, devemos acreditar que Ele nos aceita e perdoa. A fé é o dom de Deus, mas está em nós o poder de exercê-la... Jesus morreu por nós porque nos era impossível fazer isto. N’Ele está a nossa esperança, a nossa justificação e a nossa justiça.” (Patriarcas e Profetas, pág. 431).

“A única maneira dele [o pecador] alcançar a justiça é pela fé. Pela fé pode apresentar a Deus os méritos de Cristo, e o Senhor coloca a obediência do Seu Filho na conta do pecador. A justiça de Cristo é aceite no lugar do fracasso do homem, e Deus recebe, perdoa, justifica, a alma arrependida e crente, trata-a como se fosse justa, e ama-a como ama o Seu Filho.” (The SDA Bible Commentary, vol. 6, pág. 1073; The Review and Herald, 4 de Novembro de 1890).

Santificação

“...Santificação... é nada menos do que um morrer diário para o eu, e conformidade diária com a vontade de Deus... A santificação de Paulo era um conflito constante com o eu. Ele disse: ‘Cada dia morro’. A vontade dele e os seus desejos entravam diariamente em conflito com o dever e a vontade de Deus. Em vez de seguir a inclinação, ele fazia a vontade de Deus, ainda que desagradável e uma cruz para a sua natureza.” (Testimonies, vol. 4, pág. 299).

“Santificação significa comunhão habitual com Deus.” (The SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 908; The Review and Herald, 15 de Março de 1906).

“...Deveríamos meditar nas palavras do apóstolo, nas quais ele apela aos seus irmãos, pela compaixão de Deus, para apresentarem os seus ‘corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.’ Isto é verdadeira santificação. Não se trata de uma mera teoria, uma emoção, ou um palavreado, mas de um princípio vivo, activo, que penetra na vida diária.” (Conselhos Sobre o Regime Alimentar, págs. 164, 165).

“‘Aprende de mim’, diz Jesus, ‘que sou manso e humilde de

coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.’ Nós devemos entrar para a escola de Cristo, para aprender d’Ele mansidão e humildade. A redenção é o processo pelo qual a alma é treinada para o Céu. Este treino significa um conhecimento de Cristo. Significa *emancipação* de ideias, hábitos e práticas que se adquiriram na escola do príncipe das trevas. A alma precisa de ser liberta de tudo quanto se opõe à lealdade a Deus.” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 330). (Itálicos acrescentados)

Imputada

O Novo Dicionário Webster Universitário, 1973, define a palavra imputar como ”*creditar a uma pessoa ou a uma causa.*”

“Entre a grande massa de cristãos professos não é compreendido o carácter gravoso da transgressão da lei de Deus. Não compreendem que a salvação só se obtém pelo sangue de Cristo, mediante a Sua *justiça imputada*, e que só isto poderá levar o homem caído a tornar-se o que deve ser, e a exaltá-lo à posição de membro da Família Real.” (The Review and Herald, 8 de Novembro de 1892). (Itálicos acrescentados)

Na justificação, o carácter de Cristo é imputado (creditado na conta do crente). Assim, muda-se a sua posição diante de Deus.

Comunicada/Outorgada

O Novo Dicionário Webster Universitário, 1973, define a palavra comunicada por ”*dar, outorgar, conceder, transmitir, transferir*”.

“Cristo comunica a Sua justiça àqueles que consentem que Ele lhes tire os seus pecados. Somos devedores a Cristo pela graça [o Seu carácter], que nos torna completos n’Ele.” (The SDA Bible Commentary, vol. 7, pág. 972; Manuscrito 40, 1900).

“A justiça pela qual somos justificados é imputada; a justiça pela qual somos santificados é comunicada. A primeira é o nosso título para o Céu, a segunda é a nossa aptidão para ele.”

(Mensagens aos Jovens, pág. 35).

Na santificação, o carácter de Cristo é comunicado (ou transmitido ao crente e torna-se parte da sua pessoa). Assim, a sua personalidade é mudada.

A Morte do Eu

“Quando o eu é crucificado e Cristo é formado no interior, a esperança da glória, nós revelaremos, em pensamento, palavra, e acção, a realidade da nossa crença na verdade.” (Testimonies, vol. 7, pág. 116).

“Não há palavras que consigam descrever a paz e a alegria que possui aquele que aceita à letra aquilo que Deus diz. Não se deixa perturbar por provações, nem vexar por desfeitas. O eu está crucificado.” (Mensagens aos Jovens, pág. 98).

“Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.” Romanos 6:6.

“Trazendo sempre, por toda a parte, a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste, também, nos nossos corpos; e assim, nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte, por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste, também, na nossa carne mortal. De maneira que, em nós opera a morte, mas, em vós, a vida.” II Coríntios 4:10-12.

Renúncia

“Há alguns que andam à procura, sempre à procura, da pérola de grande preço. Mas não fazem uma *inteira renúncia dos seus hábitos* errados. Não *morrem para o eu*, para que Cristo possa viver neles. Por isso, não encontram a pérola preciosa.” (Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 399). (Itálicos acrescentados).

“A crença implícita na palavra de Cristo é verdadeira humildade, verdadeira renúncia ao eu.” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 523).

“Quando a alma se rende a Cristo, *um novo poder toma*

posse do novo coração. Opera-se uma mudança que o homem nunca poderá realizar por si mesmo. *É uma obra sobrenatural, que traz um elemento sobrenatural para a natureza humana.* A alma que se rende a Cristo torna-se a Sua própria fortaleza, que Ele sustém num mundo em revolta, e Ele pretende que nenhuma outra autoridade aí seja reconhecida senão a Sua própria. Uma alma assim guardada pelas agências celestes é inexpugnável aos assaltos de Satanás. ...A única defesa contra o mal é a habitação de Cristo no coração pela fé na Sua justiça. A menos que nos liguemos vitalmente com Deus, nunca poderemos resistir aos efeitos não santificados do amor-próprio, da condescendência própria e à tentação para pecar. *Podemos abandonar muitos maus hábitos, por algum tempo podemos separar-nos de Satanás; mas sem uma ligação vital com Deus, mediante a nossa entrega a Ele, momento a momento, seremos vencidos.*” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 324).

Renúncia e morte do eu significam a mesma coisa.

Nascido de Novo

“Quando o Espírito de Deus toma posse do coração, transforma a vida. ... *A bênção ocorre quando, pela fé, a alma se rende a Deus.* Então, esse poder, que nenhum olho humano pode ver, cria um novo ser à imagem de Deus. ...O seu mistério excede o conhecimento humano; contudo, *aquele que passa da morte para a vida compreende que se trata de uma realidade divina...*” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 173). (Itálicos acrescentados)

“*Como então devemos ser salvos?* ‘Como Moisés levantou a serpente no deserto’, assim o Filho do homem tem sido levantado, e todo aquele que tem sido enganado e mordido pela serpente, pode olhar e viver. *‘Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.’* João 1:29. A luz que brilha da cruz revela o amor de Deus. O Seu amor atrai-nos para Ele. Se não resistirmos a essa atracção, seremos conduzidos ao pé da cruz em arrependimento pelos nossos pecados que

crucificaram o Salvador. Então, o *Espírito de Deus, mediante a fé, produz uma nova vida na alma.*” (O Desejado de Todas as Nações, págs. 175, 176). (Itálicos acrescentados)

“‘Uma coisa te falta’, disse Jesus. ‘Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.’ Cristo leu o coração do mancebo. *Só lhe faltava uma coisa, mas essa era um princípio vital.* Ele necessitava do amor de Deus no coração. Esta falta, a menos que fosse suprida, provar-se-ia fatal para ele; toda a sua natureza seria corrompida. Pela indulgência, o egoísmo fortalecer-se-ia. *Para ele poder receber o amor de Deus, precisava de renunciar ao seu amor supremo ao eu.*” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 519). (Itálicos acrescentados)

“O novo nascimento é uma experiência rara nesta época do mundo. Esta é a razão por que há tantas perplexidades nas igrejas. Muitos, muitos mesmo, que proferem o nome de Cristo não são santos nem santificados. Foram batizados, mas foram sepultados vivos. O eu não morreu, e por isso não ressuscitaram para uma novidade de vida em Cristo.” (SDA Bible Commentary, vol. 6, pág. 1075; Manuscrito 148, 1897).

A experiência do novo nascimento necessita de uma entrega completa, uma morte para o eu, antes de poder nascer uma nova criatura pelo poder de Deus. Nós não tivemos qualquer escolha quanto ao nosso primeiro nascimento, mas o novo nascimento deve ocorrer por escolha nossa.

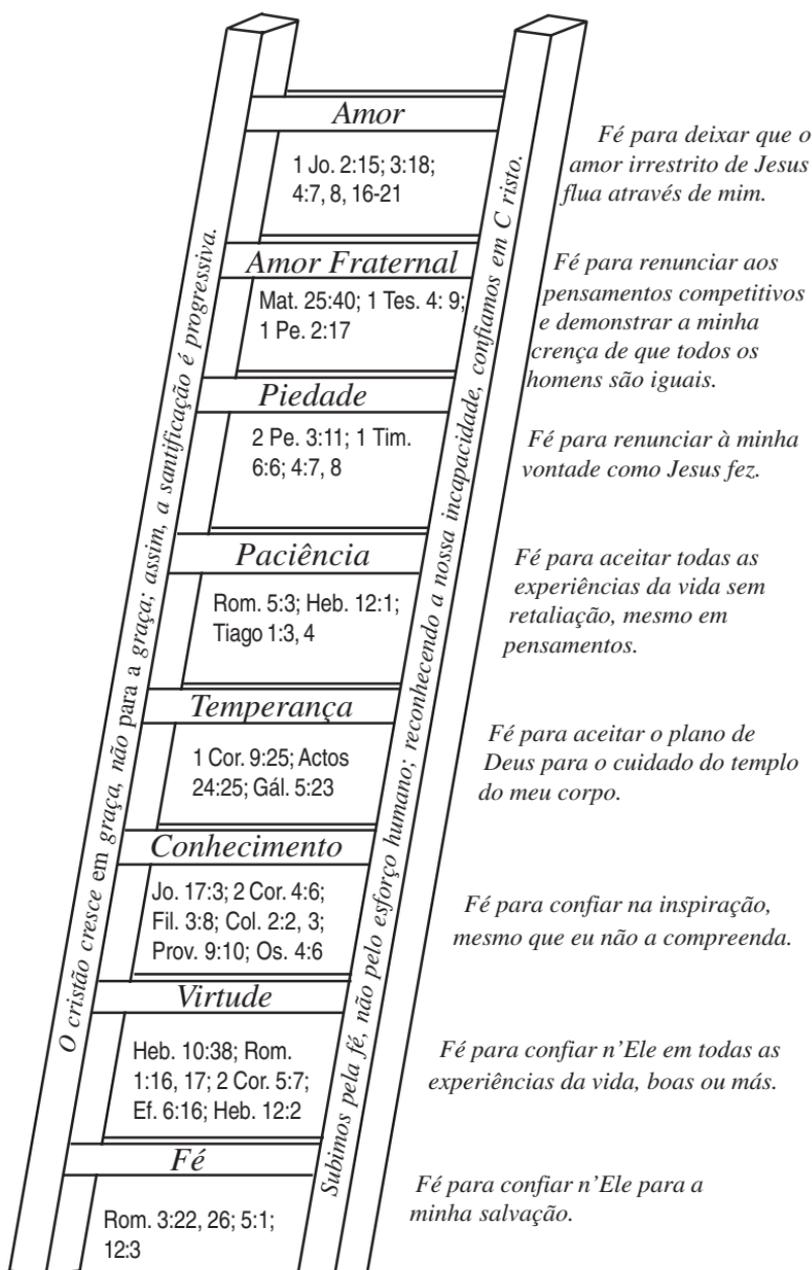
Fé

“A fé é a única condição pela qual se obtém a justificação, e a fé inclui não só a crença como também a confiança.” (Mensagens Escolhidas, livro 1, pág. 389).

Fé é aceitar à letra o que Deus diz.

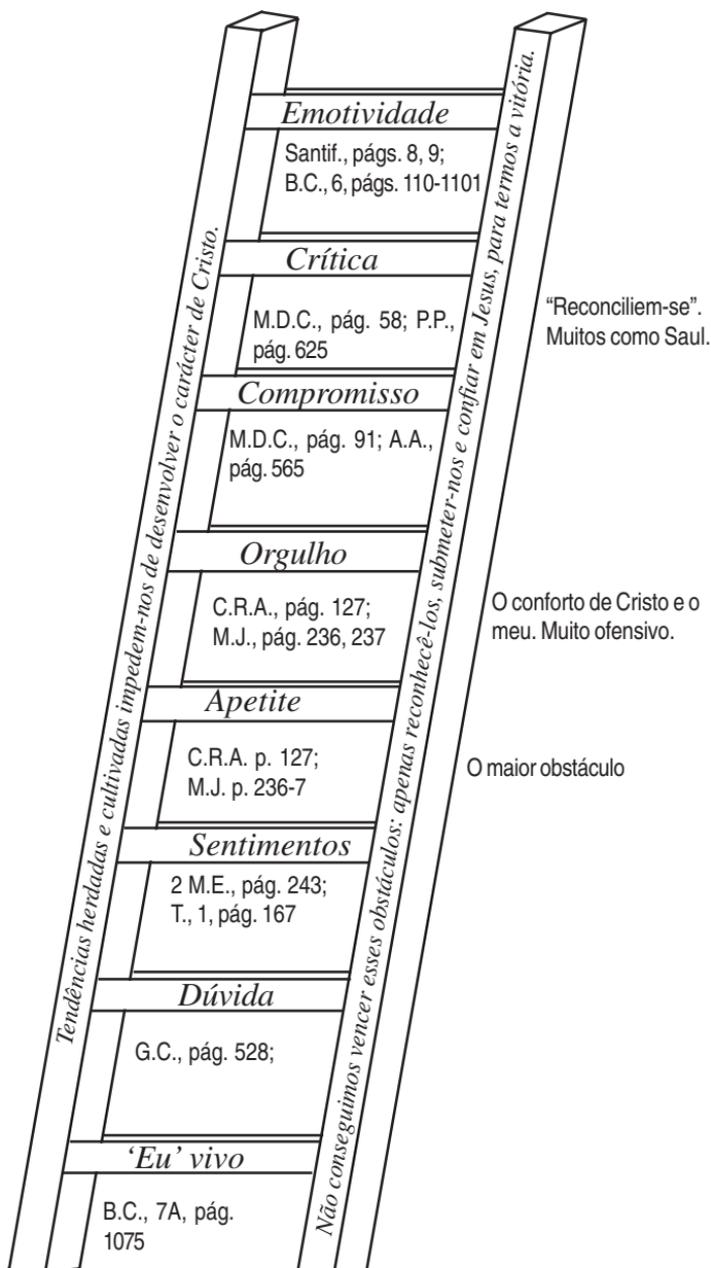
APÊNDICE C

SANTIFICAÇÃO PLANO DE DEUS



“Este é o caminho, andai nele.” Isaiás 30:21

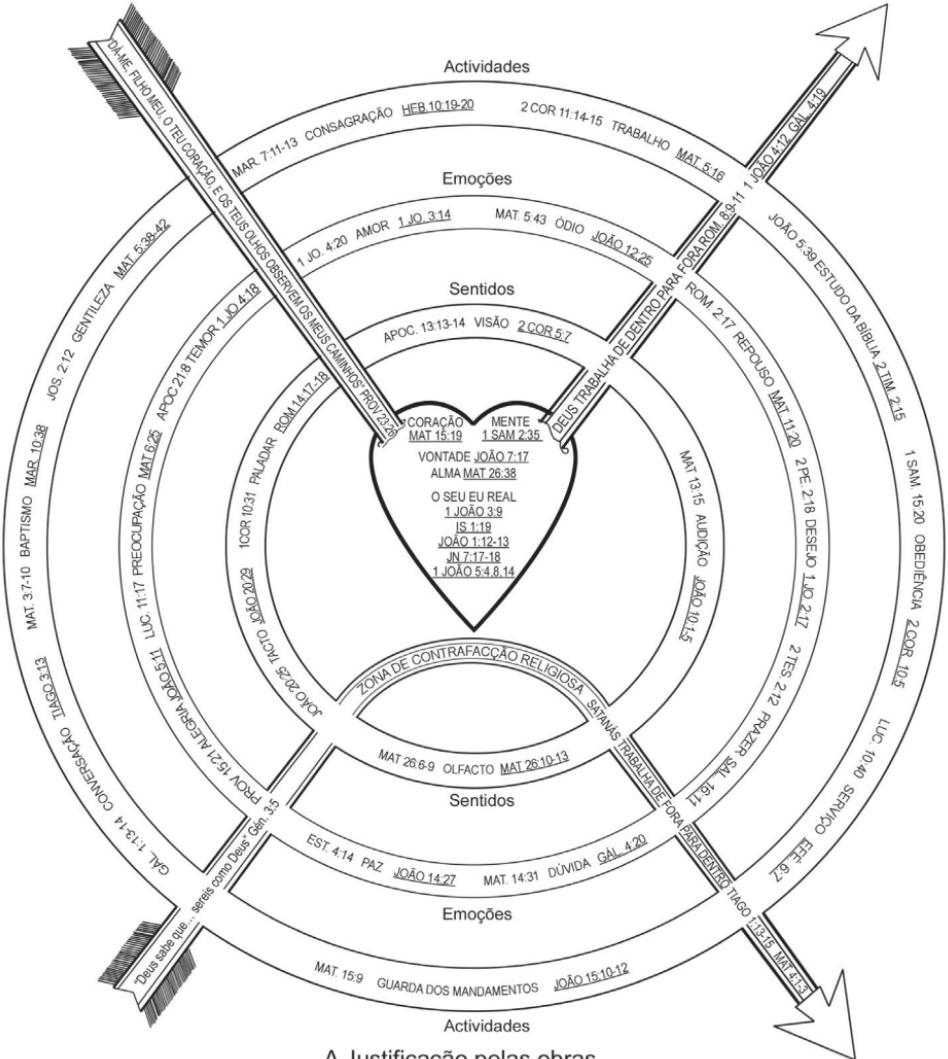
PLANO DE CONTRAFACÇÃO, PREPARADO POR SATANÁS



“Há caminho que parece direito....” Provérbios 16: 25

APÊNDICE D

O Método de Deus para Partilhar a Natureza Divina com o Homem é a Justificação pela Fé



A Justificação pelas obras
 é a contrafacção de Satanás para o Aperfeiçoamento da Natureza Humana
 Chave: Plano de Satanás Plano de Deus

